



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGPSI

SANDRA DUARTE ANTÃO

**A PROMOÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL NA ADOLESCÊNCIA:
EFEITOS DO PROGRAMA GINGA**

TESE DE DOUTORADO

Orientadora:

Prof^a Dr^a Ana Cláudia de Azevedo Peixoto

Coorientadora:

Prof.^a Dr.^a Luciene Alves Miguez Naiff

Seropédica, RJ
Março de 2025

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA –
PPGPSI**

**A PROMOÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL NA ADOLESCÊNCIA:
EFEITOS DO PROGRAMA GINGA**

SANDRA DUARTE ANTÃO

Sob a Orientação da Professora
Ana Cláudia de Azevedo Peixoto
e Coorientação da Professora Luciene Alves Miguez Naiff

Tese submetida como requisito
parcial para obtenção do grau de
Doutora em Psicologia, no Programa de
Pós-Graduação em Psicologia da
Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro, Área de Concentração
Psicologia.

Seropédica, RJ
Março de 2025

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A634p

Antão, Sandra Duarte, 27101989-
A PROMOÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL NA
ADOLESCÊNCIA: EFEITOS DO PROGRAMA GINGA / Sandra
Duarte Antão. - Volta Redonda, 2025.
208 f.

Orientadora: Ana Cláudia de Azevedo Peixoto.
Coorientadora: Luciene Alves Miguez Naiff.
Tese(Doutorado). -- Universidade Federal Rural do
Rio de Janeiro, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA - PPGPSI, 2025.

1. Psicologia. 2. Adolescência. 3. Identidade
étnico-racial. 4. Programa psicoeducativo. 5.
Antirracismo. I. Peixoto, Ana Cláudia de Azevedo,
19071973-, orient. II. Naiff, Luciene Alves Miguez,
06051969-, coorient. III Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA - PPGPSI. IV. Título.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de
Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal
de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001




UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGPSI

SANDRA DUARTE ANTÃO

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Psicologia, no Curso de Pós-Graduação em Psicologia em 02 de Abril de 2025, na área de Concentração em Ciências Humanas.

TESE APROVADA EM 02/04/2025

Banca Examinadora:

 Documento assinado digitalmente
ANA CLAUDIA DE AZEVEDO PEIXOTO
Data: 17/07/2025 08:47:07-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>


Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Cláudia de Azevedo Peixoto
(Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

 Documento assinado digitalmente
RONALD CLAY DOS SANTOS ERICEIRA
Data: 17/07/2025 14:28:41-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>


Prof.^a Dr. Ronald Clay dos Santos Ericeira
(Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

 Documento assinado digitalmente
DALILA XAVIER DE FRANÇA
Data: 18/07/2025 10:25:37-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof.^a Dr^a Dalila Xavier de França
(Universidade Federal de Sergipe)

 Documento assinado digitalmente
DIANA RAMOS DE OLIVEIRA
Data: 17/07/2025 15:18:52-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof.^a Ph.D. Diana Ramos de Oliveira
(Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

 Documento assinado digitalmente
RACHEL GOUVEIA PASSOS
Data: 18/07/2025 11:46:33-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof^a Dra^a Rachel Gouveia Passos
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

*Dedico esse trabalho a todas as pessoas negras que vieram antes de mim e construíram um
caminho de resistência para nossa existência*

Permita que eu fale
Não as minhas cicatrizes
Elas são coadjuvantes
Não, melhor, figurantes
Que nem devia tá aqui
(EMICIDA)

AGRADECIMENTOS

Ao iniciar os agradecimentos, quero primeiramente me direcionar a Deus e a espiritualidade por ter cuidado de mim em cada etapa desse percurso até aqui. Penso no quanto meus ancestrais estão orgulhosos por todo o caminho que trilhei. Ampliei minha percepção sobre fé e entendo que minha proteção vem de longe. Agradeço àqueles que vieram antes de mim e sonharam com esse momento.

Agradeço aos meus pais José Maria e Cely que ofereceram apoio incondicional para que meus dias pudessem transcorrer da melhor forma. Por transmitir a mim e aos meus irmãos os ensinamentos que nos tornaram as pessoas que somos hoje. Por me fazer acreditar que a educação é o melhor presente que poderiam me oferecer. Nesse caminho foi fundamental me lembrar dos ensinamentos que obtive e que vão me acompanhar por toda a vida.

Aos meus irmãos Aline e Luciano e a todos os meus familiares: agradeço por apoiar minha jornada, entender minhas ausências, a correria e por celebrar comigo as conquistas. Cada palavra de incentivo fez a diferença para que tivesse mais vontade de seguir. Com humildade e coragem, nossa família é para mim um porto seguro.

Aos meus amigos que tenho a sorte de ter na minha vida, entendendo e acompanhando todas as minhas mudanças e ainda assim permanecendo ao meu lado. Quero registrar aqui especialmente Daiane, Martina, Fabiane, Gabriela Braz, Illana, Luana, Grazi, Gabi Ramalho, Thamires e Maria Eduarda. Saibam que vocês foram um respiro em meio aos dias de caos e com muito afeto me ajudaram a chegar até aqui.

Agradeço aos adolescentes do Projeto Sonhos Unidos que mudaram o curso da minha vida e me ensinaram sobre a força que uma relação pode ter. Vocês me motivam a querer ser uma pessoa melhor a cada dia e fazem isso com muita alegria, música e dança. Que privilégio conhecer vocês.

A todos os participantes do Programa Ginga que confiaram no trabalho de uma equipe comprometida e interessada em compartilhar conhecimento e fortalecer a identidade daqueles que nos encontrasse.

Aos meus alunos do Projeto de extensão Ginga do UGB Volta Redonda que de maneira surpreendente me abraçaram e aprendemos a gingar juntos. Perceber o quanto crescemos e nos fortalecemos por acreditarmos na justiça como ferramenta de transformação social é inspirador.

Ao Clube Palmares e em especial ao presidente do clube Edson Daniel João, o Mister, que me deu a oportunidade de conhecer sobre a história da luta de pessoas negras na cidade de

Volta Redonda, me encorajando a seguir de maneira ética e política, entendendo que a resistência é nosso instrumento de luta.

Ao Mestre Alder e à Escola de Capoeira Angola Carço de Dendê que me proporcionaram muitos ensinamentos com provocações para que eu não esqueça que a palavra é meu instrumento de luta, que o caminho vai me exigir ginga e que a contra colonialidade é um movimento ancestral.

Ao psicólogo Bruno Reis que teve papel fundamental na minha jornada para que pudesse acessar epistemologias antes desconhecidas por mim e por me apresentar autores negros que sustentaram a construção desse trabalho.

A minha orientadora Ana Cláudia que mediou as (des)construções que vivi nesse caminho e me encorajou a viver de maneira coletiva as descobertas que vieram em cada etapa.

Ao Laboratório de Estudos sobre violência contra crianças e adolescentes (LEVICA-UFRRJ) por me inserir em reflexões valiosas e necessárias para construção desse trabalho.

ANTÃO, Sandra Duarte. **A PROMOÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL NA ADOLESCÊNCIA: EFEITOS DO PROGRAMA GINGA**. 2025. 208 pg. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Educação, Departamento de Psicologia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2025.

RESUMO

Construir uma narrativa acerca da identidade étnico-racial é uma tarefa complexa a depender do grupo de pertença. A racialização dos povos possui componentes históricos e políticos que integram a complexidade de elementos que emergem dos estudos acerca da construção da identidade e o racismo é uma das graves consequências desse processo. Esta Tese teve por objetivo implementar um programa psicoeducativo antirracista para promoção da diversidade da identidade étnico-racial de adolescentes. Foi realizado um estudo com delineamento multi métodos e abordagem qualitativa. A pesquisa foi organizada em 04 estudos: (I) Análise bioecológica do desenvolvimento de adolescentes em um território de vulnerabilidade social a partir do método da Inserção Ecológica realizada no período de 2021 a 2023. (II) Revisão Integrativa da Literatura para compreender como o processo de construção da identidade étnico-racial de adolescentes é abordado na literatura brasileira e (III) Apresentação do percurso teórico-metodológico do processo de construção do Programa Ginga -Programa psicoeducativo antirracista para promoção da diversidade da identidade étnico-racial de adolescentes; (IV) Relato de experiência da bolsa de doutorado sanduíche realizada em Moçambique. No primeiro estudo os resultados encontrados mostraram que: no que concerne às características da pessoa, eram adolescentes majoritariamente negros vindos de famílias chefiadas por mulheres, estudantes de escola pública. Acerca dos processos proximais disponíveis no ambiente eram escassos, com acesso limitado a atividades de lazer e a presença de ações de caráter caritativo e que não possuíam continuidade. Os principais agentes de influência no contexto de desenvolvimento dos adolescentes eram suas famílias, a escola, o CRAS e em muitos casos a relação com a igreja evangélica. A presença do Projeto Social Sonhos Unidos se caracterizou como um processo proximal constituindo um novo microssistema no desenvolvimento dos adolescentes. O segundo estudo apontou que é imprescindível compreender o impacto que os estereótipos impostos pelo padrão eurocentrado exprimem na identidade do adolescente e são apontadas ainda algumas estratégias de enfrentamento tais como intervenções de letramento racial no âmbito escolar, resgate da potencialidade do povo negro e fortalecimento da autoestima tanto no âmbito individual quanto coletivo que podem ser fatores protetivos ao desenvolvimento. O terceiro estudo apresentou os resultados do programa Ginga, que foi aplicado na cidade de Volta Redonda/RJ no ano de 2024 para dois públicos e contextos distintos: o primeiro grupo foram 16 adolescentes integrantes de um Projeto Social com idade entre 12 e 21 anos e o segundo grupo foram 63 estudantes do 8º ano do Colégio Getúlio Vargas da rede pública de ensino. Os resultados permitiram observar os impactos gerados na aquisição de conhecimento por parte dos participantes acerca da estrutura racista na qual o Brasil foi construído e ainda se perpetua; os privilégios da branquitude e os impactos na desigualdade racial e social; o conhecimento acerca de leis de combate ao racismo recreativo e de ações afirmativas; valorização da cultura afro-brasileira e de pessoas negras de referência na cidade de Volta Redonda. O Programa Ginga pode ser compreendido como um Programa que tem potencial para gerar proteção ao desenvolvimento de adolescentes e como uma importante ferramenta no apoio à diversidade étnico-racial e no combate ao racismo. O estudo apresenta ainda os resultados da pesquisa de Doutorado Sanduíche realizada no período de setembro a dezembro em Moçambique, produto da bolsa de estudos do edital Atlânticas do Programa

Beatriz Nascimento de mulheres na ciência/CNPq. Pesquisa realizada através do convênio entre a UFRRJ e Universidade Eduardo Mondlane.

Palavras-chave: adolescência, identidade étnico-racial, Programa Ginga, intervenção antirracista

ANTÃO, Sandra Duarte. PROMOTING ETHNIC-RACIAL IDENTITY IN ADOLESCENCE: EFFECTS OF THE GINGA PROGRAM. 2025. 208 pg. Thesis (PhD in Psychology). Institute of Education, Department of Psychology, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2025.

ABSTRACT

Constructing a narrative about ethnic-racial identity is a complex task depending on the group to which one belongs. The racialization of peoples has historical and political components that integrate the complexity of elements that emerge from studies about the construction of identity, and racism is one of the serious consequences of this process. By making intersections between race and class, it is possible to understand that the development of black adolescents in Brazil is crossed by numerous impacts arising from racism, since racial violence is a reality in the country and its effects can be considered a risk factor for development. This thesis aimed to implement an anti-racist psychoeducational program to promote the diversity of the ethnic-racial identity of adolescents. A study with a multi-method design and qualitative approach was conducted. The research was organized into 04 studies: (I) Bioecological analysis of the development of adolescents in a territory of social vulnerability based on the Ecological Insertion method carried out in the period from 2021 to 2023. (II) Integrative Literature Review to understand how the process of construction of the ethnic-racial identity of adolescents is addressed in Brazilian literature and (III) Presentation of the theoretical-methodological path of the construction process of the Ginga Program - Anti-racist psychoeducational program to promote the diversity of the ethnic-racial identity of adolescents; In the first study, the results found showed that: with regard to personal characteristics, the adolescents were predominantly black, from families headed by women, and attended public schools; (IV) Experience report on the sandwich doctoral scholarship carried out in Mozambique. The proximal processes available in the environment were scarce, with limited access to leisure activities and the presence of charitable actions that did not have continuity. The main agents of influence in the context of the adolescents' development were their families, school, CRAS and, in many cases, the relationship with the evangelical church. The presence of the Sonhos Unidos Social Project was characterized as a proximal process constituting a new microsystem in the development of adolescents. The second study pointed out that it is essential to understand the impact that the stereotypes imposed by the Eurocentric standard have on the adolescents' identity and some coping strategies were also indicated, such as racial literacy interventions in the school environment, recovering the potential of black people and strengthening self-esteem both individually and collectively, which can be protective factors for development. The third study presented the results of the Ginga program, which was implemented in the city of Volta Redonda/RJ in 2024 for two different audiences and contexts: the first group consisted of 16 adolescents who were part of a Social Project and were between the ages of 12 and 21, and the second group consisted of 63 8th grade students from the Getúlio Vargas School in the public school system. The results allowed us to observe the impacts generated in the acquisition of knowledge by the participants about the racist structure in which Brazil was built and still perpetuates itself; the privileges of whiteness and the impacts on racial and social inequality; knowledge about laws to combat recreational racism and affirmative actions; appreciation of Afro-Brazilian culture and black people of reference in the city of Volta Redonda. The Ginga Program can be understood as a program that has the potential to generate protection for the development of adolescents and as an important tool in supporting ethnic-racial diversity and

combating racism. The study also presents the results of the Sandwich Doctorate research carried out from September to December in Mozambique, as a result of the scholarship from the Atlânticas call for proposals of the Beatriz Nascimento Program for Women in Science/CNPq. Research carried out through an agreement between UFRRJ and Eduardo Mondlane University.

Keywords: adolescence, ethnic-racial identity, Ginga Program, anti-racist intervention

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LEVICA - Laboratório de Estudo sobre violência contra crianças e adolescentes

OMS - Organização Mundial da Saúde

PPCT – Processo, Pessoa, Contexto e Tempo

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

LISTA DE FIGURAS

ESTUDO 1

Figura 1 - Perspectiva Bioecológica do Desenvolvimento.....	46
---	----

ESTUDO 3

Figura 1- Orientações para realização do jogo Daga	91
Figura 2- Reflexões sobre o Jogo dos privilégios.....	93
Figura 3- Jogo Pengo-pengo.....	95
Figura 4- Roda de conversa com presidente do Clube Palmares.....	99
Figura 5 Cultura Afro-brasileira com a Escola de Capoeira Angola Carço de Dendê.....	101
Figura 6- Vivência no território do Ilê Oxum Apará.....	103
Figura 7- Visita ao acervo de Lélia Gonzalez.....	103
Figura 8- Participantes do Programa Ginga e equipe do Ilê Oxum Apará.....	104
Figura 9- Casa de Exú - povo da rua – ancestralidade da cultura afro-brasileira.....	104
Figura 10- Equipe de pesquisa realizando primeiro dia Inserção no contexto.....	113
Figura 11- Aplicação de atividade prática no pátio da escola.....	113
Figura 12- Roda de conversa com presidente do Clube Palmares.....	114
Figura 13- Equipe de pesquisa participando da Feira Pedagógica do Colégio Getúlio Vargas.....	116
Figura 14- Sala de apresentação das atividades do Programa Ginga.....	116

ESTUDO 4

Figura 1- Entrada principal do Centro Social Flori – Mahotas/Maputo.....	148
Figura 2- Área de Lazer do Centro Social Flori.....	149
Figura 3- Campo de futebol.....	149
Figura 4- Apresentação da pesquisa aos adolescentes.....	150
Figura 5- Sala de aula de adolescentes e adultos.....	150
Figura 6- Pós-entrevista com adolescentes participantes do estudo.....	152
Figura 7- Aplicação das entrevistas.....	152
Figura 8- Apresentação dos objetivos da pesquisa.....	152
Figura 9- Percepções das adolescentes pós-entrevista.....	153

Figura 10- Aluna do curso de Psicologia integrante da Equipe de Pesquisa.....	153
Figura 11- Interação lúdica através do jogo neca.....	154
Figura 12- Interação lúdica através do jogo lencinho caiu na mão.....	155
Figura 13- Interação lúdica através do jogo maflexe.....	155
Figura 14- Interação lúdica através do jogo balelo-balelo.....	156
Figura 15- Grupo de atendimento aos bebês e suas famílias.....	158
Figura 16- Experiência cultural com a dança marrabenta.....	159
Figura 17- Encerramento das atividades com os adolescentes.....	160
Figura 18- Apresentação das pesquisas desenvolvidas no Brasil.....	176
Figura 19- Encerramento do evento com recebimento de certificado.....	176
Figura 20- Discentes do 4º ano de Psicologia da UEM –Turma 1.....	178
Figura 21- Discentes do 4º ano de Psicologia da UEM – Turma 2.....	178
Figura 22- Apresentação de Monografia aluna Zandia Majope.....	180
Figura 23- Apresentação de Monografia aluno Matia Armando.....	181
Figura 24- Evento sobre saúde mental e prevenção ao suicídio.....	181
Figura 25- Vivência na Associação de Capoeira Libertação.....	183
Figura 26- Membros da Associação de Capoeira Libertação.....	183
Figura 27 Encerramento da atividade com os alunos da Associação de Capoeira Libertação.....	184
Figura 28- Experiência comunitária e resgate da história e costumes africano.....	184
Figura 29- Ato de manifestação ocorrido na Avenida 24 de Julho em Maputo.....	188

LISTA DE QUADROS

ESTUDO 1

Quadro 1: Etapas da Inserção Ecológica na comunidade.....	37
---	----

ESTUDO 2

Quadro 1: Estudos selecionados para Revisão Integrativa da Literatura.....	59
--	----

ESTUDO 3

Quadro1: Estrutura do Programa Ginga.....	83
Quadro 2: Atividade “Quem você vê na foto?”	94
Quadro 3: Frequência de participação no Programa Ginga.....	108

LISTA DE TABELAS

ESTUDO 3

Tabela 1: Informações sociodemográficas dos participantes.....	87
--	----

ESTUDO 4

Tabela 1: Dados sociodemográficos dos discentes entrevistados do curso de Psicologia.....	168
Tabela 2: Dados sociodemográficos dos docentes do curso de Psicologia.....	168

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	16
1. INTRODUÇÃO	19
2. PROBLEMA E JUSTIFICATIVA DA PESQUISA	22
3. OBJETIVOS	24
3.1 Objetivo geral	24
3.2 Objetivos Específicos	25
4. ESTUDO 1: ADOLESCER EM UM CONTEXTO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: UMA ANÁLISE BIOECOLÓGICA PARA AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO	26
4.1. Introdução.....	26
4.1.1. Desconstruir para construir: a bioecologia do desenvolvimento como estratégia de avaliação e intervenção.....	28
4.1.2. Identidade étnico-racial, racismo e os impactos da invisibilidade no desenvolvimento.....	30
4.2. Método.....	32
4.2.1. Equipe de pesquisa	33
4.2.2. Local do estudo.....	33
4.2.3. Participantes	34
4.2.4. Instrumentos para coleta de dados.....	34
4.2.5. Questões éticas	35
4.3. Resultados.....	35
4.3.1. Lentes ecológicas do desenvolvimento: uma análise a partir do território.....	39
4.3.2. Potencialidades e perspectivas: o que a Inserção Ecológica devolve para comunidade?.....	45
4.4. Conclusão do estudo 1	48
4.5. Referências	50
5. ESTUDO 2: A IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL COMO FATOR DE PROTEÇÃO AO DESENVOLVIMENTO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA	54
5.1. Introdução.....	54
5.2. Metodologia.....	56
5.3. Resultados.....	57
5.4. Discussão	62
5.4.1. Os efeitos de uma cultura da exclusão e do embranquecimento	62
5.4.2. Afirmação da negritude como estratégia de enfrentamento ao racismo.....	65

5.5.	Conclusão do estudo 2.....	67
5.6.	Referências	69
6.	ESTUDO 3: “QUEM SABE DE ONDE VEIO NÃO SE PERDE”: O PROGRAMA GINGA COMO ESTRATÉGIA ANTIRRACISTA NA ADOLESCÊNCIA.....	71
6.1.	Introdução.....	71
6.1.1.	A construção da identidade atravessada pela desigualdade racial: o que o racismo nos revela?.....	72
6.1.2	Descolonização, diversidade racial e afirmação da negritude na adolescência: um caminho protetivo.....	76
6.2.	Método.....	78
6.2.1.	Participantes e Locais da pesquisa:	80
6.2.2.	Equipe de Pesquisa	81
6.2.3.	Estrutura do Programa Ginga	81
6.2.4.	Instrumentos	86
6.2.5.	Questões Éticas.....	86
6.3.	Resultados e discussões	87
6.3.1.	Aplicações do Programa Ginga	87
6.3.2.	1ª aplicação: Em contextos comunitários - no Projeto Social	87
6.3.2.1.	Apresentação do Programa Ginga.....	88
6.3.2.2.	Aplicação do Encontro Consciência Histórica.....	90
6.3.2.3.	Aplicação do Encontro Branquitude.....	92
6.3.2.4.	Aplicação do encontro Combate ao racismo.....	96
6.3.2.5.	Aplicação do encontro Exercício da negritude.....	98
6.3.	Aplicação do encontro Cultura Afro-brasileira.....	100
6.3.2.7.	Aplicação do encontro Turismo Afrocentrado.....	102
6.3.2.8.	Avaliação da aplicação do programa.....	106
6.3.3.	2ª Aplicação do Projeto Ginga: em contexto Escolar.....	108
6.3.3.1.	Participantes	110
6.3.3.2.	Procedimentos metodológicos	110
6.3.3.3.	Reflexões emergentes no campo	111
6.4.	Conclusão do terceiro estudo.....	117
6.5.	Referências	118
	APÊNDICES	121

7. ESTUDO 4 - RELATO DE EXPERIÊNCIA BOLSA DE DOUTORADO SANDUÍCHE: CONTRIBUIÇÕES DA PERSPECTIVA AFRICANA DOS FENÔMENOS PSICOLÓGICOS PARA REAFIRMAÇÃO DA NEGRITUDE NA ADOLESCÊNCIA	143
7.1. Síntese das atividades desenvolvidas e aplicação metodológica.....	144
7.2. Africanidade e Afrocentricidade: reflexões emergentes em Moçambique.	146
7.2.1. A experiência com os adolescentes	146
7.2.2. A formação em Psicologia: resquícios da colonialidade e modos de resistência.....	166
7.2.3. Opressão colonial, identidade e os desafios para preservação do ser africano.....	169
7.3. A produção de conhecimento Brasil x Moçambique.....	174
7.3.1. Contribuições para formação dos discentes em Psicologia da Universidade Eduardo Mondlane	176
7.3.2. Percepções sobre a Disciplina Perspectivas Africanas dos Fenômenos Psicológicos	178
7.3.3. Outras vivências acadêmicas no contexto moçambicano	180
7.4. Vivências comunitárias e o fortalecimento da identidade afro-brasileira	182
7.5. Demonstração e comparativo específico das metas com os resultados alcançados	186
7.6. Conclusão do doutorado sanduíche	189
7.7. Referências	191
APÊNDICES	193
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS DA TESE.....	206

APRESENTAÇÃO

A temática escolhida para elaboração desse estudo se apresenta para mim, primeiramente, como uma descoberta pessoal e que se tornou o meio pelo qual reconheço, ser um instrumento de luta e resistência. Iniciei minha trajetória com a comunidade Paraíso de Cima localizada em uma área periférica e de vulnerabilidade social, na cidade de Barra Mansa, no ano de 2018, com os estudos no Mestrado e como integrante do LEVICA (Laboratório de Estudos Sobre Violência contra crianças e adolescentes) (ANTÃO, 2020). Desde o início percebia uma dificuldade marcante no que concerne ao acesso a intervenções para o atendimento dessas realidades.

Para conhecer possíveis intervenções estruturadas a partir dos pressupostos teóricos da abordagem Cognitivo Comportamental no Brasil na última década para crianças e famílias em situação de vulnerabilidade social, realizei como parte da pesquisa de Mestrado uma Revisão Integrativa da Literatura e mostrou que não foram encontrados protocolos baseados nesta abordagem teórica para esta população. O artigo, que foi publicado em 2021, apontou ainda que para atuação em contextos de vulnerabilidade social é necessário o trabalho em rede e que o pesquisador participe ativamente do contexto ecológico da comunidade (ANTÃO, DE AZEVEDO PEIXOTO, 2021).

Meu trabalho como psicóloga voluntária na comunidade, desde então, tem sido de extrema relevância para o direcionamento do meu olhar enquanto pesquisadora para questões sociais, atravessadas por uma condição sócio-histórica pautada na desigualdade social e produtora de sofrimento, com desdobramentos éticos e políticos.

Vindo de uma experiência clínica, com forte estrutura elitista, buscava levar a Terapia Cognitivo Comportamental (TCC) para outros contextos e precisei aprender a manejar as lacunas que emergiram a partir de cada vivência na comunidade.

Os desafios para compreender o papel da Psicologia naquele contexto foram imensos. Me inseri no Projeto Social Sonhos Unidos, que tinha o objetivo de promover a justiça social e autonomia de adolescentes daquele território. O projeto tinha o apoio de uma Assistente Social, e as atividades eram propostas e realizadas pelos próprios adolescentes, estimulando seus interesses e valorizando sua participação.

Ao me inserir na comunidade e nas atividades dos adolescentes, era inevitável perceber que naquele contexto existia uma demarcação racial: pessoas negras constituíam a identidade daquele território. A partir disso, a pesquisa ganhou novos contornos. O movimento de levar

uma abordagem clínica para dentro da comunidade seria uma estratégia colonizadora e perpetuaria a falta de protagonismo que pessoas negras sofrem histórica e cotidianamente. E ainda, estar inserida em uma comunidade periférica e não dialogar sobre os impactos do racismo faria da pesquisa mais um instrumento de silenciamento. Assim surgiu o programa Ginga! Vocês saberão sobre ele durante a leitura desta tese.

Na relação com a comunidade tenho percebido os diferentes impactos e agravantes aos quais as famílias enfrentam diariamente. E ainda tem sido possível identificar inúmeras lacunas na integração do conhecimento necessário para atuar nesses contextos. Refiro-me à carência de estudos que operacionalizam a atuação de profissionais psicólogos para dialogar com questões que auxiliem a transpor o mito da democracia racial e social existentes no país, pois a desigualdade social no Brasil tem uma cor e é o povo negro que reflete essa estatística. Além disso, ressalto ainda que foi a partir da minha inserção nessa realidade, que todo meu processo identitário enquanto mulher preta começou a ser questionado.

Um grande impacto enquanto pesquisadora por também ter sido vítima de um silenciamento e embranquecimento próprios de uma sociedade racista. Deu-se início aí uma contestação interna com reflexos diretos na prática profissional que fazem uma pergunta ecoar em mim quando ocupo determinados espaços: como não enxerguei isso antes? Foi aí que percebi a necessidade e urgência de me posicionar como mulher, negra e pesquisadora.

Todas essas reflexões me levaram a compreender a importância da Psicologia na luta antirracista, através do desenvolvimento de reflexões sobre a formação da identidade étnico-racial. Na relação com os adolescentes da comunidade percebo o quanto são articulados, potentes, com habilidades para uma construção crítica sobre o seu contexto de desenvolvimento. Ao me deparar com o racismo no cotidiano e com os inúmeros relatos trazidos por eles, pensava que eu precisava de estratégias porque a violência racial silencia, invisibiliza e mata.

E com isso, estando hoje como docente no curso de Psicologia, busco inserir epistemologias que seguem há anos invisíveis nas discussões acadêmicas desse curso. Questiono os alunos “para quem” estão fazendo Psicologia e busco inserir debates que questionam a lógica colonial que estruturou nossa profissão. Convido-os a refletir sobre os impactos da supremacia branca na produção de conhecimento e como isso molda nosso olhar e nossa prática. Com muita ginga, sigo resistindo nos espaços acadêmicos e que não foram pensados para mulheres como eu e me lembro sempre que eu sou aquela que o sistema disse que eu não seria.

Espero, com meu trabalho, contribuir para que o racismo não apague a identidade daqueles que estão se construindo e que reconheçam a força e o potencial que existe na história do povo negro. Reafirmo: a descoberta começou em mim.

1. INTRODUÇÃO

Direcionar a atenção para as necessidades emergentes na infância e adolescência, promovendo sua proteção integral, é um direito assegurado em lei para que as demandas surgidas nesta fase do desenvolvimento recebam intervenções singulares. O ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Federal n. 8.069/90), comemorou 30 anos de sua promulgação no ano de 2020 e incita pesquisadores a desenvolver diálogos que reconheçam os avanços alcançados até o momento, mas que também possam revelar os limites encontrados na aplicação das Políticas Públicas voltadas para essa população. Fundamental ainda compreender para qual infância e adolescência os estudos vêm sendo direcionados, uma vez que historicamente, conforme aponta Santos, Neto e Koller (2014, p.19) “a adolescência, para a Psicologia, está fundamentada em um único ícone: homem-branco-burguês-racional-ocidental, europeu ou norte-americano”. Dessa forma, ao compreender os diferentes contextos em que o desenvolvimento se estabelece, tornam-se cruciais estudos que abarque os impactos das diferentes variáveis envolvidas, entre elas, raça, gênero, realidade social e cultural do território onde a pessoa em desenvolvimento se encontra, acesso à educação, bens e serviços, dentre outras.

A precarização de acesso a tais variáveis é um dos diversos elementos que crianças e adolescentes que se encontram em vulnerabilidade social sofrem ao longo de seu desenvolvimento. Associado ao fator de vulnerabilidade social, compreende-se que nesses ambientes estão mais expostas a instabilidade emocional, causada por maior exposição a eventos estressantes, violência comunitária, conflitos intrafamiliares, limitação no acesso às Políticas Públicas envolvendo saúde e educação, baixo suporte social externo, sendo alguns dos inúmeros fatores de risco a serem compreendidos ao se pensar nos desafios da aplicabilidade da ciência psicológica nesta realidade (ANTÃO, DE AZEVEDO PEIXOTO, 2021).

Dentre as inúmeras violações encontradas nessa realidade, destacam-se nesse trabalho os impactos da desigualdade racial existente no Brasil. Historicamente, a vulnerabilidade social tem uma identidade no país e é a população negra que reflete essa realidade. A racialização dos povos trouxe impactos sem precedentes para manutenção das desigualdades e legítima, até os dias atuais, a existência da discriminação e desproteção de um povo (ALMEIDA, 2020). Somado a isso, o enfrentamento às consequências do racismo no Brasil indica uma trama complexa e sobretudo desafiadora, pois o Mito da Democracia Racial estabeleceu no imaginário social um discurso de igualdade entre os povos, onde aqueles que conseguem alcançar melhores posições sociais, deve-se única e exclusivamente à sua capacidade. Dessa forma, uma pessoa

negra constroi uma ideia a respeito de si de incapacidade e inferioridade, pois não compreende que na verdade, como afirma Ribeiro (2019, p.43) “esse debate não é sobre capacidade, mas sobre oportunidades”. Tais oportunidades nunca foram igualitárias e o povo negro segue sofrendo os impactos das barreiras do racismo estrutural que orientam as relações no país.

Por essa razão, ao se propor a estudar o desenvolvimento de adolescentes, é preciso identificar que a construção de sua identidade perpassa uma história, uma cultura, um sistema político e social. É preciso reconhecer que, a depender da identidade étnico-racial desse adolescente, os impactos em seu desenvolvimento possuem caminhos distintos, pois como retrata o rapper Emicida (2019) “existe pele alva e pele alvo”.

Esse trabalho se propôs a construir caminhos que pudessem auxiliar no direcionamento de estratégias concretas na luta antirracista, compreendendo o desenvolvimento e a saúde mental de adolescentes negros, fortalecendo sua identidade, lutando por seus direitos e questionando a estrutura racista do Brasil. O trabalho buscou também compreender que as estratégias propostas visavam estimular a diversidade étnico-racial e o respeito às diferenças, favorecendo a compreensão de adolescentes não negros sobre a importância de todas as pessoas no combate ao racismo.

A pesquisa de abordagem qualitativa foi organizada em 04 estudos: (1) Inserção ecológica na comunidade (2) Revisão Integrativa da Literatura sobre a temática do estudo (3) Criação e aplicação do programa Ginga - programa psicoeducativo para desenvolvimento da identidade étnico-racial, (4) Relato de experiência da bolsa de doutorado sanduíche em Moçambique. O trabalho está organizado em quatro capítulos, formando um referencial teórico através de autores/as que discutem as questões que abarcam as relações étnico-raciais e os processos de construção da identidade tendo o racismo como principal componente de análise.

O estudo 1, denominado “Adolescer em um contexto de vulnerabilidade social: uma análise bioecológica para avaliação e intervenção”, apresenta os resultados da Inserção Ecológica no trabalho desenvolvido com adolescentes do Projeto Social Sonhos Unidos observados no período de 2021 a 2023, sendo este um contexto de vulnerabilidade social. Através do método da Inserção ecológica, foi realizada uma aproximação da realidade dos adolescentes, do território e suas características, fatores de risco e potencialidades. A partir dessa vivência, foi possível construir discussões acerca da identidade étnico-racial dos participantes, processos que potencializam e fragilizam o desenvolvimento e de que forma avaliações e propostas de intervenção podem ser elaboradas representando de maneira mais fidedigna possível o retrato vivenciado pelos participantes. Uma análise qualitativa dos dados

foi realizada, sendo utilizadas as percepções da equipe de pesquisa através de seus diários de campo e observações sistemáticas.

O estudo 2 intitulado “A identidade étnico-racial como fator de proteção ao desenvolvimento: uma revisão integrativa da literatura” foi construída a partir dos dados encontrados no estudo 1, buscando compreender como a produção de conhecimento científico no Brasil têm abordado o processo de formação da identidade étnico-racial de adolescentes e quais estratégias podem auxiliar esse processo. A construção desse estudo justificou-se pois, a partir da Inserção ecológica, foram observadas lacunas no que concerne ao acesso a estudos que abordassem a construção da identidade étnico-racial do adolescente negro.

O estudo 3 de título “Quem sabe de onde veio não se perde: o programa Ginga como estratégia antirracista na adolescência” teve por objetivo apresentar o percurso teórico-metodológico do processo de construção do Programa Ginga - Programa psicoeducativo antirracista para promoção da diversidade da identidade étnico-racial de adolescentes bem como os resultados encontrados na aplicação em dois contextos – comunitário e escolar. A construção do programa foi realizada a partir da intersecção dos estudos 1 e 2, buscando oferecer aos adolescentes participantes da pesquisa estratégias que os auxiliassem a conhecer aspectos inerentes a identidade negra, bem como favorecer diálogos para promoção da diversidade étnico-racial. A primeira aplicação descrita retrata os resultados encontrados no contexto comunitário e a segunda aplicação retrata os impactos observados no contexto escolar.

O estudo 4 irá apresentar o relato de experiência do Programa de Doutorado Sanduíche realizado em Moçambique no período de setembro a dezembro/2024 que teve por objetivo identificar epistemologias aplicadas no desenvolvimento da identidade étnico-racial para valorização da história, cultura e ancestralidade africana no contexto Moçambicano e contribuir para a reafirmação da negritude de adolescentes brasileiros. O edital Atlânticas do Programa Beatriz Nascimento de mulheres na ciência contemplou 86 mulheres negras, quilombolas, indígenas e ciganas com bolsas de estudos para desenvolver suas pesquisas de doutorado e pós-doutorado no exterior. O edital Atlânticas é uma iniciativa do Ministério da Igualdade Racial (MIR) em parceria com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Ministério das Mulheres (MM) e Ministério dos Povos Indígenas (MPI).

Esta pesquisa buscou apresentar desdobramentos práticos para que os adolescentes saibam se posicionar para questionar a lógica racista que sustenta a sociedade, tendo como objetivo geral a implementação de um programa psicoeducativo antirracista para promoção da identidade étnico-racial de adolescentes. Através dessa intervenção, almeja-se estimular a

construção de discursos emancipatórios, possibilitando o acesso ao reconhecimento do racismo enquanto estrutura de poder e portanto, elemento ameaçador que deve ser erradicado.

2. PROBLEMA E JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

Um dos grandes desafios apresentados à Psicologia do Desenvolvimento é um aporte teórico que contemple especificidades inerentes ao contexto de vida que se apresenta à criança e ao adolescente. Somado a isso, são escassos estudos que abarquem a formação da identidade étnico-racial como elemento de análise da saúde mental. Sendo formada por quase 56% de pessoas negras, o Brasil necessita de políticas de saúde que retratem a realidade do seu povo e

que dialoguem com os impactos do racismo na vida de crianças e adolescentes. E ainda que aponte estratégias de intervenção que auxiliem a construção de uma sociedade antirracista (MATOS E FRANÇA,2021; SILVA et al.,2021).

A compreensão de que não partimos do mesmo lugar é basilar para o surgimento de pesquisas que contestem esse fato, pois as maiores vítimas de violência, aqueles que mais acessam serviços deteriorados como educação e saúde são pobres e majoritariamente negros. Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2021) elucidam que 76,2% das pessoas assassinadas em 2020 eram negras. A cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no país. Dos adolescentes entre 15 a e19 anos vítimas de violência letal, 81% eram negros. As vítimas de intervenções policiais nesse mesmo ano foram representadas em 78,9% por pessoas pretas. O levantamento realizado pela Fundação Abrinq (2022), apresentou os impactos da Pandemia mundial do novo coronavírus (covid-19) na educação de crianças e adolescentes. Para seguir a medida sanitária de isolamento social recomendada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), o ensino à distância tornou-se realidade para inúmeras famílias brasileiras e foi possível observar o descortinamento da desigualdade social no país. Os dados evidenciaram que mais de uma em cada quatro crianças e adolescentes não acessava a internet através de qualquer equipamento e o perfil encontrado foi de famílias que em sua maioria utilizavam algum benefício do governo, como o Programa Bolsa Família. Entre os meses de julho e novembro de 2020, em média, 1,66 milhão de crianças e adolescentes de até 17 anos de idade informaram não estar estudando.

Diante dessa realidade, a Psicologia necessita contribuir para que toda forma de opressão e injustiça sejam eliminadas e ganhem novas perspectivas: apontar fatores de proteção pode fomentar ações que preservem crianças e adolescentes durante seu curso de vida, para que vivenciam de forma digna e respeitosa as suas experiências. Há urgência para que o desenvolvimento de práticas decoloniais de intervenção pautadas na diversidade étnico-racial e no empoderamento da identidade sejam estruturadas. Nesse percurso, surgem minhas questões de pesquisa: quais os efeitos do racismo no processo de desenvolvimento da identidade? Como a construção da identidade étnico-racial de adolescentes é investigada na literatura nacional? A diversidade étnico-racial tem sido avaliada como fator protetivo ao desenvolvimento? Como os adolescentes participantes deste estudo percebem o processo de formação de sua identidade étnico-racial? Quais estratégias podem colaborar para o desenvolvimento da identidade étnico-racial de adolescentes? Quais seriam os efeitos observados nos adolescentes?

A Tese defendida nessa pesquisa é a obtenção de conhecimento acerca da história do povo negro pode contribuir para o fortalecimento da identidade do adolescente negro e estimular um diálogo pautado no respeito a diversidade étnico-racial para todos os adolescentes.

Sabendo que a construção da identidade étnico-racial é um processo contínuo, pretende-se com esse estudo subsidiar a construção de práticas para valorização da identidade do adolescente negro. Que o olhar esteja atento às potencialidades e capacidades muitas vezes silenciadas pelo preconceito e pela discriminação racial. Espera-se ainda que a opressão e o silenciamento impostos pelo racismo encontrem nesse trabalho uma via de esperança para que diretrizes ao cuidado da saúde mental de adolescentes sejam dignamente contempladas. Com esperança, Djamila Ribeiro (2019, p. 30) nos adverte que “é importante ter em mente que para pensar soluções para uma realidade, devemos tirá-la da invisibilidade”

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Conhecer os processos de construção da identidade étnico-racial de adolescentes negros no contexto brasileiro.

3.2 Objetivos Específicos

- Elaborar e implementar o Programa Ginga - programa psicoeducativo antirracista para promoção da diversidade da identidade étnico-racial de adolescentes;
- Estruturar a metodologia de aplicação do Programa Ginga;
- Elaborar intervenções grupais através de jogos psicoeducativos;
- Aplicar o Programa Ginga em dois contextos: escolar e comunitário;
- Avaliar o impacto do Programa Ginga através da percepção dos adolescentes.

4. ESTUDO 1: ADOLESCER EM UM CONTEXTO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: UMA ANÁLISE BIOECOLÓGICA PARA AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO

4.1. Introdução

O desenvolvimento humano em uma perspectiva psicossocial permite vincular as diferentes fases do ciclo vital à questões que contemplam além de mudanças físicas e psicológicas, a compreensão da influência de fatores tais como as condições econômicas vivenciadas no território em que se estabelece o desenvolvimento, a vivência cultural, a organização política e o momento histórico que atravessa a constituição da pessoa.

As fases como a infância, adolescência, adultez e velhice integram diferentes perspectivas e indicam a heterogeneidade envolvida na atuação com essas populações, indicando assim os desafios teórico metodológicos na formulação das ações a serem aplicadas que exigirá conceitualização e estruturação das intervenções a serem que forem implementadas. (SANTOS, NETO E KOLLER, 2014; ZAPPE E DELL'AGLIO, 2016). Ao englobar as especificidades que cada fase exige, pesquisadores são incitados a pensar na criação de Políticas Públicas para uma determinada população que contribuam para a transformação de suas demandas em ações práticas e de potencialização do desenvolvimento.

Em 2020, estimava-se que 54,5 milhões de crianças e adolescentes entre zero e 19 anos de idade residiam no Brasil, representando cerca de 26,8% da população do país, segundo publicado pela Fundação Abrinq no relatório que apresentou o cenário da Infância e Adolescência no Brasil A). No país, as demandas apresentadas pela infância e adolescência ganharam contornos basilares a partir da promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), dispondo diretrizes para proteção integral destinadas para essa população que devem assegurar a aplicação dos direitos expressos na lei para todas as crianças e adolescentes sem discriminação de raça, etnia, religião, situação familiar, condição econômica e sociocultural, concedendo prioridade absoluta na execução de estratégias para garantia de tais direitos. Neste estudo, o enfoque será a adolescência, que compreende pessoas entre doze e dezoito anos de idade, definição indicada segundo o ECA (BRASIL, 1990).

Tradicionalmente, é possível encontrar na literatura que universalmente a adolescência era conhecida por um período de crises e instabilidades, contudo tem sido amplamente difundida a concepção acerca do desenvolvimento do adolescente como uma construção social

com impacto para o indivíduo e para a sociedade, em sua condição de cidadão (PAPALIA, OLDS E FELDMAN, 2013; ZAPPE E DELL'AGLIO, 2016).

Visando contribuir para uma visão mais atualizada acerca da adolescência, Senna e Dessen (2012) objetivaram em seu estudo a caracterização desse período do curso de vida. As autoras mencionam desde as primeiras tentativas de descrever a adolescência que remontam o início do século XV, que abarcam o enfoque dado à descrição dos processos de desenvolvimento pautados nas mudanças biológicas, retratam a importância das teorias com olhar psicossocial e construtivista, ressaltam a relevância acerca da inclusão dos estudos sobre os fatores socioculturais vividos pelo adolescente até os apontamentos que mostram as tendências atuais que legitimam pesquisas que não se orientem “pelo que falta” mas sim que lancem seus interesses em reconhecer os recursos do indivíduo e de seu território.

Ainda que muitos avanços no que concerne às necessidades psicossociais da adolescência sejam observados no Brasil, é possível perceber a escassez de estudos que apresentem narrativas acerca da identidade étnico-racial da pessoa em desenvolvimento. (FREDERICO, 2022). A hegemonia eurocêntrica fundou a base da Psicologia em sua estrutura epistemológica, no entanto, no Brasil, os dados apontam que 56% da população é negra, o que indica as fragilidades a serem encontradas para explicar o funcionamento psíquico e social que retrata de maneira fidedigna a realidade.

Analisar, por exemplo, o estabelecimento da identidade de adolescentes de diferentes raças, exige uma postura social e politicamente sustentada, pois como parte da identidade é consolidada através da construção das relações sociais, Almeida (2020, p. 77) nos recorda que:

“Tanto o “ser branco” quanto o “ser negro” são construções sociais [...]. Assim como o privilégio faz de alguém branco, são as desvantagens sociais e as circunstâncias histórico-culturais, e não somente a cor da pele ou o formato do rosto, que fazem de alguém negro”.

Com isso, a Psicologia do Desenvolvimento necessita de avanços que dialoguem política e culturalmente com os sistemas responsáveis pela concepção que hoje se tem sobre infância e adolescência, contribuindo para a quebra de discursos que universalizam a subjetividade e pluralidade das pessoas. Nessa vertente, o presente artigo irá dialogar acerca da importância do método da Inserção Ecológica para estudos em contextos naturais, apresentando os resultados encontrados a partir da inserção no ambiente de desenvolvimento de adolescentes que vivem em situação de vulnerabilidade social no bairro Paraíso de Cima em uma comunidade periférica na cidade de Barra Mansa/Rio de Janeiro. O referido método está alicerçado na Teoria Bioecológica de Urie Bronfenbrenner (1979/1996). Serão discutidas

questões acerca da identidade étnico-racial encontrada nesse território, processos que potencializam e fragilizam o desenvolvimento e de que forma avaliações e propostas de intervenção podem ser elaboradas representando de maneira mais fidedigna possível o retrato vivenciado pelos participantes do estudo.

4.1.1. Desconstruir para construir: a bioecologia do desenvolvimento como estratégia de avaliação e intervenção

A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento de Urie Bronfenbrenner (1979/1996), vem subsidiando distintas pesquisas que investigam as diferentes mudanças ocorridas ao longo do ciclo vital, a partir dos contextos e de interações recíprocas em que estas ocorrem, observando os processos envolvidos nessas mudanças bem como as perspectivas adotadas sob influência do tempo.

O referido autor contribuiu com o avanço de estudos que direcionam um olhar para o ser em desenvolvimento a partir da análise da interação de inúmeras variáveis constantes no ambiente, sendo este mais proximal ou distal à pessoa em questão. Esse reordenamento na forma de produzir conhecimento, deu sustentação teórica para seus estudos e em 1979 apresentou a Teoria Ecológica, sendo o ambiente considerado de maneira essencial e intrinsecamente relacionado ao desenvolvimento do indivíduo. Com o avanço de suas pesquisas, a teoria foi se atualizando, contemplando aspectos cada vez mais complexos, assim nomeados como o Modelo PPCT - processo, pessoa, contexto e o tempo (BRONFENBRENNER,1996), resultando em uma nova denominação de teoria, agora conhecida como Teoria Bioecológica do Desenvolvimento (BENETTI, VIEIRA, CREPALDI e SCHNEIDER,2013).

Há dessa maneira, uma reorientação da relação tradicionalmente utilizada nas ciências comportamentais, que de um lado supõe o sujeito que obtém e controla o conhecimento e de outro aquele que deve colaborar com o fornecimento de dados a respeito de sua história. A respeito disso Bronfenbrenner (1996, p.26) apresenta que:

Uma orientação ecológica enfatizando a definição do sujeito da situação atribui muito mais importância ao conhecimento e à iniciativa das pessoas sob estudo. De forma alguma são excluídas instruções e manipulações experimentais, só que elas visam a esclarecer ou determinar os aspectos objetivos do meio ambiente (por exemplo, selecionar o ambiente, determinar papéis, designar tarefas) em vez de especificar como o sujeito deve se comportar. Ao permitir que atividades emergjam espontaneamente dentro do contexto ambiental dado, o investigador pode obter evidências relativas ao significado psicológico do contexto dos participantes.

Koller, Morais e Paludo (2016) apresentam estudos conduzidos com crianças, adolescentes e famílias que vivem em situação de vulnerabilidade social os quais foram

sistematizados a partir desse modelo teórico, indicando a eficácia encontrada nos resultados quando os dados exprimem de maneira fidedigna o desenvolvimento do ser humano a partir de sua realidade. Trata-se da Inserção Ecológica, sendo “um método que privilegia a inserção dos pesquisadores no ambiente de pesquisa, com o objetivo de estabelecer proximidade com o seu objeto de estudo” (KOLLER, MORAIS E PALUDO, 2016, P.68). Estudos conduzidos utilizando esse método têm possibilitado a vivência no ambiente natural dos participantes, permitindo também a realização de orientações e encaminhamentos, compreendendo diferentes elementos presentes no contexto ecológico de desenvolvimento.

Preconiza-se que o pesquisador desenvolva vinculação junto à comunidade estudada, engajando-se ativamente na realidade de vida que envolve sua pesquisa, para então ter ferramentas para avaliar e propor estratégias de intervenção. O trabalho é desenvolvido junto a uma equipe de pesquisa, que recebe treinamento metodológico necessário à inserção. Também há combinação de diversas estratégias para realização da coleta de dados, tanto quantitativas como qualitativas. E como salientam as autoras: “a pesquisa deve ser pensada sempre como ferramenta para subsídio de políticas sociais e promoção de saúde e educação” (KOLLER, MORAIS E PALUDO, 2016, P.84). Dessa forma a Inserção Ecológica estrutura-se com o devido rigor metodológico, ecologicamente validado, pois os resultados refletem a experiência dos participantes do estudo.

Reconhece-se a partir do paradigma bioecológico, que a avaliação e intervenção com adolescentes possui inúmeras variáveis que na pesquisa ecológica deverão, de forma exequível e planejada, serem incluídas na análise dos dados, permitindo assim maiores generalizações dos fenômenos e não limitando a apenas uma situação específica.

A primeira análise a partir da Teoria Bioecológica proposta é a compreensão do conceito de validade ecológica. Bronfenbrenner (1996) preconiza que uma investigação científica deverá avaliar a extensão entre a percepção que o sujeito investigado tem do seu meio ambiente e as propriedades supostas ou presumidas pelo investigador, sempre pautadas em informações disponíveis no ambiente. Não se trata de definir uma pesquisa como válida ou não, mas sim de garantir em suas discussões um retrato o mais próximo possível dos elementos vividos em condições naturais de desenvolvimento.

Dito isso, o delineamento de pesquisa a partir desse paradigma requer a inclusão da análise dos quatro componentes: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo -modelo PPCT- apresentando de que maneira as conexões entre eles se estabelecem. Esses elementos irão possibilitar a obtenção de questões que vão desde características individuais da pessoa em

desenvolvimento, relacionando os impactos do contexto proximal e distal, até a compreensão de que maneira estímulos externos podem fomentar ou enfraquecer o processo desenvolvimental. Salienta-se ainda que as mudanças ocorridas ao longo do tempo devem ser consideradas, tanto no nível micro, por exemplo mudança de escola ou de moradia, até mudanças políticas como um governo que valoriza ou não as pautas sociais.

Cada um desses elementos será apresentado nos resultados desse artigo, possibilitando uma maior compreensão do fenômeno e seus desdobramentos metodológicos. Por hora, torna-se relevante salientar que a partir da inserção no contexto de desenvolvimento dos participantes, observações acerca da identidade racial ali observada foram determinantes para construção desse estudo. A partir disso, foi possível construir uma perspectiva que se propõe a ser protetiva no que concerne a elaboração de estratégias de enfrentamento ao racismo e à promoção da diversidade étnico-racial, pois conforme afirma SOUZA (2021.p.45) o discurso a respeito de si “se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade”. Desta forma, o caminho para construir foi desconstruir.

4.1.2. Identidade étnico-racial, racismo e os impactos da invisibilidade no desenvolvimento

Formar uma visão de si mesmo, elaborando gradativamente a noção de quem se é, permeia uma diversidade de fatores que vão integrando questões subjetivas e que se desdobram na coletividade. Construir uma narrativa da própria vivência é algo complexo e socialmente estabelecido, onde tecer um discurso daquilo que conhecemos por identidade é permeado pela história que é vivida e por aquilo que nos mostram quem somos ou que podemos ser (MUNANGA,2019).

A adolescência enquanto fase do desenvolvimento, acontece em um continuum de potencialidades da pessoa, emergindo em interações dialógicas do seu contexto, do momento sócio-histórico e político. Ao construir uma narrativa acerca de adolescente no Brasil, é primordial uma análise que contemple essas variáveis. E ainda, o processo de adolescer está assim mediado por processos que podem potencializar ou enfraquecer as características da pessoa em desenvolvimento (SANTOS, NETO E KOLLER,2014; BRONFENBRENNER,1996).

Por esse motivo é fundamental falar em adolescências e observar: qual adolescente está sendo observado? Onde esse adolescente vive? Quais são as influências sócio-históricas que precedem a sua existência? A heterogeneidade de elementos advindos dessas questões permite

encontrar no contexto de desenvolvimento um caminho. No entanto, o caminho encontrado poderá gerar mais questionamentos que soluções, o que fomenta também a justificativa para que a pesquisa científica trilhe meios para que propostas sejam elucidadas. Neste trabalho foi utilizado um recorte sobre os temas que envolvem a formação da identidade do adolescente negro no Brasil e seus impactos e impasses no cenário atual.

A definição de identidade aqui adotada irá refletir a construção do antropólogo Kabengele Munanga (2012, p. 14) que diz que a identidade serve para mostrar que existimos, porque somos indivíduos diferentes dos demais presentes, passados e futuros, englobando fatores históricos, psicológicos, linguísticos, culturais, político-ideológicos e raciais. Discorre ainda que é a partir dessa tomada de consciência individual, que nos lançamos para a construção da identidade coletiva. Em vista disso, Munanga (2012, p. 6) recorda ainda que não somos definidos apenas pela nacionalidade, sendo todos brasileiros, mas "estamos atravessados/as por outras identidades de classe, sexo, religião, etnias, gênero, idade, raça, etc." e completa:

[...] poder-se-á dizer, em última instância, que a identidade de um grupo funciona como uma ideologia na medida em que permite aos seus membros se definir em contraposição aos membros de outros grupos para reforçar a solidariedade existe entre eles, visando a conservação do grupo como entidade distinta (MUNANGA, 2020, P.13)

Dada essa diversidade de fatores que compõem a construção da identidade, desconsiderar essa análise é em alguma medida inviabilizar o surgimento de intervenções que representem as necessidades do adolescente. Tomemos como primeiro elemento de análise a identidade racial.

O conceito de raça não se estabelece biologicamente, uma vez que não existem diferenças significativas para justificar tais classificações. Os conflitos advindos da racialização dos povos, revelam inúmeras justificativas que foram utilizadas para inferiorizar o povo negro e para que as desigualdades fossem legitimadas ao longo do tempo. Como evidencia Almeida (2020, p.24) “por trás da raça sempre há contingência, conflito, poder e decisão”.

No Brasil, raça e cor são marcas de uma mesma categoria e os estudos apontam que essa construção está intimamente ligada ao fenótipo e não por ancestralidade (SCHUCMAN, 2018). A autora apresenta ainda que o que faz uma pessoa ser considerada negra é sua experiência com o racismo e o que faz uma pessoa ser branca é a gama de privilégios que vivencia em seu cotidiano.

E em um país em que o colonialismo deslegitimou o lugar do negro, articulando essa identidade como inadequada e inapropriada no imaginário social, é facilmente percebido,

atualmente, que tal marca ainda acompanha a vida de pessoas pretas (SOUZA,2021; ALMEIDA,2020; RIBEIRO,2020).

Assim, é evidente que a construção da identidade do adolescente negro adquire uma complexa e diversa estrutura. Por um lado, suas demandas e necessidades socioemocionais surgem e tentam uma conexão com a realidade que, por outro lado, os torna invisíveis e reféns de uma sociedade discriminatória e estruturalmente racista.

Ora, falar da construção da identidade do adolescente negro é guiar-se por um emaranhado de marcas psíquicas que de maneira secular estampou uma admiração desenfreada por uma cultura branca e uma recusa a tudo aquilo que poderia remeter a cultura afrodescendente. Para Souza (2021, p. 30), “a identidade do sujeito depende, em grande medida, da relação que ele cria com o corpo”. Direcionado para odiar tudo o que remete ao povo negro, o adolescente então se vê obrigado a rejeitar seu jeito de ser, sua pele, seu cabelo, suas raízes, negando a diversidade que o circunda, passando assim violentamente a uma tentativa de ser quem não é.

Sendo o sentimento de pertença social um dos fatores protetivos ao desenvolvimento socioemocional no decurso da vida, a caracterização étnico-racial a que se pertence, indubitavelmente irá impactar o processo identitário de um adolescente. Isso porque essa identificação pode ser positiva ou negativa, a depender do grupo que pertence (MATOS E FRANÇA,2021).

Essa dimensão coletiva do desenvolvimento da identidade necessita ser criticamente avaliada, pois a construção social de cada grupo possui uma história, sendo que o preconceito racial é o elemento que contribui para a perpetuação de uma visão negativa sobre a identidade negra.

Constata-se dessa forma que a compreensão acerca do processo de construção da identidade requer a existência de lentes que possam captar uma gama complexa de fatores que estão tanto a nível intrapsíquico quanto social e cultural. Qualquer análise que desconsidere tais variáveis correrá o risco de apenas contribuir para consolidação de discursos hegemônicos eurocentrados.

4.2. Método

Trata-se de um estudo qualitativo com amostra selecionada por conveniência. Para análise geral dos dados foi utilizada a Inserção Ecológica, um método de estudos que surgiu vinculado ao grupo de pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul denominado

CEP-Rua, desenvolvido por Cecconello e Koller (2003). A Inserção Ecológica preconiza que devido à complexidade da produção de conhecimento através da relação com o contexto investigado, é fundamental a presença de uma Equipe de Pesquisa. Em função da variedade de elementos que constituem o estudo, os dados coletados são observados por diferentes perspectivas. Além disso, tanto a relação com o objeto a ser estudado, quanto dos próprios membros da equipe, são materiais importantes na integração dos resultados, possibilitando uma construção coletiva do saber (KOLLER, MORAIS E PALUDO, 2016). O período de inserção na comunidade foi de 2021 a 2023. As visitas aconteciam semanalmente tendo aproximadamente duas horas de duração.

4.2.1. Equipe de pesquisa

A equipe de pesquisa foi composta por 02 Psicólogos e 01 Assistente Social. O critério utilizado para a escolha da equipe foi ter alguma vivência anterior com a temática de intervenções em contextos de vulnerabilidade social. Todos receberam um treinamento remoto, com algumas interações informais para fortalecimento de vínculo. Foram abordados conteúdos relacionados a: adolescência em contextos de vulnerabilidade social, Teoria Bioecológica, processos de formação da identidade étnico-racial, racismo e desenvolvimento de práticas antirracistas. Receberam ainda orientação sobre a aplicação dos instrumentos para coleta de dados.

4.2.2. Local do estudo

A Inserção Ecológica aconteceu no Projeto Social Sonhos Unidos localizado no bairro Paraíso de Cima/Barra Mansa-RJ. O projeto foi criado em janeiro de 2022 através da união entre adolescentes, jovens e lideranças da comunidade do Paraíso de Cima em Barra Mansa e a sociedade civil representada pela intervenção na comunidade há mais de cinco anos. A proposta do projeto é o desenvolvimento de um projeto horizontal com maiores participações dos agentes da comunidade, bem como a preservação da autonomia e interesses dos usuários atendidos.

O papel dos(as) profissionais proponentes é a orientação dos adolescentes e jovens para o acesso a políticas públicas no âmbito social; além disso, através das atividades propostas de caráter educativo, profissionalizante, social e cultural, visa o desenvolvimento comunitário e a amenização das situações de vulnerabilidade social em que se encontram. A partir disso, o

projeto inclui os usuários no processo decisório, através de cargos de diretoria e articulação coletiva para o reforço dos fatores de proteção do território.

O bairro Paraíso de Cima é uma comunidade que nasceu há cerca de 20 anos com a vinda de famílias em situação de falta de moradia, que ocupavam uma área sem função social do local. A partir dessa ocupação, as famílias construíram suas moradias e viveram durante anos com a falta de saneamento básico, luz elétrica, água, alimentação e outras necessidades de ordem pessoal. Esse local era conhecido como “o assentamento”. Através de organizações e movimentos sociais da sociedade civil e entidades religiosas, diversas intervenções pontuais começaram a atender as necessidades dos indivíduos do Paraíso. A partir de 2016, foram construídas casas do Programa Minha Casa Minha Vida, quando as famílias começaram a ter acesso ao direito de moradia com condições dignas e vivem até os dias atuais.

4.2.3. Participantes

Participaram cerca de 20 adolescentes com idade entre 11 e 19 anos, que vivenciam diariamente a vulnerabilidade social em seu cotidiano, convivendo com os impactos da escassez de acesso às Políticas Públicas de saúde, educação, cultura e lazer, além de exposição à violência e os impactos da desigualdade racial. As características sociodemográficas observadas serão compiladas e apresentadas com destaque para a identidade étnico-racial dos participantes. Importante ressaltar que ao longo do período de Inserção, a participação dos adolescentes era irregular e dessa forma não se mostra relevante destacar outras características por não terem sido avaliadas e não comporem o objetivo do estudo.

4.2.4. Instrumentos para coleta de dados

Foram utilizadas observações regulares, visitas informais e participação em atividades de lazer. Além disso, o diário de campo - adotado como ferramenta de coleta - permitiu uma aproximação com o campo de estudo, compreendendo a realidade a partir da relação estabelecida. Os diários puderam contemplar vários meios de relato (verbais, escritos fotográficos ou vídeos); também foram elaboradas tendo as perguntas de pesquisa como direcionamento e para utilização da Inserção Ecológica, estando atentos ao realizar os registros às dimensões da pessoa, do processo, contexto e tempo. (KOLLER, MORAIS E PALUDO 2016; BREAKWELL, 2010). Fotografias e vídeos dos encontros também foram utilizados como registros dos dados produzidos.

4.2.5. Questões éticas

Esta pesquisa foi estruturada conforme os requisitos da Resolução 466/12 do CNS e suas complementares, que versa sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal Rural do Rio Janeiro através do processo nº 70733723.4.0000.031, comprometendo-se a utilizar os dados pessoais dos participantes da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

4.3. Resultados

Ao iniciar a apresentação dos resultados obtidos ao longo do período de Inserção ecológica, é primordial destacar que conforme afirmam Koller, Moraes e Paludo (2016, p. 301) “os pesquisadores querem conhecer o processo de desenvolvimento das pessoas e não pretende reduzir os achados a um modelo geral de funcionamento”. Relevante essa delimitação pois as discussões aqui apresentadas pretendem sobretudo, oportunizar o conhecimento acerca do desenvolvimento dos adolescentes do território aqui estudado, dialogando acerca dos desafios e potencialidades encontradas na relação construída durante o período mencionado.

É fundamental também mencionar que os estudos apontam que Bronfenbrenner não apresentou um método de pesquisa sistematizado. Tarefa possível destinada aos pesquisadores que se propõe a estruturar suas intervenções segundo a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento (RAMOS, NASCIMENTO E SANTOS, 2019; KOLLER, MORAIS E PALUDO, 2016).

Pretende-se ao longo das discussões evidenciar a importância da compreensão da diferença entre rigor metodológico e rigidez na condução da pesquisa científica (KOLLER, MORAIS E PALUDO, 2016). É certo que o pesquisador estrutura seu estudo previamente para que possa ter um delineamento e atenda às exigências acadêmicas, no entanto, ao trabalhar com a Inserção Ecológica, logo é possível constatar que será exigido um importante grau de flexibilidade, autenticidade, boa capacidade de relacionamento, escuta e sobretudo disposição para construir uma narrativa de um território, considerando os participantes do seu estudo como protagonistas daquela realidade.

Acerca das atividades desenvolvidas ao longo do período compreendido entre janeiro de 2022 e dezembro de 2023 podem ser destacadas: rodas de conversas com temas inerentes à adolescência tais como sexualidade, prevenção à violência de gênero, regulação emocional,

projeto de vida profissional, sessão cinema, oficina de fotografia, de redação, aulas de grafite e ainda passeios diversos em parceria com outras instituições que financeiramente custeavam as vivências fora do território da comunidade. Foram organizados alguns momentos de festividades para proporcionar interação e descontração com lanches e brincadeiras. Importante ressaltar que no que concerne aos temas das atividades, em alguns momentos foi previamente estruturados baseados em uma demanda observada na comunidade, ora solicitados pelos próprios adolescentes. Eram estimulados a contribuir dessa maneira para que além de mais atrativa, a conversa refletisse a realidade vivenciada por eles.

Visando um aprofundamento acerca do estudo desenvolvido bem como uma estruturação modelo teórico utilizado, as principais ações foram organizadas e podem ser observadas conforme Quadro 1:

Quadro 1: Etapas da Inserção Ecológica na comunidade

IDENTIFICAÇÃO DA ETAPA	AÇÃO PROPOSTA
SELEÇÃO DA EQUIPE DE PESQUISA	Definição de critérios/características para composição da equipe: vivência anterior com pessoas em situação de vulnerabilidade social, interesse em Políticas Públicas, disponibilidade para realizar as atividades de forma regular.
PREPARAÇÃO	Treinamento ético, teórico e metodológico da Equipe de Pesquisa: Apresentação dos objetivos da pesquisa; a importância sobre o ato de observar; estudo de textos sobre a Teoria Bioecológica e desigualdade racial e social no Brasil;
INÍCIO DAS ATIVIDADES	Estabelecimento de relação com a comunidade através das lideranças ali encontradas; apresentação do Termo de Anuência para a responsável do Projeto Sonhos Unidos; vinculação com a comunidade e apresentação dos objetivos do estudo; integração no cotidiano dos participantes em diferentes momentos informais como conversas na praça do bairro e brincadeiras na rua; realização de supervisão/orientação aos membros da Equipe de Pesquisa e discussão das impressões obtidas.
INSTRUMENTOS/ COLETA DE DADOS	Observação naturalística; conversas informais; entrevistas abertas; diário de campo; vídeos; fotografias
OBSERVAÇÕES SOBRE A RELAÇÃO ENTRE PESQUISADOR, PARTICIPANTE E INSTITUIÇÃO	Análise sobre a importância da ética durante o processo de Inserção; compreensão dos impactos gerados na relação dos envolvidos na pesquisa; contribuições geradas para reflexões acerca de Políticas Públicas

ANÁLISE DE DADOS	Observações, percepções, sentimentos da equipe de pesquisa; o relato dos próprios participantes; lentes ecológicas da Teoria Bioecológica do desenvolvimento apresentando os achados acerca das características da pessoa, processo, contexto e tempo.
DEVOLUTIVA	Apresentação dos resultados da Inserção junto à comunidade; divulgação científica dos resultados da pesquisa
CONTRIBUIÇÕES DA INSERÇÃO	Analisar a qualidade dos dados coletados; quais os impactos a vinculação com os participantes geraram na construção dos resultados; efeitos observados que podem contribuir para discussões sobre Políticas Públicas
DESAFIOS	Descrever os impasses acerca do tempo e energia direcionados para concluir as atividades, a falta de recurso financeiro, instabilidade no número de participantes com a falta de regularidade das atividades.

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

A análise dos dados encontrados irá dialogar com os quatro núcleos da Teoria Bioecológica, a saber: pessoa, processo, contexto e tempo. Mas é importante destacar conforme assinala Moraes (2009, p.30):

É muito difícil que uma mesma pesquisa contemple metodologicamente essas quatro dimensões, ou seja, dê conta de avaliar simultaneamente variáveis relacionadas à pessoa, ao ambiente, ao tempo e aos processos estabelecidos por essas pessoas com outras pessoas, objetos e símbolos do seu contexto. Nesse sentido, ao invés de se pensar que a inserção fica inviabilizada, acredita-se que há diferentes níveis de aproximação e sistematização dessas dimensões. Mesmo que elas não sejam avaliadas, elas precisam estar orientando o olhar dos pesquisadores (como uma lente que eles usam para enxergar o problema de pesquisa mais amplamente).

Foram utilizados dados das observações diretas e dos diários de campo da equipe de pesquisa. Atendendo aos objetivos deste estudo, as discussões aqui irão destacar achados referentes aos quatro núcleos, enfatizando as características da pessoa em desenvolvimento, os processos proximais encontrados ou inseridos no contexto e ainda os fatores observados no território que foram relevantes durante o período de inserção ecológica.

4.3.1. Lentes ecológicas do desenvolvimento: uma análise a partir do território

Inúmeras expressões acerca das características das pessoas ali encontradas poderiam ganhar destaque na construção desse estudo. A Teoria Bioecológica preconiza que as características encontradas na constituição da pessoa devem ser compreendidas como produto do desenvolvimento. Algumas potencializam as relações tais como: curiosidade, tendência para estar engajado em alguma atividade, habilidades interpessoais ou por lado podem fragilizar com questões tais como impulsividade, explosão, apatia e timidez. É enfatizado ainda que aspectos chamados demográficos como idade, raça e gênero também devem ser observados, pois, irão influenciar o desenvolvimento (CECCONELLO E KOLLER,2003; CECCONELLO,2003). Acerca das características observadas, a pesquisadora 3 destaca:

Em sua maioria eram famílias monoparentais chefiadas por mulheres. Os adolescentes na faixa de 16 anos de idade, pretos, estudantes de escola pública, alguns com disparidade série-idade. A maioria possui mais de um irmão. A maioria aparece numa categoria heterocisnormativa e possuem religião cristã, principalmente evangélicos e católicos (DIÁRIO DE CAMPO,2023)

Ainda que tenham sido mencionados os fatores demográficos em alguns estudos, não foram encontradas pesquisas que, ao utilizar a Inserção Ecológica em um território de

vulnerabilidade social, realizasse uma análise crítica acerca da identidade racial das pessoas que majoritária e historicamente compõe essa estatística no Brasil, ou seja, pessoas negras. Segundo o IBGE (2021), em uma análise acerca da estrutura econômica e mercado de trabalho, padrão de vida e distribuição de rendimentos, educação, habitação e saúde do período de 2012 a 2020, pessoas negras continuam sendo as mais vulneráveis no país. Dessa forma, é fundamental contemplar os impactos do racismo na realidade da desigualdade social (GONZALEZ, 2020). Ao iniciar a vivência no território, reconhecer uma identidade racial predominante, modificou inclusive os objetivos do estudo e as propostas de intervenção subsequentes, conforme apresentado pela pesquisadora 1:

“ Enquanto mulher preta, sempre me chamou atenção a cor predominante das pessoas naquele território. Todas as vezes que chegava na comunidade só conseguia pensar que existe uma demarcação racial na vulnerabilidade social. Á partir disso, compreendi que essa análise deveria ser primária na pesquisa ”(DIÁRIO DE CAMPO,2023)

Uma outra questão apresentada pelo campo foi a dificuldade de regularidade na participação das atividades. Isso acontecia por diversas razões entre elas: participação em outras atividades domésticas pois muitos eram responsáveis pelos cuidados de irmãos mais novos e por afazeres como organização e limpeza; e ainda o fator desmotivação observado em alguns casos que ora relataram cansaço ou falta de perspectiva, podendo ser observado no relato da pesquisadora 2:

“O primeiro desafio foi relacionado a participação dos jovens nas atividades, onde foi necessário criar dinâmicas para chamar a atenção e curiosidade fazendo com que assim pudéssemos criar um vínculo e somente depois desse vinculo fazer as intervenções” (DIÁRIO DE CAMPO,2023)

Nesse último fator apresentado, em alguns casos os adolescentes recebiam atendimento individualizado e podiam ser observadas questões familiares e sociais que afetam a saúde mental e, até mesmo a presença de sintomatologia compatível com desregulação emocional patológica. Tentativas de encaminhamento para rede de profissionais parceiros foram realizadas, mas nem sempre com possibilidade de regularidade e continuidade, o que se mostrou um grande desafio ao longo da vivência, destaca a pesquisadora 2:

“Também entendemos que as questões emocionais tinham um impacto significativo, e a falta das políticas faz com que essas questões sejam completamente negligenciadas” (DIÁRIO DE CAMPO,2023)

Para Teoria Bioecológica, o desenvolvimento da pessoa está diretamente ligado à presença do que se denominam processos proximais que é considerado o principal moderador do desenvolvimento, sendo caracterizado por atividades, relações, objetos e símbolos que estão presentes de maneira regular e estável no tempo, devendo crescer em grau de complexidade,

estimulando a atenção, imaginação e exploração da pessoa em desenvolvimento (BENETTI, et al.2013; BRONFENBRENNER E CECI,1994).

Constata-se nesses territórios que os adolescentes experimentam acesso limitado a atividades de lazer, o estabelecimento das relações familiares é frágil, existe quebra de vínculo frequente com ações descontinuadas e com caráter caritativo inseridas na comunidade e em muitos casos, a escuta direcionada para os interesses do adolescente não são efetivadas, contribuindo para seu baixo grau de disposição e motivação, pouco aproveitamento e em muitos casos, abandono da atividade. Corroborando esses aspectos, Koller, Moraes e Paludo (2016, p.44) retratam que:

A falta de segurança física no ambiente, a presença de tráfico, roubos, assaltos e assassinatos, aliados à escassez de recursos financeiros das famílias e ao seu baixo nível de instrução, limita suas oportunidades de desenvolvimento, afetando a qualidade dos processos proximais estabelecidos entre seus membros.

A forma e força dos processos proximais estão intrinsecamente relacionados com características da pessoa e da natureza ambiental de onde emergem e podem provocar dois tipos de efeitos no desenvolvimento: o primeiro seria a competência, referindo-se a capacidade de adquirir habilidades intelectuais e socioemocionais; o segundo efeito possível seria a disfunção, referindo-se déficit nas habilidades de autocontrole, com reflexos em vários contextos relacionais (KOLLER, MORAIS E PALUDO, 2016).

A presença do Projeto Sonhos Unidos no contexto de desenvolvimento dos adolescentes, visava oferecer atividades que pudessem funcionar como ferramentas potencializadoras do desenvolvimento, gerando maior autonomia e fortalecimento dos vínculos. Consequentemente, conforme aponta a Teoria Bioecológica, efeitos de competência sob a pessoa em desenvolvimento poderiam ser gerados. Acerca disso, a Pesquisadora 2 mostra que:

Existiam atividades voltadas principalmente para o desenvolvimento da personalidade e do autoconhecimento. Tendo também momentos de lazer e passeios, que incentivavam também o vínculo. Com essa abertura maior também foi possível entender outras questões que às vezes não apareciam tão facilmente. Algo muito interessante era como desenvolvimento artístico era na maioria dos jovens muito bem desenvolvido, sendo um elo de união entre todos eles, tendo a música como principal, mas também a partir de algumas atividades vimos os jovens expressarem seu entendimento do mundo e de si através de desenhos, textos, poemas, dança, fotos entre outros. (DIÁRIO DE CAMPO,2023).

Evidencia-se dessa forma a necessidade da presença de atividades que pudessem oferecer de maneira previsível e regular o acesso a ferramentas que funcionarão como mediadoras do desenvolvimento. Importante lembrar que tanto a observação das características

presentes na pessoa quanto a disposição dos processos proximais, ocorrem em um determinado contexto. No modelo bioecológico, este terceiro componente é analisado a partir da interação de quatro níveis ambientais, assim denominados: microsistema, mesossistema, exossistema e macrosistema (BRONFENBRENNER, 1996).

O microsistema é compreendido como o ambiente onde a pessoa contempla suas relações face a face e onde os processos proximais são produzidos. Aqui podem ser observadas tanto as características da pessoa, suas necessidades, estruturas, potencialidades e inabilidades, quanto os impactos gerados na construção de suas relações diretas e mais proximais (KOLLER, MORAIS E PALUDO, 2016). Essa interação de fatores que podem ser observados na relação do adolescente com sua família, com sua escola e com as demais instituições presentes em seu território, como grupos religiosos e ONGs. É importante destacar que apesar de estar inserido nesse microsistema, o pleno desenvolvimento desse adolescente estará diretamente relacionado com a qualidade e estrutura dos processos proximais ofertados. A Pesquisadora 3 retrata isso em sua percepção:

O território da comunidade do Paraíso de Cima tem um contexto histórico de posse, onde as famílias atendidas viviam em casas de madeira, sem saneamento básico, luz elétrica, em situação de insegurança alimentar e falta de acesso aos direitos sociais. Atualmente, as famílias vivem em casas de alvenaria ou em apartamentos do Projeto Minha Casa Minha Vida, que possibilitou condições mínimas de sobrevivência. A maioria das famílias atendidas acessam benefícios socioassistenciais e possuem algum responsável que trabalha, seja de maneira formal ou informal. É um território que possui incidência do tráfico de substâncias psicoativas, portanto algumas famílias são atravessadas por parentes que são usuários ou participam da comercialização (DIÁRIO DE CAMPO, 2023)

E observando os fatores de risco e proteção os quais estão presentes no desenvolvimento de adolescentes em vulnerabilidade social, nota-se que o microsistema é permeado por eventos ameaçadores:

A acumulação de fatores de risco, por sua vez, é tanto maior (e mais grave) quanto maiores são as vulnerabilidades contextuais. Em contextos empobrecidos, portanto, sabe-se que a probabilidade dos fatores de risco se acumular é mais alta, o que tem um pior efeito para o ajustamento dos indivíduos que vivem nesses contextos (ARAÚJO DE MORAIS, RAFFAELLI E KOLLER, 2012, P.130)

O mesossistema é compreendido como sendo um agrupamento de microsistemas, sendo a interconexão de dois ou mais ambientes. Bronfenbrenner (1996) discursa que os

diferentes vínculos estabelecidos podem ser categorizados como solitários ou duais. Aqui pode ser tomado como exemplo o adolescente, sua escola e a participação familiar em sua vida acadêmica. Ao participar ativamente da vida escolar do filho, interagindo com as demandas emergentes, conhecendo amigos e professores, esse vínculo poderá ser considerado protetivo e classificado como dual. No entanto, Bronfenbrenner (1996, p.162) adverte que um mesossistema em que “os únicos vínculos, à parte do vínculo original envolvendo a pessoa são indiretos ou não existem, é descrito como fragilmente vinculado”. Sabe-se que essa interação em contextos atravessados pela desigualdade social, são suscetíveis à fragilização de vínculos e práticas parentais pouco nutritivas (GALINARI, VICARI e BAZON, 2019). Mas, a entrada em um novo ambiente, nomeada como transição ecológica, permite a construção de novas relações, e essa terceira pessoa, ao se inserir no contexto, pode “servir como uma fonte de segurança, ser um modelo de interação social, reforçar a iniciativa da pessoa desenvolvendo” (BRONFENBRENNER, 1996, P. 162). Daí a importância das ações do Projeto Sonhos Unidos que atuavam como um fator protetivo na potencialização das relações entre o adolescente, a família e a escola, conforme dialoga a Pesquisadora 2:

Durante o processo de inserção o vínculo com a comunidade e com os adolescentes foi sendo construída, sendo que com esse vínculo criado, os pais acabavam dando mais liberdade para as atividades propostas. Já os adolescentes estavam mais abertos para atividades e se envolviam cada vez mais nas dinâmicas. Foi construída uma relação com os jovens que tornou possível uma comunicação mais aberta, onde eles podiam trazer de uma forma bem livre quando não gostavam de algo ou quando gostariam que acontecesse de outra forma (DIÁRIO DE CAMPO, 2023)

Também compreendendo um importante elemento do contexto, o exossistema apresenta uma influência indireta no desenvolvimento, mas com considerável impacto na vida do adolescente. De acordo com a Teoria Bioecológica, essa classificação é dada ao ambiente no qual a pessoa em desenvolvimento não é considerada como participante ativo, mas ocorrem eventos que afetam ou são afetados por ela. Três exossistemas são destacados como principais ambientes a serem considerados: o local de trabalho dos pais, a rede de apoio social e a comunidade onde a família está inserida (KOLLER, MORAIS E PALUDO, 2016).

No que concerne a análise do impacto que o ambiente de trabalho gera no desenvolvimento do adolescente em vulnerabilidade social, a persistência da segregação racial no mercado de trabalho é um viés relevante a ser considerado na realidade encontrada na comunidade. Sabe-se que pessoas negras ocupam locais de trabalho onde os rendimentos são inferiores aos de pessoas brancas, potencializando a fragilização para aquisição de recursos que

irão afetar diretamente o atendimento às necessidades familiares. Já acerca da rede de apoio social e a comunidade onde os adolescentes estavam inseridos, a Pesquisadora 1 destaca:

De maneira global observava-se nesse contexto que havia apoio mútuo entre muitos membros da comunidade, mas em alguns momentos os próprios adolescentes faziam críticas ao território dizendo que as pessoas poderiam ser mais unidas e buscar seus direitos por mudança (DIÁRIO DE CAMPO, 2023)

Por fim, o último componente do modelo bioecológico é o tempo, que avalia as mudanças e continuidades ocorridas ao longo da vida da pessoa. O tempo é avaliado em três níveis distintos, sendo o microtempo utilizado para compreender de que forma os processos proximais operam no ambiente, através da estabilidade ou instabilidade de ocorrência. O mesotempo avalia a periodicidade dos processos proximais em um nível mais elevado, considerando dias e semanas, pois o impacto no desenvolvimento será observado segundo os efeitos cumulados conforme sua ocorrência. Esses componentes podem ser observados no relato abaixo apresentado pela Pesquisadora 3:

A construção do trabalho se deu de maneira gradual e foi se moldando de acordo com as demandas e necessidades que a comunidade apresentou. Dessa forma, a construção do objetivo de intervenção foi fruto da coletividade e foi um longo percurso educativo para que entendessem o nosso papel, nos enxergassem enquanto pares que estavam no território para aprender juntos e não somente para ensinar, e desenvolver a confiança e o fortalecimento de vínculos a partir da frequência da presença e do diálogo (DIÁRIO DE CAMPO, 2023)

Já o macrotempo, compreende as mudanças ocorridas na sociedade ao longo do ciclo de vida, como exemplo é relevante citar a pandemia mundial do novo coronavírus (covid-19), declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020, tendo alto índice de letalidade, e inúmeros impactos em diversos países do mundo, e no Brasil, descortinou e ampliou o abismo da desigualdade social que assola a população. Na comunidade Paraíso de Cima foi possível observar segundo destaca a Pesquisadora 3:

Durante a pandemia do COVID-19 pode-se perceber um aumento da insegurança alimentar, ficou evidente a falta de acesso às políticas de saúde, pois as pessoas sintomáticas não faziam testagem e utilizavam medicamentos naturais para tratamento. A busca pela rede hospitalar só ocorria em casos extremamente urgentes. Pode-se observar a não utilização de máscara ou em casos obrigatórios, a preferência por máscaras de pano (DIÁRIO DE CAMPO, 2023)

O relatório do UNICEF (2022) sobre os impactos da pandemia na renda de famílias com crianças e adolescentes, mostrou que o percentual de crianças e adolescentes na pobreza monetária e pobreza monetária extrema no Brasil eram o dobro dos adultos e que crianças pretas estatisticamente representam o dobro de crianças nessa condição.

Significativo destacar que a nível do macrotempo, houve uma importante mudança no que se refere ao enfrentamento aos impactos do racismo estrutural na vida de jovens negros no Brasil. A criação em 2023 do Ministério da Igualdade Racial foi um marco significativo no que se refere às Políticas Públicas voltadas para população negra que, após um período de retrocesso vivido no cenário político do país, vêm ganhando novos contornos na busca de estratégias para promoção da vida. Entre diversas ações, a criação do Plano Juventude Negra Viva se apresentou como um compromisso do Governo Federal com a manutenção da vida da juventude negra e a redução das vulnerabilidades que a acometem. As ações estão organizadas em diferentes eixos: acesso à justiça e segurança pública, implantação de estratégias e dispositivos de gestão em saúde, geração de emprego e renda, educação, cultura, ciência e tecnologia, esporte, meio ambiente e valorização do território e fortalecimento da democracia (BRASIL,2024).

Além disso, obtivemos atualizações nas discussões acerca das Ações Afirmativas que buscam garantir o acesso às universidades e mitigar os efeitos da desigualdade racial no país. Segundo aponta esse relato do diário de campo da Pesquisadora 1, é possível perceber que essas mudanças nortearam inclusive intervenções posteriores da presente pesquisa:

Para desenvolver uma pesquisa sobre adolescentes em situação de vulnerabilidade social é fundamental ter em mente que qualquer intervenção necessita ser pensada por muitos atores sociais e estar refletindo sobre essas estratégias em um governo que estimula e apoia ações para essa população faz toda diferença para construção desse estudo (DIÁRIO DE CAMPO,2023)

A compreensão das mudanças e impactos gerados no macrotempo são cruciais para elaboração de estratégias de prevenção para saúde infantojuvenil, e conforme apontam os autores é necessária existência de “programas de longo prazo, com desenhos pensados ainda mais especificamente para tal público, e com fontes de financiamento viáveis e sustentáveis” (UNICEF, 2022, P. 32). A figura 1 representa o Modelo Bioecológico do Desenvolvimento segundo características observadas no trabalho junto à comunidade:

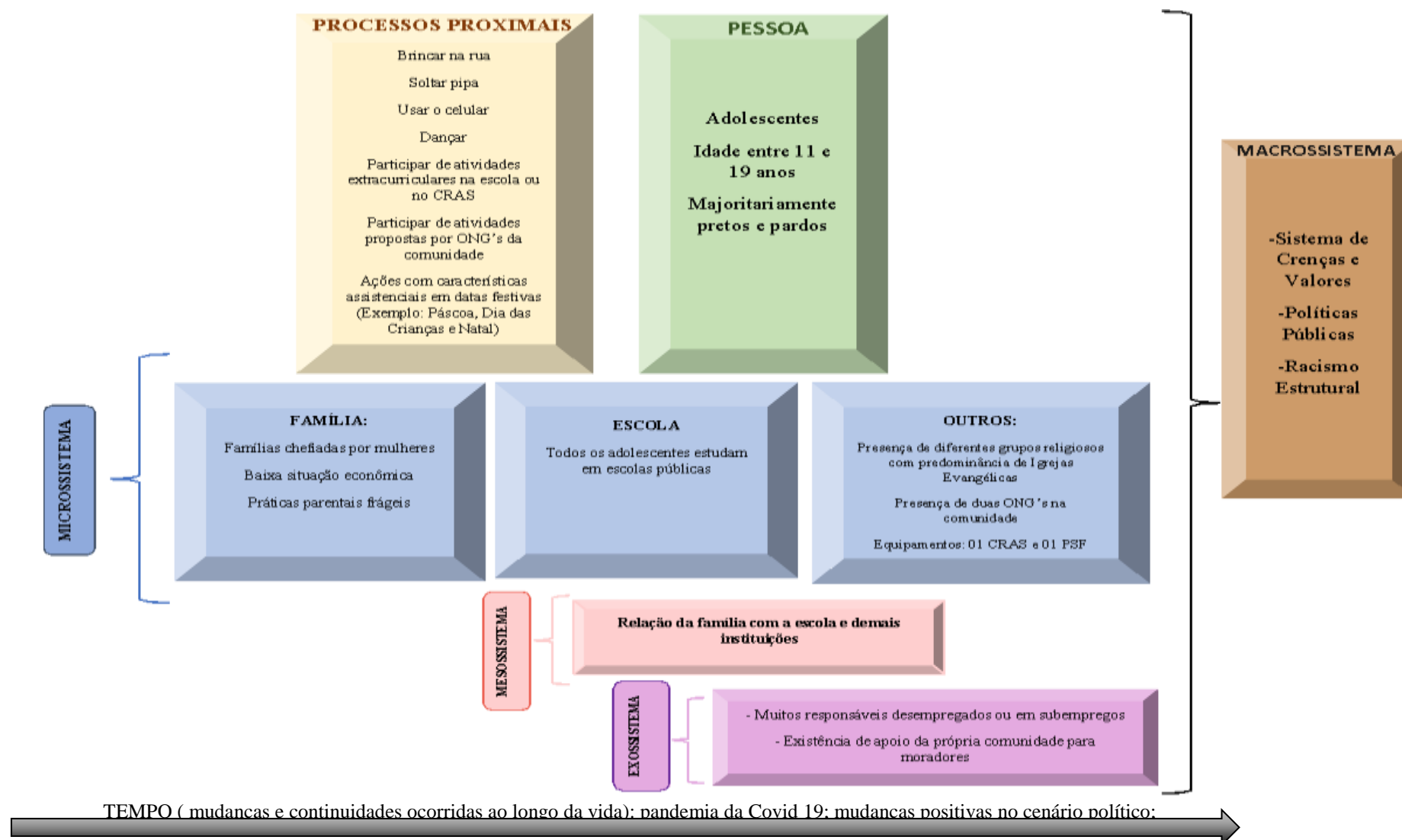


Figura 1 -Perspectiva Bioecológica do Desenvolvimento - (Fonte: elaborado pela autora)

4.3.2. Potencialidades e perspectivas: o que a Inserção Ecológica devolve para comunidade?

A Inserção Ecológica, enquanto método de pesquisa, possibilita diferentes e complexas análises acerca do contexto em que o desenvolvimento de pessoa acontece. Desenvolver estudos em ambiente natural onde a presença de inúmeros fatores de risco está presente é desafiador e provoca o pesquisador a construir relações que não se limitem somente a ação de coletar dados. Ao contrário, enquanto método, prevê que uma devolutiva à comunidade aconteça e que possa beneficiar a população participante. Acerca disso, Koller, Morais e Paludo (2016, p.32) evidenciam que “os pesquisadores estão diante da dimensão de um profundo e intenso dinamismo que se traduz pela complexidade provocadora de reflexão-ação-reflexão-ação...constantes”

Diante disso, inúmeras reflexões acerca da realidade encontrada na comunidade foram geradas na equipe de pesquisa. O maior compromisso percebido entre os membros do grupo era de encontrar potencialidades e conectar essas ferramentas percebidas de maneira real na vida dos adolescentes. Dessa forma, observar os fatores protetivos ao desenvolvimento tornou-se a principal lente ecológica utilizada nas ações na comunidade. E essa tarefa foi se estabelecendo de maneira gradual e cada vez mais complexa. Tornar os adolescentes protagonistas da pesquisa era o principal objetivo compartilhado, conforme assinala a Pesquisadora 3:

“Avalio ser uma metodologia que respeita as individualidades de cada jovem, ao mesmo passo que consegue analisar a cultura, modos de sociabilidade, linguagem e as diversas expressões coletivas que cada comunidade desenvolve com suas especificidades territoriais. Propicia a intervenção com o objetivo de contribuir com a formação individual e coletiva, porém sem atravessar a realidade de maneira hierarquizada e vertical” (DIÁRIO DE CAMPO, 2023)

A pesquisa desenvolvida por Nunes et al. (2015) que tinha por objetivo compreender a visão de mundo de adolescentes que viviam em zona da periferia do interior de São Paulo e obteve resultados positivos ao considerar que os adolescentes são sujeitos críticos e potenciais agentes de mudança. A pesquisa também utilizou a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento para compreender a realidade encontrada em contexto de vulnerabilidade social mas, principalmente, para apontar fatores protetivos ao desenvolvimento.

Ao desenvolver uma pesquisa de natureza qualitativa e que prevê uma implicação do pesquisador, articular tantas percepções e acontecimentos que simultaneamente vão

emergindo no campo é uma tarefa desafiadora. Mas, a busca por estratégias se tornou um compromisso ético para gerar movimento e mudanças, conforme salienta a Pesquisadora 2:

“A principal estratégia em todo o caminho foi o diálogo, tanto com os jovens como com os responsáveis. Escutar primeiro para depois entender o que tínhamos para oferecer e até onde poderíamos ir. Acredito que essa dinâmica também mostrou para os jovens que eles tinham um lugar de fala e um caminho diferente para resolução de alguns conflitos. Além do diálogo a união sempre foi muito importante nessa trajetória para que nos momentos de dificuldades tivéssemos suporte tanto na prática como no emocional (DIÁRIO DE CAMPO, 2023)

A relação de confiança construída com os adolescentes foi o principal elemento para que todos os processos proximais inseridos durante o período de Inserção Ecológica pudessem ser validados. Através dessa relação foi possível observar que muitos buscavam a equipe para compartilhar diferentes momentos de suas vidas como vivência e conflitos familiares, dificuldades de aprendizagem na escola, sonhos e desejos e questões ligadas à sexualidade. Além disso, a equipe era sempre convidada para momentos de lazer como aniversário de algum adolescente ou atividade festiva da comunidade.

Para além de toda a relação construída, destaca-se que ao longo dos anos de Inserção, a relação na comunidade evidenciou, conforme já apontado nos resultados, que a desigualdade racial assola a vida dos adolescentes daquele território e é uma realidade de muitos adolescentes negros no Brasil. Muitos temas acerca dessa realidade foram desenvolvidos com os adolescentes tais como: racismo estrutural, meritocracia, privilégio branco e a relação entre classe social e raça. Em função disso, mostrou-se como uma necessidade instrumentalizar esses adolescentes para que pudessem adquirir um repertório de enfrentamento aos efeitos do racismo:

Enquanto responsável pela condução desse estudo, compreendi que a principal devolutiva para a comunidade era fortalecer a identidade daqueles que são invisibilizados e deixados à margem da sociedade. Contribuir para que pudessem conhecer mais os impactos do racismo na vida de pessoas negras e como enfrentar essa realidade da sociedade se tornou um compromisso político (DIÁRIO DE CAMPO, 2023)

E essa percepção, conforme já salientado, foi compartilhada por toda a equipe, que também observou que:

Acredito que agora os adolescentes estarão preparados para reconhecer o racismo na sociedade, podem questionar o sistema e principalmente se defender dos tentáculos cotidianos que atravessam através das microviolências. Através das intervenções muitos podem reconhecer a potência, a fortaleza que é ser um jovem negro (DIÁRIO DE CAMPO, 2023)

Foi através desse estudo que surgiu o Programa Ginga que visa contribuir com estratégias práticas na luta antirracista através do desenvolvimento de uma intervenção para estimular a construção da identidade étnico-racial. Este projeto produto da pesquisa de doutorado pretende apresentar desdobramentos práticos para que os adolescentes saibam se posicionar para questionar a lógica racista que sustenta a sociedade, tendo como objetivo geral a implementação de um programa psicoeducativo antirracista para promoção da identidade étnico-racial de adolescentes. O programa vem contribuindo não somente no desenvolvimento de adolescentes, mas tem apresentado desdobramentos práticos na formação de universitário em Psicologia através de um projeto de extensão que busca fomentar o debate antirracista no contexto acadêmico (ANTÃO ET AL.,2024, ANTÃO, VICTORINO E DE OLIVEIRA,2024)

Através dessa intervenção, almeja-se estimular a construção do conhecimento através do respeito, do apoio à diversidade e na erradicação do preconceito e discriminação racial. O Programa Ginga contém temáticas reflexivas acerca do racismo no Brasil, bem como jogos adaptados da cultura africana para estimular a aprendizagem dos adolescentes. Para melhor divulgação dos impactos do projeto, as informações são difundidas por meio de uma página no Instagram onde as atividades podem ser acompanhadas (PROJETO GINGA, 2024).

Um programa que surgiu a partir da vivência em uma comunidade com e para adolescentes mostrou-se como um fator protetivo ao desenvolvimento e pode ser considerado um processo proximal. Além disso, todo o estudo conduzido possui validade ecológica por ter sido estruturado a partir do contexto natural dos participantes (KOLLER, MORAIS & PALUDO, 2016; BRONFENBRENNER E MORRIS,1996).

Por fim, a experiência modificou não somente a comunidade, mas a equipe de pesquisa também se viu afetada em muitos momentos por ter tido a oportunidade de vivenciar um campo de estudo que transcende apenas objetivos acadêmicos, conforme compartilha a Pesquisadora 2:

Acho que não consigo colocar em palavras a proporção correta de como essa experiência impactou na minha vida pessoal e profissional. Ouvir as experiências dos jovens e a importância daquele lugar de conversa para eles, me mostrou a força que o coletivo pode provocar na prática (DIÁRIO DE CAMPO,2023)

Sem dúvida os afetos dessa experiência proporcionaram outro delineamento de vida a todas as pessoas envolvidas. Buscar meios de articular a produção acadêmica com a mudança real na vida das pessoas tornou-se uma ação prioritária.

4.4. Conclusão do estudo 1

As conclusões aqui apresentadas refletem uma parcela dos impactos gerados em todos os envolvidos neste estudo. A Inserção Ecológica se mostrou como um método desafiador inicialmente, uma vez que se distanciava do conhecimento prévio acerca das pesquisas envolvendo adolescentes, principalmente, no que concerne àqueles que vivem em situação de vulnerabilidade social.

A primeira questão a ser ressaltada é como a Psicologia de uma maneira geral possui inúmeras fragilidades quando o assunto é intervenção para contextos em que a desigualdade racial se faz presente. É necessário um caminho que proporcione acesso a epistemologias silenciadas que retrate a realidade do adolescente brasileiro, sendo este, majoritariamente negro.

Outro ponto considerável que essa experiência evidenciou é que ao se pensar uma intervenção para uma população, é fundamental considerar que essa comunidade sabe mais sobre ela do que qualquer pessoa que viva fora daquele contexto. Qualquer estratégia pensada fora dessa trilha, conduzirá a caminhos com pouca ou nenhuma adesão por parte daqueles que seriam os protagonistas da história.

Somado a isso, acredita-se que esse estudo foi essencial para que em meio a tantas injustiças sociais que atravessam a vida dos adolescentes em vulnerabilidade social, a busca por fatores protetivos pudessem se tornar prioridade ao longo dessa jornada naquele território. Esses contextos já são historicamente marcados por estigmatização e poder contribuir com novos olhares que conecta os participantes às suas potencialidades se mostrou como um dos resultados mais significativos.

O artigo relacionou os principais achados acerca dos quatro núcleos da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento e enfatizou a questão da identidade étnico-racial dos participantes como principal norteador das intervenções. Enquanto método, a Inserção Ecológica, se mostrou como uma importante e satisfatória estratégia de avaliação e intervenção para estudos em um contexto de vulnerabilidade social. A possibilidade de realizar o estudo em conjunto com uma equipe de pesquisa tornou a experiência mais possível, enriquecedora e de muito aprendizado.

Como limitações, uma questão importante também apresentada em outros estudos que utilizaram a Inserção Ecológica, é que esse método despende grande investimento de tempo e também recurso financeiro para manter a regularidade das ações. No caso deste estudo, a pesquisa não tinha financiamento e a própria equipe é que precisou custear as idas ao campo e algumas demandas emergentes; para estudos futuros indica-se ampliar a relação com o microssistema do adolescente principalmente com seus familiares, pois as intervenções desenvolvidas podem ser mais potencializadas e geradoras de processos proximais mais regulares; outro fator refere-se à impossibilidade de generalização dos dados por conta do número limitado de participantes

Conclui-se, portanto, que a Inserção Ecológica se mostrou como um método possível e satisfatório para avaliação e intervenção na adolescência em um território de vulnerabilidade social, conferindo ao estudo validade ecológica e contribuindo para a comunidade através de propostas concretas. Sobretudo, mostrou-se como um método que possibilitou a construção de uma relação segura com os participantes e que através dessa relação foi possível vivenciar o território de forma transformadora.

4.5. Referências

ABRINQ. Observatório da Crianças e do Adolescente da Fundação Abrinq. Cenário da Infância e Adolescência no Brasil 2024. Disponível em: <https://sistemas.fadc.org.br/documentos/2021/cenario/cenario-da-infancia-e-da-adolescencia-2024.pdf>. Acesso em 02 de out. 2024.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

ANTÃO, Sandra Duarte. **Proposta de intervenção psicossocial para crianças em vulnerabilidade social focada em habilidades socioemocionais**. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2020. Disponível em: <<https://rima.ufrrj.br/jspui/handle/20.500.14407/14477>>. Acesso em: 01 jun. 2023.

ANTÃO, Sandra Duarte; DE AZEVEDO PEIXOTO, Ana Cláudia. Intervenções direcionadas para crianças em vulnerabilidade social: uma Revisão Integrativa da Literatura. **Revista Mosaico**, v. 12, n. 2, p. 41-49, 2021.

ANTAO ET AL. A importância da inserção ecológica no campo para intervenções em Psicologia. In: Pré-Mostra Regional de Práticas em Psicologia - Sul Fluminense. **Anais[...]**Rio de Janeiro: 2024, p.27

ANTAO ET AL. Projeto de Extensão: As vivências do campo de pesquisa em Psicologia como potencializadora da formação do discente. In: 17ª Pré- Mostra Regional de Práticas em Psicologia. Rio de Janeiro. **Anais[...]**Rio de Janeiro: 2024, p.34

ANTAO, Sandra Duarte; VICTORINO, Bruna de Souza; DE OLIVEIRA, Jefferson Lopes. A importância de estudar outras epistemologias silenciadas para uma Psicologia Decolonial. In: 17ª Mostra Regional de Práticas em Psicologia. Rio de Janeiro. **Anais[...]**Rio de Janeiro: 2024, p.34

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266>. Acesso em: 01 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Igualdade racial. 2024. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.gov.br/igualdaderacial/pt->

[br/assuntos/plano-juventude-negra-viva/2024 Plano Juventude Negra Viva .pdf](https://br/assuntos/plano-juventude-negra-viva/2024_Plano_Juventude_Negra_Viva_.pdf).

Acesso em: 01 out. 2024.

BENETTI, Idonézia Collodel et al. Fundamentos de la teoría bioecológica de Urie Bronfenbrenner. **Pensando Psicología**, v. 9, n. 16, p. 89-99, 2013. Disponível em: <https://revistas.ucc.edu.co/index.php/pe/article/view/620/585>. Acesso: 25 set 2022.

BRONFENBRENNER, Urie; MORRIS, P. A. **A ecologia do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRONFENBRENNER, Urie; CECI, Stephen J. Nature-nuture reconceptualized in developmental perspective: A bioecological model. *Psychological review*, v. 101, n. 4, p. 568, 1994

CECCONELLO, Alessandra Marques; KOLLER, Sílvia Helena. Inserção ecológica na comunidade: uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. **Psicologia: Reflexão e crítica**, v. 16, p. 515-524, 2003.

CECCONELLO, A. M. **Resiliência e vulnerabilidade em famílias em situação de risco**. 317f. (Tese de doutorado não publicada). Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

EMICIDA. **Ismália**. São Paulo. Laboratório Fantasma: 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EtN1jBk0ZQg> Acesso em: 18 jan. 2023.

FREDEREICO, Roberta Maria. Crianças negras, crianças africanas: diálogos entre Brasil e Benin. In: GABRIELA APARECIDA FRUCTUOSO DE BRITO, Michelle Villaça Lino (Org.). *Infâncias plurais, recortes transversais*. Curitiba: CRV, 2022. P.43-52

GALINARI, Lais Sette; VICARI, Iris Daniela Arruda; BAZON, Marina Rezende. Fatores associados ao cometimento de atos infracionais na adolescência. **Psico**, v. 50, n. 4, p. e34094-e34094, 2019.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

MORAIS, C. et al. O uso do diário de campo no processo de Inserção Ecológica. In: KOLLER, S. H., MORAIS, N. A., & PALUDO, S. S. **Inserção Ecológica: Um método de estudo em desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2016. p.299-321

MORAIS, N.A. de M.; KOLLER, S.H; RAFFAELLI, M. Inserção ecológica na pesquisa sobre trajetórias de vida de adolescentes em situação de vulnerabilidade social:

identificando fatores de risco e proteção. In: KOLLER, S. H., MORAIS, N. A., & PALUDO, S. S. **Inserção Ecológica: Um método de estudo em desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2016, 328p.

KOLLER, S. H., MORAIS, N. A., & PALUDO, S. S. **Inserção Ecológica: Um método de estudo em desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2016, 328p.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 12 ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PRATI, Laíssa Eschiletti et al. Revisando a inserção ecológica: uma proposta de sistematização. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 21, p. 160-169, 2008.

RAMOS, Debora Adriana; NASCIMENTO, Aricelia Ribeiro; SANTOS, Silvana Carolina Fürstenau. Uso da teoria bioecológica na análise do desenvolvimento de adolescentes em situação de vulnerabilidade. *Vita et Sanitas*, 2019, 13.1: 41-47.

NUNES, Marilene Rivany et al. Fatores de proteção para a redução da vulnerabilidade à saúde. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 19, n. 3, p. 653-663, 2015.

PROJETO GINGA. Uma introdução ao GINGA. Volta Redonda: 2024. Instagram: @projetoginga_. Disponível em: https://www.instagram.com/projetoginga_/.

SANTOS, Cerqueira Elder; NETO, Othon Cardoso de Melo; KOLLER, Silvia H. Adolescentes e Adolescências. In: HABIGZZANG, Luisa Fernanda; DINIZ, Eva; KOLLER, Silvia H. (org.) **Trabalhando com adolescentes: teoria e intervenção psicológica**. Porto Alegre: Artmed, 2014. (p. 17-29)

SENNA, Sylvia Regina Carmo Magalhães; DESSEN, Maria Auxiliadora. Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. **Psicologia: teoria e Pesquisa**, v. 28, p. 101-108, 2012. Disponível em: [http:<
<http://www.scielo.br/j/ptp/a/fpKByLWpTT8BY4Yv9kRH6pB/abstract/?lang=pt>>.](http://www.scielo.br/j/ptp/a/fpKByLWpTT8BY4Yv9kRH6pB/abstract/?lang=pt)

Acesso: 18 set 2022

SCHUCMAN, Lia Vainer. A cor de Amanda: entre branca, morena e negra. In: **Famílias inter-raciais: tensões entre cor e amor**. Salvador: EDUFBA, 2018. p. 63-88.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

ZAPPE, Jana Gonçalves; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Adolescência em diferentes contextos de desenvolvimento: risco e proteção em uma perspectiva longitudinal. **Psico**, v. 47, n. 2, p. 99-110, 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/iberoamericana/N%C3%83%C6%92O%20https://www.scimagojr.com/index.php/revistapsico/article/view/21494>. Acesso: 01 set. 2022.

5. ESTUDO 2: A IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL COMO FATOR DE PROTEÇÃO AO DESENVOLVIMENTO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

5.1. Introdução

É amplamente difundido na literatura o pressuposto de que o desenvolvimento está sujeito a condições que poderão resultar em ganhos ou prejuízos. Os ganhos podem se tornar fatores protetivos e as situações adversas em variáveis conhecidas como fatores de risco. Moraes (2009) enfatiza a condução de estudos que indicam a mudança de compreensão acerca dos fatores de risco, mencionando o modelo que propõe uma visão processual e não linear, onde variáveis de risco interagem com fatores considerados protetivos. Sapienza e Pedromônico (2005) retratam ainda que o acúmulo de fatores que expõe a criança e o adolescente a riscos, é preditor de maior impacto negativo no desenvolvimento, principalmente na dimensão socioemocional.

Ao avaliar o processo de desenvolvimento de adolescentes negros no Brasil, é perceptível o impacto gerado pelo processo de embranquecimento que nega cotidianamente as raízes históricas, sociais e culturais do povo africano em diáspora. Sendo a identidade uma construção social e histórica, sabe-se que crianças negras, conforme apontam Dos Santos Doria, De França e Lima (2021, p.65) “geralmente, são socializadas em um contexto de profunda dominação cultural branca.

Inúmeras são as consequências observadas no desenvolvimento quando se aprende a negar a própria condição de ser humano, conforme afirma Nobles (2009, p.288) “reforçar na psique das crianças a mensagem de que ser negro é ser por natureza uma versão inferior e desviante de pessoa humana equivale a abusar das crianças e negligenciá-las”. Essa violência cotidiana é percebida em diferentes âmbitos que perpassam desde a falta de oportunidades, acesso precário à Políticas Públicas, ao lazer, até a marca em seus corpos que os tornam alvos de violência policial que interrompe precocemente uma vida (NUNES ET AL.,2023; GONZALEZ,2020; RIBEIRO,2019).

No processo de construção de sua identidade, o adolescente negro estará exposto cotidianamente a episódios que o direcionam para vivência de situações traumáticas, no entanto, não são nomeadas, pois está imerso em uma sociedade onde a diversidade étnico-racial sofre um apagamento (BENTO, 2022). Kilomba (2020) ao tratar o trauma colonial,

discorre sobre a violência gerada pela escravização, o colonialismo e o racismo, dada a imprevisibilidade de ocorrência dos episódios, e acrescenta:

O racismo no cotidiano não é um evento violento na biografia individual, como se acredita – algo que “poderia ter acontecido uma ou duas vezes” -, mas sim o acúmulo de eventos violentos que, ao mesmo tempo, revelam um padrão histórico de abuso racial que envolve não apenas os horrores da violência racista, mas também as memórias coletivas do trauma colonial (KILOMBA, 2020, P. 215)

É salientado assim, que tanto no âmbito individual quanto de forma coletiva, a pessoa negra está exposta a maiores episódios que acarretam prejuízo e sofrimento. Dada a sua inserção em uma sociedade que a enxerga sob a lente da exclusão, desafiadora é a tarefa de se encontrar mecanismos que transponham a discriminação social e racial. Assim, o racismo se mostra como um fator de risco para o desenvolvimento. E no Brasil, esse fator se perpetua pelo silenciamento e negacionismo de sua ocorrência.

Um caminho pode ser indicado quando se relaciona o conceito de fatores de proteção. Estes fatores permitem fazer a “mediação entre a experiência do risco e os resultados desenvolvimentais” (MORAIS, 2009, p. 41). Dessa forma, um importante efeito quando estão presentes no contexto de desenvolvimento é possibilitar a utilização de mecanismos saudáveis de enfrentamento das situações adversas. Precisamos “projetar um processo, estimular e sustentar comportamentos, crenças, atitudes, habilidades e atividades culturalmente significativas e reproduzir o que há de melhor na africanidade (NOBLES, 2009, P.291)”.

Resgatar assim a potencialidade que o povo negro carrega, pode favorecer o fortalecimento da identidade e gerar impactos na autoestima (MATOS E FRANÇA, 2021). A autoestima apresenta-se como uma importante estrutura na adaptação desenvolvimental. Correlacionada positivamente à satisfação de vida e ao ajustamento emocional, a autoestima pode se apresentar como um indicador de saúde mental, habilidades sociais e bem-estar. Sua compreensão abrange o valor dado a si a partir de uma avaliação positiva ou negativa, tendo como perspectiva a própria opinião da pessoa e aquela dada por outrem (SAPIENZA E MARIN, 2022). Na adolescência, conforme aponta Hutz (2014), a autoestima é uma relevante variável com impactos na socialização, interação grupal e na aprendizagem escolar, representando uma realidade para adolescentes de diferentes grupos étnicos e culturais.

Sendo a autoestima um dos construtos basilares para formação da identidade, é necessário elucidar os efeitos do racismo nesse processo. É imprescindível compreender

o impacto que os estereótipos impostos pela desigualdade racial imprimem na construção dessa habilidade (NUNES ET AL.,2023). Estudos sobre o processo identitário de crianças e adolescentes negros afirmam a importância de uma identidade étnico-racial positiva, conforme apontado por Huguley et al. (2019, p. 440) que salienta que “uma forte identidade étnico-racial prediz positivamente vários resultados de desenvolvimento pró-social, incluindo sentimentos de bem-estar e autoestima e motivação acadêmica e realização”.

Além disso, intervenções pautadas no desenvolvimento da diversidade étnico-racial, beneficia tanto o adolescente negro que passa a ter uma conexão mais positiva consigo mesmo e com seu grupo de pertença, bem como o adolescente branco que aprende a reconhecer e combater práticas discriminatórias (MATOS E FRANÇA, 2021).

Delinear caminhos que indiquem fatores que possam amortecer o impacto de situações adversas no decurso da vida perpassa pelo conhecimento das habilidades que já se fazem presentes, bem como possibilita o acesso a ferramentas que fortaleçam e promovam maior consciência de si, das relações interpessoais que se estabelece, dos aspectos sociais e políticos que engendram o desenvolvimento humano (MORAIS,2009; BRONFENBRENNER,1994).

Dada a relevância para o desenvolvimento de adolescentes negros no Brasil, é urgente a construção de perspectivas que dialoguem com a complexidade de fatores que integram os efeitos do racismo (NUNES ET AL., 2023). E principalmente que se comprometam ética e politicamente com a produção de conhecimento científico que garantam o direito à vida pois “simplesmente não conhecer, não admitir ou negar ser africano limita a capacidade de curar a nós mesmos e compreender nossa conexão humana, assim como limita nossa capacidade de realmente cuidar uns dos outros e curar uns aos outros” (NOBLES, 2009, p.291). Este artigo pretende favorecer esse caminho.

5.2. Metodologia

Para compreender como a produção de conhecimento científico no Brasil sobre o processo de formação da identidade étnico-racial de adolescentes, foi elaborada uma Revisão Integrativa da Literatura. A escolha desse método se justifica por ser um instrumento da Prática Baseada em Evidências que permite realizar uma síntese dos estudos significativos de uma determinada área pesquisada, identificando informações atualizadas. Foram realizados os seguintes passos: 1ª elaboração da pergunta norteadora; 2º busca ou amostragem na literatura, 3º coleta de dados, 4º análise crítica dos estudos

incluídos, 5º discussão dos resultados e 6º apresentação da Revisão Integrativa (SOUZA, SILVA e CARVALHO, 2010).

Para direcionar os estudos, as seguintes perguntas nortearam a elaboração da revisão integrativa: como a construção da identidade étnico-racial de adolescentes é investigada na literatura nacional? Quais estratégias podem colaborar para o desenvolvimento da identidade étnico-racial de adolescentes? A diversidade étnico-racial tem sido avaliada como fator protetivo ao desenvolvimento? Ao elaborar essas perguntas, foi realizada a busca dos estudos nas seguintes bases de dados: LILACS /BVS, SCIELO e PEPSIC. Foram combinadas as palavras-chaves com os operadores booleanos: (identidade racial) AND (adolescência); (identidade racial) AND (racismo); (identidade racial) AND (intervenção). Cabe ressaltar que a mesma ordem foi aplicada em todos os portais.

Os critérios de inclusão adotados neste estudo foram os seguintes: estudos desenvolvidos no Brasil e que tenham sido publicados nos últimos dez anos; pesquisas realizadas com adolescentes ou que retratam experiências de adultos vividas nessa fase do desenvolvimento.

A justificativa encontrada para selecionar apenas estudos nacionais é para se obter uma análise mais fidedigna do cenário brasileiro, para que a realidade aqui vivenciada seja evidenciada e para que autores nacionais obtenham visibilidade de sua produção acadêmica. Foram excluídos artigos que não estão relacionados à temática do projeto. Posteriormente, realizou-se a análise dos títulos e resumos dos artigos e foram selecionados aqueles que estavam disponíveis na íntegra. Essa revisão foi realizada no período de dezembro/2022 a janeiro /2023.

5.3. Resultados

Os artigos que cumpriram os critérios mencionados foram analisados e descritos nesta pesquisa. Foram encontrados 1.055 artigos, sendo 1.022 na plataforma BVS/LILACS, 30 artigos na plataforma SCIELO e 3 artigos na SCIELO. Foram excluídos 241 artigos por não terem sido publicados no período de dez anos, 731 por serem estudos realizados em outro idioma e 14 artigos por estarem duplicados. Dessa forma, 69 estudos foram selecionados para leitura do resumo. Foram então capturados 9 artigos para leitura na íntegra que foram utilizados para análise e categorização.

A análise dos artigos permitiu observar que, em sua maioria, são publicações dos últimos cinco anos, tendo a abordagem qualitativa como metodologia de pesquisa. Optou-

se por incluir estudos realizados com crianças e adultos pois retratam o processo de formação da identidade étnico-racial sob diferentes perspectivas e que irão possibilitar um olhar sobre os impactos para a adolescência. E ainda em função da escassez de estudos contemplando especificamente essa fase do desenvolvimento. Os estudos apresentam predominantemente como objetivo diálogos sobre as consequências da discriminação racial, o impacto da falta de representatividade principalmente no contexto escolar e caminhos para o empoderamento e fortalecimento da identidade por meio da valorização da cultura negra (ARAUJO, DE MOURA E DO AMARAL DANTAS, 2021; AMORIM, ALÉSSIO E DANFÁ, 2021; CHAVES, 2021; DO NASCIMENTO BATISTA et al., 2019; DE OLIVEIRA et al., 2019; GESSER E COSTA, 2018; MAXIMO et al., 2012).

Foram incluídos ainda dois estudos considerados relevantes para essa pesquisa, sendo um que retrata o processo de Implementação da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (BATISTA E BARROS, 2017) e outro que oferece um panorama de como as relações étnico- -raciais têm sido investigadas pela psicologia através de uma Revisão Sistemática da Literatura (MARTINS, DOS SANTOS E COLOSSO, 2013). Ambos os estudos possibilitaram ampliação das discussões e articulação com dados encontrados. Os artigos selecionados podem ser encontrados no Quadro 1:

Quadro 1: Estudos selecionados para Revisão Integrativa da Literatura

N	Autor	Título e ano de publicação	Revista	Palavra-chave	Local do estudo	Objetivos	Metodologia	Participantes	Instrumentos
1	DO NASCIMENTO BATISTA, Matheus et al	O autoconceito cognitivo de estudantes pretos (as) e pardos (as) Ano: 2019	Psicologia Argumento	Identidade. Autoconceito Cognitivo. População Negra. Ameaça do Estereótipo	Escolas públicas de Curitiba (PR)	Examinar a associação entre a autoclassificação étnico-racial e autoconceito cognitivo de estudantes da educação básica.	Delineamento correlacional e corte transversal. Participantes selecionados por conveniência.	706 estudantes do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio Idade: 9 e 21 anos	1)Questionário sociodemográfico 2) Escala de Competência Percebida para Crianças (ECPC)
2	MAXIMO, Thaís Augusta Cunha de Oliveira et al	Processos de identidade social e exclusão racial na infância Ano:2012	Psicol. rev. (Belo Horizonte)	Identidade. Exclusão racial. Branqueamento	Escola Municipal na cidade de João Pessoa (PA)	Problematizar sobre as possíveis consequências da discriminação racial na construção da identidade em crianças e adolescentes.	Abordagem qualitativa: e quantitativa: estatística descrita e correlacional	161 crianças, com idades entre 9 a 12	1)Entrevista semiestruturada para auto categorização racial, preferência racial e avaliação de figuras humanas de diferentes etnias e gênero.
3	DE OLIVEIRA, Aryanne Pereira et al	Identities em transição: Narrativas de mulheres negras sobre cabelos, técnicas de embranquecimento e racismo Ano:2019	Estudos e Pesquisas em Psicologia	Mulheres negras, práticas de cuidado, cabelos, racismo, psicologia social.	Blogs e portais de notícias, disponíveis na Internet no ano de 2015	Analisar as narrativas de mulheres negras sobre seus cabelos e suas reflexões sobre autocuidado, suas experiências nesse processo e sobre como estas (trans)formaram suas identidades.	Abordagem qualitativa através da Análise do Discurso	Mulheres de 11 a 44 anos	Não foram descritos uso de instrumentos

N ^o	Autor	Título e ano de publicação	Revista	Palavra-chave	Local do estudo	Objetivos	Metodologia	Participantes	Instrumentos
4	BATISTA, Luis Eduardo; BARROS, Sônia.	Enfrentando o racismo nos serviços de saúde Ano:2017	Cadernos de saúde pública	Política Pública, racismo, serviços de saúde	Nacional	Avaliação do Processo de Implementação da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: Indicadores de Monitoramento e Avaliação.	Qualitativa	Gestores e lideranças de movimentos sociais que atuam no campo da saúde da população negra das 27 Unidades da Federação	Questionário composto de 52 perguntas, contendo identificação pessoal, características do local de respostas, vivências e problemáticas identificadas na implementação da Política e que indicadores estavam sendo utilizados em seu monitoramento.
5	CHAVES, Elisângela	Negritude, Identidade e Dança Ano:2021	Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer	Dança, Educação social, Afrodiaspórico	Nacional	Explicitar a potencialidade que o ensino de danças de matriz afrodiaspórica têm ao serem abordadas em projetos educacionais socioculturais para empoderamento, valorização e identidade cultural junto a comunidades periféricas.	Revisão Bibliográfica	Crianças e Adolescentes de comunidades periféricas e em situação de vulnerabilidade social participantes de projetos socioculturais.	Não foram descritos uso de instrumentos

6	<p>ARAUJO, Danielle Cabral;</p> <p>DE MOURA, Vanessa Alice;</p> <p>DO AMARAL DANTAS, Bruna Suruagy</p>	<p>O resgate da memória histórica como estratégia de desconstrução do racismo</p> <p>Ano:2021</p>	<p>Pesquisas e Práticas Psicossociais</p>	<p>Racismo. Conscientização . Memória histórica.</p>	<p>Centro para Crianças e Adolescentes (CCA), localizado em Heliópolis/SP</p>	<p>Propiciar o resgate da memória histórica da cultura negra por meio da contação de histórias, visando combater o racismo.</p>	<p>Investigação-ação-participativa /observação ativa e inserção participante</p>	<p>Aproximadamente 30 crianças com idade entre 5 e 7 anos</p>	<p>Contação de histórias, com a utilização de objetos, vídeos, músicas e instrumentos, seguida de atividades gráficas nas quais eram feitas problematizações e Diário de Campo</p>
----------	--	---	---	--	---	---	--	---	--

Nº	Autor	Título e ano de publicação	Revista	Palavra-chave	Local do estudo	Objetivos	Metodologia	Participantes	Instrumentos
7	<p>GESSER, Roselita;</p> <p>COSTA, Cleber Lázaro Julião.</p>	<p>Menina Mulher Negra: Construção de identidade e o conflito diante de uma sociedade que não a representa</p> <p>Ano:2018</p>	<p>Revista Brasileira de Psicodrama</p>	<p>Menina, adolescência, racismo, identidade étnico-racial, psicodrama</p>	<p>Recurso disponível online</p>	<p>Discutir a falta de representatividade positiva para as meninas mulheres negras e a construção de sua identidade étnico-racial no contexto escolar</p>	<p>Qualitativa/Análise do Discurso</p>	<p>A protagonista do filme é uma adolescente preta de 17 anos</p>	<p>Curta metragem “Jeniffer”</p>
8	<p>AMORIM, Cláudia Lanyelle</p> <p>Revorêdo de; ALÉSSIO, Renata Lira dos Santos;</p> <p>DANFÁ, Lassana.</p>	<p>Mulheres negras e construção de sentidos de identidade na transição capilar.</p> <p>Ano:2021</p>	<p>Psicologia e Sociedade</p>	<p>Mulheres negras; Identidade; Transição capilar; Racismo</p>	<p>Recife/PE</p>	<p>Investigar a construção dos sentidos de identidade em mulheres negras que passaram pela transição capilar.</p>	<p>Qualitativa/Análise da narrativa</p>	<p>12 mulheres negras com idades compreendidas entre 18 e 34 anos.</p>	<p>Entrevistas semiestruturadas</p>

9	MARTINS, Edna; DOS SANTOS, Alessandro de Oliveira; COLOSSO, Marina.	Relações étnico-raciais e psicologia: publicações em periódicos da SciELO e Lilacs Ano: 2013	Psicologia: Teoria e Prática	Relações raciais; pesquisa bibliográfica; preconceito; racismo; discriminação.	Estudo Teórico	Oferecer um panorama de como as relações étnico-raciais têm sido investigadas pela psicologia.	Revisão Sistemática da Literatura	Trabalhos publicados em periódicos nacionais de psicologia e psicanálise sobre relações étnico-raciais	Seleção de 41 artigos para elaboração do estudo
---	---	---	------------------------------	--	----------------	--	-----------------------------------	--	---

Fonte: Elaborado pela autora do estudo

A avaliação dos artigos selecionados e discussões foram organizadas em duas categorias de análise, a saber (1) Os efeitos de uma cultura da exclusão e do embranquecimento e (2) Afirmação da negritude como estratégia de enfrentamento ao racismo. Essas categorias foram propostas a partir da análise dos principais objetivos e resultados alcançados nos estudos que integram a revisão.

5.4. Discussão

5.4.1. Os efeitos de uma cultura da exclusão e do embranquecimento

A produção de conhecimento no campo da identidade étnico-racial no Brasil indica a necessidade de um aprofundamento das discussões no que concerne às práticas de enfrentamento ao racismo. Arquitetada em uma sociedade onde raça delimita as relações de poder, De França e Silva (2021, p.99) explicitam que “são raros os estudos que analisem a transmissão de mensagens sobre o significado de ser negro numa sociedade caracterizada por profundas diferenças de status entre os grupos étnico-raciais”. Em um estudo de Revisão Sistemática da Literatura, Martins, dos Santos e Colosso (2013) buscou oferecer um panorama de como as relações étnico-raciais têm sido investigadas pela psicologia. Com base nos 41 artigos encontrados no período de 2000 a 2009, foi possível observar que predominam a temática da violência psicológica do preconceito e do racismo, o legado social do branqueamento e seus efeitos psicossociais sobre a identidade étnico-racial de negros e brancos. De maneira mais lenta, aparecem as discussões sobre o monitoramento dos efeitos das políticas e dos programas de promoção da igualdade étnico-raciais.

Amorim, Aléssio e Danfá (2021) ao retratar a construção dos sentidos de identidade em mulheres negras que passaram pela transição capilar, explicitam que o racismo presente na sociedade dita maneiras de existir e aniquila qualquer característica que esteja fora dos padrões estabelecidos. Como forma de sobrevivência, a negação de si mostra-se como um caminho para o negro através da adoção de uma ideologia do branqueamento. Dessa maneira, “o racismo atua na exaltação de diferenças positivas para os brancos e realce de diferenças negativas para negros” (p. 2). Como consequência, mulheres negras foram e são expostas, muitas vezes, desde a infância a procedimentos químicos para alisar o cabelo, em uma tentativa de aproximação ao conceito de

desejabilidade social. Nessa pesquisa, foram entrevistadas 12 mulheres com idade entre 18 e 34 anos no ano de 2017 que passaram pelo processo de transição capilar. Os relatos foram estruturados por períodos, a saber: período anterior, durante e posterior a transição capilar. Fica explícita a importância desse processo na construção da identidade dessas mulheres, pois um relato inicial ligado a qualificadores de desconforto tais como sofrimento, angústia e mal-estar, vai dando espaço para narrativas de conforto e segurança. Os autores reforçam que não se trata apenas de um processo estético, mas sim de uma mudança de si e de posicionamento, o que pode ser observado na fala de uma participante que disse: “É uma relação de...um sentimento de, digamos assim, identidade, né? É você se reconhecer no seu cabelo e, conseqüentemente, na valorização da estética negra”.

Resultado semelhante foi encontrado na pesquisa De Oliveira et al. (2019) que analisou relatos de mulheres negras sobre seus cabelos, publicados em blogs e portais de notícias. Os dados apresentados mostram que a maioria das participantes indicaram que o processo de embranquecimento começou ainda na infância e que a falta de representatividade, principalmente na escola, afetava negativamente a construção da identidade. Em um dos relatos, a participante desabafa: “E por que eu fiz tudo isso [com o cabelo]? Bom, na TV só havia mulheres de cabelo liso fazendo comercial de xampu (DE OLIVEIRA et al., 2019, p.453). Por outro lado, o estudo salientou a importância das redes sociais como forma de promover conexão entre mulheres que estão vivenciando o processo da transição capilar, contribuindo para formação de grupos que se identificam em narrativas com referenciais positivos sobre a identidade negra. Assim, afirmam que “o acesso à informação acerca da história e a importante representatividade positiva de imagens diversas de negritude podem modificar a maneira como mulheres negras vivem as experiências a partir de seus cabelos.” (DE OLIVEIRA et al., 2019, p.459).

Essa falta de identificação positiva com o povo negro apresentada na sociedade, possui uma trajetória longa, iniciada ainda nos anos escolares. No estudo apresentado por Do Nascimento Batista et al. (2019) o objetivo apresentado era de conhecer o autoconceito cognitivo de 706 estudantes do Ensino Fundamental e Médio na cidade de Curitiba com idade entre 9 e 21 anos. Destaca-se aqui o resultado encontrado que indicou que aqueles que se autodeclararam pretos ou pardos apresentaram autoconceito cognitivo significativamente inferior ao de seus pares. Os autores discutem que os estereótipos negativos reproduzidos no ambiente escolar contribuem muito para a construção e manutenção dessa crença, onde podem ser observados estigmas que dizem “Estudantes

negros jogam bem futebol, mas não são bons em matemática”. Dessa forma reforçam a existência de um estereótipo que “opera potencializando as conexões entre a inabilidade e a identificação étnico-racial”. (DO NASCIMENTO BATISTA et al., 2019, p.303).

Nessa mesma direção, Gesser e Costa (2018) retratam que no espaço escolar a criança desde muito cedo é socializada com personagens, histórias e figuras que não a representam. E completam que “neste espaço, por intermédio das práticas e dos próprios livros, a criança afrodescendente é submetida à influência de figuras estranhas à sua identidade” (GESSER E COSTA, 2018, P. 24). Corroborando esses dados, Araújo, De Moura e Do Amaral Dantas (2021, p.3) realizaram um trabalho com crianças que consistiu em propiciar o resgate da memória histórica da cultura negra por meio da contação de histórias, visando combater o racismo. Os autores narram que “a criança negra, muitas vezes, só entra em contato com a história do seu povo sob a óptica da escravidão e de toda sorte de exploração e humilhação, representadas em novelas, filmes, livros escolares e sistemas de comunicação”.

Realidade semelhante foi apresentada no estudo de Máximo et al., 2012 que investigou as possíveis consequências da discriminação racial na construção da identidade em crianças e adolescentes. Realizando entrevistas semiestruturadas com 161 crianças entre 9 e 12 anos, os autores apresentaram material de estímulo com figuras de pessoas de diferentes raças para observar autocategorização e preferências sociais. Pode-se observar que características como beleza e comunicabilidade eram atribuídas às pessoas brancas e características indesejáveis como desonestidade às pessoas negras. Em uma das atividades os autores relataram que “na situação em que era pedido que as crianças apontassem um culpado para o desaparecimento de um estojo na sala de aula (nível moral), ficou evidente que as figuras menos apontadas foram figuras brancas e que as mais indicadas foram as negras”.

Observa-se dessa maneira que vivenciar o processo de rompimento com a internalização de uma cultura eurocentrada é uma tarefa árdua, que exige tomada de consciência e resistência para assumir a negritude. Esse processo citado por Kilomba (2020) como descolonização, visa o desenvolvimento de uma identificação positiva do povo negro com sua história, podendo gerar maior autonomia e segurança. A busca por esse caminho poderia levar a uma diminuição, ainda que gradual, das manifestações diárias de exclusão as quais o povo negro é submetido.

5.4.2. Afirmção da negritude como estratégia de enfrentamento ao racismo

A construção da identidade étnico-racial possui estreita conexão com o autoconceito, autoestima e por consequência com a competência social, mostrando-se como um elemento fundamental para o desenvolvimento humano. A literatura aponta, segundo Do Nascimento Batista et al. (2019, p. 302) que “o desenvolvimento de uma identidade étnico-racial positiva pode ser um fator de proteção importante para o desenvolvimento de crianças e adolescentes”.

Conhecer elementos que impulsionam o desenvolvimento humano pode ser uma importante estratégia de prevenção no campo da saúde com importantes desdobramentos para as Políticas Públicas. Torna-se ainda imprescindível compreender as especificidades que acompanham as diferentes necessidades vivenciadas por grupos historicamente negligenciados, como é o caso do povo negro. Ao discutir o enfrentamento do racismo nos serviços de saúde, Batista e Barros (2017) discorrem sobre a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN) aprovada em 10 de novembro de 2006 pelo Conselho Nacional de Saúde.

Os autores apontam para a importância de se discutir a implementação dessa lei nos serviços de saúde em 2014. Com o objetivo de investigar o progresso de efetivação dessa política, realizaram uma pesquisa a nível nacional para identificar os municípios onde estava sendo aplicada. Os resultados mostraram que dentre os 5.561 municípios, somente 32 responderam/relataram ter essa política implantada.

O texto aborda ainda o desconhecimento por parte das equipes de saúde sobre os efeitos do racismo na vida de pessoas negras, e alertam que é “necessária a organização de gestores, trabalhadores e sociedade civil para garantir direitos sociais, atentando para as iniquidades raciais nas condições de vida da população e seu impacto no perfil de saúde” (BATISTA E BARROS, 2017, P. 4).

Essa organização da sociedade pode acontecer de diferentes formas, tendo por exemplo, o ambiente escolar como importante aliado no desenvolvimento de práticas antirracistas. Foi o que mostrou a pesquisa de Araújo, De Moura e Do Amaral (2021) que ao desenvolver um trabalho com crianças de 5 a 7 anos sobre o resgate da cultura negra. As autoras relataram que após 12 encontros envolvendo as crianças com histórias positivas sobre o povo negro, foi possível observar uma mudança de comportamento frente a identificação étnico-racial pois “houve várias expressões de afirmação da identidade negra coletiva em decorrência das narrativas e memórias históricas; agora

negro é identidade” (ARAÚJO, DE MOURA E DO AMARAL, 2021, P. 11). Esse impacto gerado pela intervenção realizada na pesquisa, corrobora o que Munanga narra (2020, p. 51): “o estudo da história permite ao negro recaptar a sua nacionalidade e tirar dela o benefício moral necessário para reconquistar seu lugar no mundo moderno”.

O desenvolvimento de práticas que conectem o povo negro à sua ancestralidade, é uma forma de promover saúde mental. Isso porque tornar conhecida a força e a resistência que provém de um povo, contribui para uma autopercepção positiva e consequentemente, mudanças são observadas na autoestima e no convívio social. Kilomba (2020, p.237) alerta que “essa série de identificações previne o sujeito negro da identificação alienante com a branquitude”. Na pesquisa conduzida por Chaves (2021) foi apresentada a importância do ensino de danças de matriz afrodiaspórica em projetos educacionais socioculturais junto a comunidades periféricas. A autora indica o potencial existente nessas práticas consideradas emancipatórias, agindo como mecanismo de empoderamento, valorização e identidade cultural. Alerta ainda que existe uma carência de estudos que apontem a importância desse ensino, limitando a percepção da sociedade sobre a necessidade de ampliação e diversificação de espaços que estimulem tais atividades que podem agir como fonte de “resistência, sobrevivência e transformação na luta antirracista” (CHAVES, 2021, P 742).

Os estudos aqui apresentados mostram-se como importantes subsídios para discussões sobre os impactos do racismo na construção da identidade étnico-racial. As questões que nortearam essa revisão puderam ser respondidas indicando que a construção da identidade étnico-racial na literatura nacional possui uma investigação pautada nos impactos do racismo e nos efeitos sociais de uma cultura eurocentrada. Foi possível observar a necessidade de ampliação de estudos que visem o desenvolvimento de estratégias que apresentem a importância da conexão com a cultura afro, bem como uma história positiva do povo negro, principalmente no âmbito escolar. Possibilidades práticas para compor uma intervenção antirracista e pautada na diversidade.

5.5. Conclusão do estudo 2

Elaborar uma reflexão contra hegemônica no que concerne o desenvolvimento de adolescentes negros no Brasil, denunciando os impactos do racismo nesse processo têm se mostrado como um ato político. Incitar discussões que busquem romper com o discurso colonial que ainda mata jovens negros nesse país exige uma postura estratégica para sustentar os conflitos advindos desse processo.

Historicamente, o racismo vem adoecendo e modificando a identidade de pessoas negras. A tecnologia utilizada para que, mesmo após anos de escravização, pessoas brancas continuem assumindo seu lugar de privilégio em detrimento ao sofrimento psíquico de pessoas negras, é cruel e patológico. Sendo, portanto, um fator de risco para o desenvolvimento.

A busca por estratégias de enfrentamento para oferecer recursos protetivos ao desenvolvimento mostra-se como um bom prognóstico, ainda que na literatura atual sejam escassos estudos direcionados para adolescência.

Na revisão literária realizada nesse estudo, foi possível corroborar estudos que afirmam os efeitos de uma cultura da exclusão e do embranquecimento causados pelo racismo. Os artigos apresentaram, em sua maioria, os efeitos da negação da africanidade em mulheres, que se veem desde muito cedo adotando estratégias de aproximação com a identidade da mulher branca. Mas, também é possível identificar que o resgate da autoestima se dá pelo processo de retomada de sua história, beleza e potência.

A afirmação da negritude como estratégia de enfrentamento ao racismo pode ser uma trilha para que a quebra da relação de subalternidade seja compreendida e jovens negros assumam o seu lugar na sociedade. E mais que isso: essa afirmação é um protesto de direito à vida e a dignidade humana,

Algumas questões práticas foram elucidadas através de atividades já correntes, principalmente no âmbito escolar com crianças, que através da mudança de narrativa sobre a história contada nos espaços acadêmicos acerca do povo negro, têm gerado impactos positivos na identidade.

Lacunas serão aqui apresentadas para que estudos futuros possam apresentar perspectivas de intervenção. A primeira delas é que grande parte dos estudos resultaram no processo de construção da identidade de mulheres negras, tornando necessário o aprofundamento acerca das questões de gênero envolvidas nesse processo. Indica-se que estudos futuros investiguem como são os efeitos do racismo em homens e ainda que sejam

apresentadas as intersecções entre sexualidade e gênero, entendendo as inúmeras possibilidades e atravessamentos decorrentes dessa construção.

Salienta-se ainda a urgência de pesquisas que apontem estratégias de intervenção voltadas para adolescência que indiquem a diversidade étnico-racial como fator protetivo ao desenvolvimento. Ações práticas no âmbito escolar têm sido apontadas na literatura como um contexto favorável para práticas antirracistas e de estímulo à diversidade. Sendo um espaço de formação, uma pedagogia centrada no letramento racial pode funcionar como elemento chave para que adolescentes negros possam assumir com orgulho a sua negritude, sentindo-se seguros e protegidos.

5.6. Referências

AMORIM, Cláudia Lanyelle Revorêdo de; ALÉSSIO, Renata Lira dos Santos; DANFÁ, Lassana. Mulheres negras e construção de sentidos de identidade na transição capilar. **Psicologia & Sociedade**, v. 33, p. e224920, 2021.

ARAUJO, Danielle Cabral; DE MOURA, Vanessa Alice; DO AMARAL DANTAS, Bruna Suruagy. O resgate da memória histórica como estratégia de desconstrução do racismo. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 16, n. 2, p. 1-16, 2021.

BATISTA, Luis Eduardo; BARROS, Sônia. Enfrentando o racismo nos serviços de saúde. **Cadernos de saúde pública**, v. 33, n. Suppl 1, p. e00090516, 2017.

BENTO, C. O pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022

BRONFENBRENNER, Urie; CECI, Stephen J. Nature-nuture reconceptualized in developmental perspective: A bioecological model. *Psychological review*, v. 101, n. 4, p. 568, 1994

CHAVES, Elisângela. Negritude, identidade e dança. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 24, n. 4, p. 742-762, 2021.

DE OLIVEIRA, Aryanne Pereira et al. Identidades em transição: Narrativas de mulheres negras sobre cabelos, técnicas de embranquecimento e racismo. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 19, n. 2, p. 445-463, 2019.

DE OLIVEIRA MÁXIMO, Thaís Augusta Cunha et al. Processos de identidade social e exclusão racial na infância. **Psicologia em Revista**, v. 18, n. 3, p. 507-526, 2012.

DO NASCIMENTO BATISTA, Matheus et al. O autoconceito cognitivo de estudantes pretos (as) e pardos (as). **Psicologia Argumento**, v. 37, n. 97, p. 299-311, 2019.

DOS SANTOS DORIA, Andrea; DE FRANÇA, Dalila Xavier; LIMA, Marcus Eugênio Oliveira. Afirmção da identidade étnico-racial em crianças quilombolas e não quilombolas. **Kwanissa: Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros**, v. 4, n. 8.,P.62-83, 2021.

GESSER, Roselita; COSTA, Cleber Lázaro Julião. Menina Mulher Negra: construção de identidade e o conflito diante de uma sociedade que não a representa. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 26, n. 1, p. 18-30, 2018.

HUGULEY, James P. et al. Parental ethnic-racial socialization practices and the construction of children of color's ethnic-racial identity: A research synthesis and meta-analysis. **Psychological bulletin**, v. 145, n. 5, p. 437, 2019.

HUTZ, Claudio Simon. **Avaliação em psicologia positiva**. Artes Médicas Editora, 2014.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

MATOS, Patrícia Modesto; FRANÇA, Dalila Xavier de. Socialização étnico-racial e racismo: dos saberes afro-brasileiros e africanos à construção da identidade étnico-racial. **Educar em Revista**, v. 37, 2021.

MARTINS, Edna; DOS SANTOS, Alessandro de Oliveira; COLOSSO, Marina. Relações étnico-raciais e psicologia: publicações em periódicos da SciELO e Lilacs. **Psicologia: teoria e prática**, v. 15, n. 3, p. 118-133, 2013.

MORAIS, Normanda Araújo. de. (2009). Trajetórias de vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social: entre o risco e a proteção. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS.

NUNES, Simone Costa et al. FATORES DE ADOECIMENTO EMOCIONAL E RACISMO. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 16, n. Edição Especial, 2023.

NOBLES, Wade. Sakhu Sheti: Retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrados. In: NASCIMENTO, Elisa (org.). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SAPIENZA, Graziela; PEDROMÔNICO, Márcia Regina Marcondes. Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. **Psicologia em estudo**, v. 10, p. 209-216, 2005.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein* (São Paulo), v. 8, n. 1, p. 102-106, 201

6. ESTUDO 3: “QUEM SABE DE ONDE VEIO NÃO SE PERDE”: O PROGRAMA GINGA COMO ESTRATÉGIA ANTIRRACISTA NA ADOLESCÊNCIA

6.1. Introdução

É complexa a compreensão da diversidade de fatores que compõem a identidade de um povo e é imprescindível que múltiplos saberes sejam articulados para uma possível definição do conceito de identidade.

Munanga (2012) possibilita a criação de um delineamento que oferece estratégias práticas para compreensão das vertentes integrantes do conceito de identidade. Em seus estudos sobre a história e a cultura africanas e as relações raciais no Brasil e na diáspora, contribui de maneira ímpar com a construção de um pensamento que convida a uma percepção heterogênea acerca de como compreender a constituição da sociedade brasileira. Além disso, apresenta uma construção do conceito de identidade que compreende fatores históricos, sociais, culturais, psicológicos e políticos.

A categoria raça vem sendo investigada na literatura como um dos componentes do conceito de identidade social e é permeada por uma ampla discussão acerca dos diferentes impactos advindos da racialização dos povos (FRANÇA E SILVA, 2021). Sabe-se que o conceito de raça se estabelece com justificativas políticas, direcionando ao grupo racial dominado característica negativa para que a subalternidade seja justificada e mantida. A análise sócio-histórica acerca da formação da identidade do negro possibilita compreender que esta é engendrada sob o viés dos dispositivos racistas que são sustentados pelo processo de degradação de sua imagem (SOUZA, 2021).

Conforme aponta França e Silva (2021, p.38) enquanto sociedade multiétnica, no Brasil “as diferenças de status e de valor entre os grupos étnico-raciais têm sido historicamente marcadas pela negação da existência de conflitos e desigualdades de ordem étnico-racial”. Essa negação é apontada na literatura como o Mito da Democracia Racial que além de invisibilizar a existência do racismo na sociedade, perpetua o sofrimento do negro que convive cotidianamente com os impactos da violência racial (FRANÇA E SILVA, 2021; MUNANGA, 2012; NOBLES, 2009).

O racismo pode ser “fundado na ideia de que há uma raça superior (branco-europeia) detentora de superioridade física, moral, intelectual e estética, dispondo, portanto, de um poder sobre verdades e normas” (SCHUCMAN, 2010, P.43). E inúmeras

podem ser as implicações desse sistema de opressão na identidade, tais como: negação da negritude, formação de estereótipos negativos ligados ao povo negro e o desejo de embranquecer (SOUZA,2021). Os efeitos do racismo no desenvolvimento de crianças e adolescentes necessitam de maiores investigações e de estratégias que possam difundir a importância de metodologias práticas, voltadas para a diversidade étnico-racial e para valorização de povos historicamente marginalizados.

O presente estudo teve por objetivo apresentar o percurso teórico-metodológico do processo de construção do Programa Ginga- programa psicoeducativo antirracista para promoção da diversidade da identidade étnico-racial de adolescentes. O programa foi aplicado em dois contextos distintos e possibilitou apresentar as potencialidades e desafios encontrados ao longo do trabalho desenvolvido.

Dessa forma, o que se segue são a fundamentação teórica comum às duas aplicações e os resultados e discussão das duas aplicações do programa Ginga, que serão futuramente desmembradas em dois artigos para publicação.

6.1.1. A construção da identidade atravessada pela desigualdade racial: o que o racismo nos revela?

Dentre os processos identitários descritos, sabe-se que a construção da identidade étnico-racial perpassa todas as pessoas. Segundo o IBGE, o sistema de classificação por cor ou raça da população envolve cinco categorias: branca, preta, amarela, parda e indígena.

Os estudos acerca dos impactos advindos da racialização dos povos são imperiosos ao apontar que a compreensão da categoria raça somente é possível em uma perspectiva política e ideológica (SCHUCMAN,2012; MUNANGA,2012). Sabe-se que não existem critérios biológicos que justifiquem diferenças entre as pessoas, e, portanto, esse conceito foi criado para justificar um sistema perverso e violento conhecido por colonização. Em decorrência a esse processo, o racismo se configura como uma perpetuação dessa violência e pode ser definido como:

“Qualquer fenômeno que justifique as diferenças, preferências, privilégios, dominação, hierarquias e desigualdades materiais e simbólicas entre seres humanos, baseado na ideia de raça. Pois, mesmo que essa ideia não tenha nenhuma realidade biológica, o ato de atribuir, legitimar e perpetuar as desigualdades sociais, culturais, psíquicas e políticas à “raça” significa legitimar diferenças sociais a partir da naturalização e essencialização da ideia falaciosa de diferenças biológicas que, dentro da lógica brasileira, se manifesta pelo fenótipo e aparência dos indivíduos de diferentes grupos sociais” (SCHUCMAN,2012,P.44)

Para iniciar essa discussão, a provocação feita por Souza (2021, p.46) suscita o impacto que o abismo do racismo imprime no processo de adolescer do jovem brasileiro: “saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas”. Ao realizar uma análise crítica sobre o desenvolvimento de adolescentes negros no Brasil, torna-se fundamental considerar que esta identidade é atravessada pelos impactos do racismo que estruturalmente assola a sociedade.

Inúmeros fatores contribuem para que o negro não consiga enxergar a si como alguém capaz e seguro, pois a opressão sofrida ao longo da história indica de maneira violenta qual é o seu lugar, conforme apresenta Munanga (2019, p. 15): “a identidade do mundo negro se inscreve no real sob a forma de exclusão. Ser negro é ser excluído”. O sentimento de inferioridade invalida sua autonomia e sua capacidade de pedir ajuda, reforçando o ciclo de sofrimento

Historicamente, o processo de colonização do povo africano data o século XV, onde pode-se perceber o início de um movimento metaforicamente denominado por Nobles (2009, p.283) como descarrilhamento:

“As comunidades humanas, da mesma forma que todos os organismos vivos, têm um caminho/processo de crescimento ou desenvolvimento que pode ser mapeado. O caminho do desenvolvimento africano em termos de socialização, vida familiar, educação, formas de conhecer a Deus, padrões de governo, pensamento filosófico profundo, invenções científicas e técnicas foi descarrilhado pela invasão e dominação estrangeira. O efeito desse descarrilhamento ainda está por ser compreendido ou registrado de forma plena e precisa”.

Destituído de sua história, sua língua, costumes e ideologias, restava assim, descaracterizado de sua identidade, assumir o lugar de colonizado, adotando a postura de inferior e inadequado, tornando-se presa fácil para a instituição de uma cultura eurocêntrica, que “salvaria os selvagens” de maneira comprometida através da domesticação colonizadora, permitindo assim que esse povo visto como a-histórico, ganhasse uma nova condição de vida.

E está aí “a consequência da história única: ela rouba a dignidade das pessoas” (ADICHIE, 2019, P.27). Essa pseudoigualdade que seria alcançada através da colonização, já institui de maneira declarada a superioridade dos brancos e a subalternidade dos negros. Somado a isso, para que a relação de subjugação fosse comprovada, diferentes estudos conduzidos por cientistas buscavam atestar essa inferioridade através da análise de determinados traços como a cor da pele e dos olhos, o

formato do rosto, do cabelo, a presença de comportamentos como a hostilidade, a perversão e até condições ambientais como o clima, serviram de aporte para elaboração de teorias que embasam uma história de dominação, processo conhecido por Racismo Científico (NEVES E DA SILVA, 2019; PETRÔNIO, 2005). Assim, como aponta Munanga (2019, p. 30-31):

“com essas teorias sobre as características físicas e morais do negro patenteia-se a legitimação e a justificativa de duas instituições: a escravidão e a colonização. Nesse sentido, o esforço constante do colonizador em mostrar, justificar e manter, tanto pela palavra quanto pela conduta, o lugar e o destino do colonizado, seu parceiro no drama colonial, garante, portanto, o seu próprio lugar na empresa”

E no Brasil, essa análise ganha contornos perturbadores uma vez que se trata de um país erguido através da mão-de-obra escrava, trazendo os resquícios de uma relação de dominação e apagamento da identidade de um povo, onde as consequências de apenas 134 anos de abolição da escravidão podem ser facilmente percebidas na estrutura da sociedade.

Conforme apontam Neves e da Silva (2019), inúmeras tentativas de criar no imaginário social um ideal de igualdade e de sociedade democraticamente construída foi então difundido na segunda metade do século XIX. Com o fim da escravidão, um aumento expressivo na imigração da mão-de-obra europeia foi justificado. Uma vez libertas, as pessoas pretas poderiam agora participar da construção do país e terem melhores condições de vida, principalmente pelo ideário de igualdade promulgado com a Proclamação da República.

Surge assim uma narrativa que contribuiria para a manutenção de um racismo velado que assola a população preta até os dias atuais, declarando “o racismo a brasileira” - o mito da democracia racial:

Do ponto de vista do discurso da ideologia racial no pós-abolição (a saber, o da democracia racial), as oportunidades eram dadas igualitariamente para negros e brancos. Mas como os negros não as aproveitavam, concluía-se que eram incompetentes, incapazes e/ou inferiores. Portanto, uma das dimensões psicológicas do mito da democracia racial foi ter reforçado o "complexo de superioridade" no branco e, em contrapartida, desenvolvido no negro o "complexo de inferioridade", isto é, fez o negro sentir-se responsável pelos seus próprios infortúnios (PETRÔNIO, 2005, P.126)

Ainda sob a justificativa da promoção a uma igualdade racial, destaca-se também o processo de miscigenação da população, ocorrido sob forte viés da violência sexual, arquitetando mais uma vez a percepção ilusória de que o Brasil não era um país racista. Um projeto de branqueamento da sociedade, conferindo àqueles que tinham a pele mais

clara, tratamento diferenciado com acesso à direitos civis, religiosos e militares (PETRÔNIO,2005).

E como revela Devulsky (2021, p.12) “a mestiçagem, de origem violenta, fez parte de um projeto colonial que pretendia diluir a negritude até o ponto em que ela desaparecesse”. Dessa maneira, o chamado colorismo segregou ainda mais as pessoas pretas retintas e colocou o chamado mestiço em um não lugar, pois é branco demais para ser considerado preto, e preto demais para ser considerado branco.

Os impactos desse processo, conecta passado e presente num continuum desagregado, como denunciou Kilomba (2020, p.213): “cotidiana e abruptamente, como um choque alarmante, ficamos presas/os a cenas que evocam o passado, mas que, na verdade, são parte de um presente irracional”. Contrariamente ao discurso de igualdade compulsoriamente tramado pelo mito da democracia racial, as pesquisas sobre os indicadores sociais realizadas no âmbito nacional apontam para uma realidade oposta, onde a população negra continua sendo o retrato das estatísticas acerca da precarização do acesso a bens e serviços.

Assim, o lugar social direcionado aos negros definiu a estreita margem de sua mobilidade social bem como de que maneira a relação com os brancos seria estabelecida. Somado a isso, o discurso da democracia racial retirou o problema da desigualdade racial de um espectro coletivo, passando a enxergá-lo como traços individuais e portanto, da personalidade dos negros. Estratégia ocidental para gerar auto responsabilização e culpabilização. Estrutura-se aí uma estrada favorável para que a rota do embranquecimento surgisse e se mantivesse hegemônica.

Uma engenharia desumana, porém, oportuna, uma vez que contribuiria para o enfraquecimento coletivo do povo negro além de isentar o Estado de sistematizar uma política de reparação aos danos gerados, bem como dispensar o então colonizador da responsabilidade de auxiliar o seu empregado a escrever novas relações de trabalho (PETRÔNIO, 2005).

Souza (2021) nomeia esse processo de submissão ideológica, trazendo graves impactos para a construção da identidade do negro, gerando o que a autora descreve por uma reação apática, paralisando esse grupo racial na posição de inferior e gerando reações autodepreciativas.

Dessa forma, “o racismo é uma realidade violenta”, que se materializa na estrutura da sociedade e “privilegia manifestamente seus sujeitos brancos, colocando membros de outros grupos racializados em uma desvantagem visível” (KILOMBA, 2019, P.77).

6.1.2 Descolonização, diversidade racial e afirmação da negritude na adolescência: um caminho protetivo

É possível afirmar que vivemos em contexto movido por uma estrutura racista, que projeta e dissemina de forma coletiva o lugar que cabe a cada um, mantendo privilégios e assegurando a existência dos abismos sociais, com forte interseccionalidade entre raça e classe, “pois um garoto que precisa vender pastel para ajudar na renda da família e outro que passa as tardes em aulas de idiomas e de natação não partem do mesmo ponto” (RIBEIRO, 2019, P. 44).

Por tais evidências, o desenvolvimento da identidade do adolescente sofre graves impactos e segue tentando driblar as marcas impostas por uma história cruel, uma vez que, como descortina De Jesus (2014, p.71): “o mundo é como o branco quer”. Quais saídas restariam para concretizar a construção da identidade do negro se não a cruel escolha da negação? Souza (2021, p.65) corrobora argumentando que: “sob quaisquer nuances, em qualquer circunstância, branco é o modelo a ser escolhido.

A fragilidade de elementos presentes na sociedade que auxiliem nessa desconstrução, engendra possibilidades de manutenção dos estereótipos, como reflete Almeida (2020, p.68): “se boa parte da sociedade vê o negro como suspeito, se o negro aparece na TV como suspeito, se poucos elementos fazer crer que negros sejam outra coisa a não ser suspeitos”. Há que se questionar dessa maneira os efeitos do racismo institucional, que contribuem para a atualização frequente dos preconceitos formados ainda na infância e adolescência, perpetrados nas escolas, empresas e na mídia.

Em uma sociedade forjada sob o viés de privilégios para um determinado grupo em detrimento ao sofrimento de outro, “quebrar a lógica das relações entre brancos e negros no país é algo complexo” (BENTO, 2022, P.12). Isso porque, como declara a autora, existe o assim chamado pacto narcísico da branquitude, que conserva na sociedade atos discriminatórios e fundamentam a estrutura racista:

“É evidente que os brancos não promovem reuniões secretas às cinco da manhã para definir como vão manter seus privilégios e excluir os negros. Mas é como se fosse: as formas de exclusão e de manutenção de privilégios nos mais diferentes tipos de instituições são similares e sistematicamente negadas ou silenciadas (BENTO, 2021, P.18)”

A proposta para que um movimento contrário seja feito, ou seja, para que ações de proteção ao desenvolvimento pautadas no respeito à diversidade possam ser, se não garantidas, ao menos impulsionadas, passa sem dúvida pelo fomento de estratégias de valorização dos elementos basilares de cada povo. O estímulo ao desenvolvimento de

uma relação intrapsíquica saudável do adolescente, atravessa, indubitavelmente, o fomento à construção de um caminho que promova uma conexão saudável com a sua identificação étnico-racial. O desenvolvimento dessa autopercepção está diretamente ligado à auto estima, às habilidades interpessoais, às escolhas profissionais e portanto, à sua competência social.

Nessa trilha, o adolescente fortalece a si e aprende a reconhecer a diversidade que o rodeia, pois, “a consciência histórica, pelo sentimento de coesão que cria, constitui uma relação de segurança mais sólida para cada povo” (MUNANGA, 2012, P.10). Assim, a narrativa de uma identidade será contada por diferentes atores sociais e como lembra Adichie (2019, p.32) “as histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar”.

Observa-se dessa maneira, que orientar práticas que auxiliem os adolescentes a estabelecerem uma conexão saudável com sua identidade, mostra-se como um caminho desafiador e dialeticamente, protetivo. Provocações para que essa barreira estrutural e desumana seja gradativamente rompida podem ser elaboradas a partir do processo conhecido como descolonização, que Kilomba (2020, p.225) explicita: “politicamente, o termo descreve a conquista da autonomia por parte daquelas/daqueles que foram colonizadas/os e, portanto, envolve a realização da independência e da autonomia”.

Fomentar indagações para compreender a própria identidade, perpassa a ação de acessar o caminho de volta: o exercício da negritude. A trajetória desse movimento considerado um ato de resistência para manutenção e transmissão da ancestralidade africana, apresentava três principais objetivos:

“Buscar o desafio cultural do mundo negro (a identidade negra africana), protestar contra a ordem colonial, lutar pela emancipação de seus povos oprimidos e lançar o apelo de uma revisão das relações entre os povos para que se chegasse a uma civilização não universal, mas uma civilização do universal, encontro de todas as outras” (MUNANGA, 2020, P. 50)

Essa condução ao desenvolvimento de afirmações positivas de pertencimento, foi ainda conceituada por Césaire *apud* Munanga (2020, p.50), que reconheceu a negritude em três palavras: “identidade, fidelidade e solidariedade”. Por identidade entende-se o orgulho em autodeclarar-se negro, que se conecta com a ideia de fidelidade, cujo conceito remonta a noção de cultivo e ligação com a herança africana, e que por fim, irá oportunizar o sentimento de conexão e pertença com a identidade coletiva, processo chamado de solidariedade.

Todas as possibilidades apresentadas pelo exercício da negritude, podem estabelecer, de maneira salutar a construção da identidade do adolescente negro, delineando caminhos que o levarão a uma compreensão psíquica, social, histórica, política e cultural de quem ele é, agindo como fator protetivo ao seu desenvolvimento. De acordo com Kilomba (2020, p. 237): o sujeito “desenvolve uma identificação positiva com sua própria negritude, o que por sua vez, leva a um sentimento de segurança interior e autorreconhecimento”.

Percebe-se dessa forma a multiplicidade de fatores que estão envolvidos no desenvolvimento de estratégias de intervenção para o processo de construção da identidade do adolescente negro. A Psicologia pode assim contribuir para debates que busquem estratégias para combater os efeitos do racismo enraizados na sociedade. Assim, descolonizar o processo de construção da identidade étnico-racial pode favorecer uma conexão saudável com as necessidades socioemocionais apresentadas nessa fase do desenvolvimento, sendo, portanto, um fator de proteção. Para concluir, Kilomba (2020, p.238) lembra que esse processo conduz a pessoa à construção de uma narrativa que contempla a percepção de si, como sujeito, “sendo autoras/es e autoridade da própria realidade”.

6.2. Método

O Programa Ginga foi estruturado em quatro eixos propostos construídos a partir do embasamento teórico utilizado para construção dessa tese, essencialmente os direcionamentos de Munanga (2019) sobre práticas para o exercício da negritude. Além disso, a estrutura também foi elaborada a partir do método da Inserção Ecológica, desenvolvida no contexto de desenvolvimento dos adolescentes na comunidade do bairro Paraíso de Cima-Barra Mansa/RJ durante o período de 4 anos. O conteúdo trabalhado em cada eixo buscou oferecer esse conhecimento de forma didática, acessível e sobretudo lúdica aos adolescentes.

Os dados obtidos através da aplicação de questionários foram analisados considerando a narrativa dos participantes, examinando suas experiências e seus discursos pois “esse método de focar no sujeito não é uma forma privilegiada de pesquisa, mas um conceito necessário” (KILOMBA, 2019, P.82). Para estruturação dos resultados, foi utilizada uma abordagem holística que busca “resumir em um modo coerente o conteúdo, o significado e as implicações gerais das respostas” (BREAKWELL, et

al.,2010, p. 256). Buscou-se construir diálogos com autores que desenvolvem estudos acerca dos impactos do colonialismo na identidade, compreendendo os efeitos do racismo no desenvolvimento, valorizando os relatos dos participantes como detentores de autonomia social e política em um processo de descolonização da produção de conhecimento.

Os eixos do programa estão assim organizados:

O **Eixo I -protesto contra a ordem colonial**, teve por objetivo conhecer o surgimento do termo raça e toda a construção política que o envolve, bem como dialogar sobre o racismo estrutural, sobre a manutenção da desigualdade racial através do mito da democracia racial e os efeitos da branquitude.

No **Eixo II-lutar pela emancipação dos povos oprimidos**, buscou auxiliar os adolescentes na obtenção de conhecimento das leis que orientam ações de reparação a populações historicamente discriminadas, visando oferecer conhecimento sobre direitos e apoio para que saibam se articular de maneira coletiva em diferentes contextos sociais.

O **Eixo III-buscar o desafio cultural do mundo negro**, teve por objetivo apresentar aos adolescentes a história do povo negro que não foi contada, envolvendo aspectos inerentes à prática da resistência cultural, à representatividade, a conexão com personagens de luta e sucesso, gerando senso de pertencimento e identidade racial positiva.

E por fim o **Eixo IV-lançar o apelo de uma revisão das relações entre os povos**, estimulou os adolescentes a divulgarem práticas antirracistas aprendidas durante a intervenção em diferentes contextos podendo esses ser a própria comunidade, a escola ou outros espaços, contribuindo para a existência de múltiplos discursos sobre a pluralidade que estrutura a sociedade.

O nome do programa foi escolhido após a participação em uma roda de capoeira Angola. A autora deste projeto participou de um evento realizado em um clube de resistência negra da cidade de Volta Redonda/RJ, denominado Clube Palmares, que estava conduzindo diversas atividades sobre o Dia da Consciência Negra/novembro de 2022. Na ocasião, o mestre de capoeira, Alder Silveira Oliva, realizou ensinamentos sobre inúmeros movimentos que contemplam esta prática afro-brasileira, apresentando a ginga como sendo seu elemento basilar. Através da oralidade, ensinou que a ginga pode ser compreendida como sendo o movimento de flexibilidade que o capoeirista utiliza para distrair a atenção do adversário, tornando-o imprevisível e difícil de ser derrotado.

A palavra ginga também foi apresentada se referindo a Rainha de Angola Nzinga Mbandi Ngola (1581-1663), também chamada Rainha Ginga. Foi uma das maiores guerreiras e líderes da história, resistindo durante 40 anos contra as forças colonialistas, influenciando inúmeros quilombos no Brasil (FONSECA, 2017). A partir dessa experiência, o nome do programa foi escolhido, entendendo que o desenvolvimento da identidade étnico-racial possibilita uma maior segurança na construção da própria história, mostrando toda a potência que o povo negro carrega, gerando um movimento que confunde o adversário (o racismo). E ainda, foi neste encontro que a frase “Quem sabe de onde veio não se perde” foi ouvida pela primeira vez e motivou a nomeação do presente artigo.

6.2.1. Participantes e Locais da pesquisa:

O Programa Ginga foi aplicado em dois contextos distintos compreendendo adolescentes e jovens com idade entre 12 e 21 anos.

A primeira aplicação aconteceu no Clube Palmares – Volta Redonda/RJ. O local foi escolhido dada a importância do Clube para história do povo negro na cidade e por ser um local de localização estratégica para que os participantes pudessem se deslocar. Os participantes foram os adolescentes de Projetos Sociais dos bairros Paraíso de Cima-Barra Mansa e Santa Cruz-Volta Redonda, ambos localizados no sul do estado do Rio de Janeiro e previamente vinculados com a equipe de pesquisa. Foram convidados a participar do programa e selecionados conforme conveniência e disponibilidade e 17 adolescentes aceitaram compor o estudo.

A segunda aplicação do Programa Ginga aconteceu no Colégio Getúlio Vargas que é uma escola da rede municipal de ensino da cidade de Volta Redonda. A escola foi escolhida por ter sido o local onde a autora principal do estudo cursou o Ensino Fundamental II. Após contato com a equipe diretiva e pedagógica para apresentação do projeto, solicitaram que o Ginga fosse aplicado em 3 turmas do 8º ano do turno vespertino. Cada turma tinha aproximadamente 22 alunos. A escolha foi feita pela escola e direcionada considerando o histórico das turmas envolvendo atitudes racistas e ainda em função de terem mais um ano para cursar na escola, podendo auxiliar assim na divulgação dos processos de aprendizagem propostos pelo programa.

6.2.2. Equipe de Pesquisa

A primeira aplicação do Programa Ginga realizada no Clube Palmares foi desenvolvida com o suporte de uma equipe de pesquisa composta por 02 psicólogos e 01 Assistente Social, cujo vínculo e proximidade com os adolescentes já vinham sendo estabelecidos em trabalhos realizados na comunidade.

A aplicação realizada no Colégio Getúlio Vargas foi realizada por 08 estudantes do curso de Psicologia integrantes do Projeto de Extensão conduzido pela autora principal na Universidade Geraldo Di Biase que tem por objetivo fomentar ações decoloniais no contexto universitário, estimular os alunos a compreender a importância de práticas antirracistas para promoção da saúde mental e oferecer a comunidade instrumentos para promoção da diversidade étnico-racial tendo como principal objetivo o contexto escolar. O Projeto de extensão é denominado Projeto Ginga: por uma escola antirracista.

As equipes receberam treinamento sobre a estrutura do Ginga, contendo o objetivo de cada encontro, bem como dos materiais necessários. A literatura utilizada para embasar o programa também foi inserida nos estudos. Os encontros aconteceram presencialmente e através da Plataforma *meet*.

6.2.3. Estrutura do Programa Ginga

A experiência com os adolescentes no contexto de desenvolvimento construída durante a pesquisa de mestrado e inserção durante o doutorado da autora principal impulsionou a construção de um programa que envolvesse ludicidade e diálogos em um mesmo espaço. Dessa forma, os conteúdos em cada eixo envolvem reflexões sobre os temas propostos e alguns jogos inspirados na cultura africana para estimular a participação e melhor aprendizado dos participantes (CUNHA, 2016). As temáticas foram estruturadas em apresentações virtuais exibidas através da plataforma de designer gráfico Canva que possibilitou a criação de apresentações contendo imagens e vídeos que buscavam estimular as reflexões inerentes aos temas desenvolvidos. Os jogos inseridos para auxiliar na construção do aprendizado foram incluídos nesse contexto.

Seguindo as temáticas estruturadas para cada eixo, foram organizados encontros objetivando a inserção dos conteúdos previamente selecionados. Dessa forma, os encontros foram organizados em etapas, a saber:

Compondo o **Eixo I**: Encontro 1 (Consciência Histórica) e Encontro 2 (Branquitude);

Compondo o **Eixo II**: Encontro 3 (Combate ao racismo) e Encontro 4 (Exercício da Negritude);

Compondo o **Eixo III**: Encontro 5 (Cultura afro-brasileira) e

Compondo o **Eixo IV**: Encontro 6 (Turismo Afrocentrado) conforme Quadro 1.

Os encontros tinham aproximadamente 90 minutos de duração. Os participantes eram dispostos em roda para facilitar a integração e participação. Além disso, o Programa previa que o primeiro encontro denominado “Apresentação” oferecesse ao participante uma contextualização acerca da vivência proposta pelo Ginga, os objetivos e questões éticas envolvidas. As adaptações para cada contexto de aplicação serão descritas nos resultados.

Quadro1: Estrutura do Programa Ginga

Eixo		Tema	Objetivo	Atividades desenvolvidas	Instrumentos
EIXO I	Apresentação	O que é o Programa Ginga?	Sensibilizar os participantes sobre os objetivos do Programa Ginga,	Apresentação dos integrantes da equipe de pesquisa e solicitação de assinatura nos Termos de autorização (TCLE e TALE)	1.Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Apêndice D 2.Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – Apêndice C
	Encontro 1	Consciência Histórica	Conhecer sobre o conceito de raça, os impactos da colonização e racialização dos povos, o mito da democracia racial.	Apresentação de recursos audiovisuais através da plataforma Canva, com imagens, vídeos e textos de estímulo a reflexões construídos tendo por embasamento teórico os textos utilizados na construção da Tese.	O jogo africano Da ga foi inserido como forma de auxiliar na fixação do conteúdo aprendido (Apêndice M).
	Encontro 2	Branquitude	Aprender sobre o conceito de branquitude e os efeitos do privilégio branco na sociedade; compreender como acontece a formação dos estereótipos e seus desdobramentos na identidade da pessoa negra	Exercícios práticos para compreender a posição social ocupada pela pessoa branca na sociedade e a intersecção entre raça e classe social; apresentação de recursos visuais para fomentar a discussão sobre esteriótipo.	1.Jogo dos Privilégios (Apêndice N) 2.Jogo africano Pengo-pengo (Apêndice O)

EIXO II	Encontro 3	Combate ao racismo	Compreender sobre os impactos do racismo recreativo; o reconhecimento de termos racistas usados na sociedade; Leis de combate ao racismo e a Lei de Cotas	Apresentação de algumas postagens encontradas em rede social que estimulam o racismo recreativo, discussão sobre termos racistas comumente usados no contexto social, a importância de Leis de combate ao racismo e a desigualdade racial, Mitos e verdades sobre a Lei de Cotas.	1.Jogo africano labirinto (Apêndice P)
	Encontro 4	Exercício da negritude	Reconhecer pessoas negras que são referências para os participantes e dialogar sobre a importância da negritude	Apresentação do documentário do Clube Palmares; Elaboração de carta para uma pessoa negra de referência; estímulo a criação de ideias de como a negritude pode ser fortalecida na sociedade	1.Documentário Clube Palmares disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=H30nCLAhjPo&t=70s

EIXO III	Encontro 5	Cultura Afro-brasileira	Vivenciar aspectos da cultura afro-brasileira através da Capoeira Angola	Roda de capoeira com os participantes do programa, inserindo história, cultura e a luta do povo negro que encontrou na capoeira uma estratégia de resistência. A Escola de Capoeira Caroço de Dendê localizada na cidade de Pinheiral-RJ através do Mestre Alder conduziu as atividades desse encontro.	Os materiais da atividade foram disponibilizados pela Escola de Capoeira
EIXO IV	Encontro 6	Turismo Afrocentrado	Dar visibilidade e valorizar a história do povo negro tendo como foco principal conhecer espaços que dialoguem com a afrocentricidade	Mapeamento de locais potenciais para visita no Estado do Rio de Janeiro	1.Na primeira aplicação o local visitado foi o Ilê da Oxum Apará /Itaguaí/RJ 2.Na segunda aplicação o local visitado foi o Clube Palmares/Volta Redonda/RJ

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

6.2.4. Instrumentos

Durante os encontros foram apresentadas perguntas previamente estruturadas em questionários que tinham por objetivo: conhecer a vivência dos adolescentes com os temas apresentados e auxiliar na coleta de dados para posterior análise e construção dos resultados e avaliação do programa. As perguntas foram inseridas conjuntamente com os temas para facilitar a compreensão e melhorar a dinamicidade dos encontros. Foram elaboradas pela autora a partir do referencial teórico utilizado na construção da Tese. Os questionários foram impressos e os dados posteriormente arquivados em drive pessoal. As perguntas elaboradas estão apresentadas nos Apêndices E, F, G, H, I, J e L.

O diário de campo também foi adotado como instrumento de coleta de dados, sendo composto por escritos, registros fotográficos, vídeos e relatos dos participantes.

6.2.5. Questões Éticas

Esta pesquisa foi estruturada conforme os requisitos da Resolução 466/12 do CNS e suas complementares, que versa sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal Rural do Rio Janeiro através do processo nº 70733723.4.0000.031, comprometendo-se a utilizar os dados pessoais dos participantes da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

6.3. Resultados e discussões

A aplicação do Programa Ginga em contextos distintos possibilitou compreender as potencialidades de sua estrutura e as adaptações metodológicas necessárias para atender a realidade do contexto em que será realizado. A experiência no campo corroborou estudos que enfatizam a importância da inserção no território para que o protagonismo do participante seja evidenciado (KOLLER, MORAIS E PALUDO, 2016). Os resultados serão apresentados compreendendo o contexto em que foi realizado. Para organização dos resultados obtidos nos questionários, as respostas foram utilizadas em citações diretas e os participantes receberam uma identificação numérica para melhor apresentação.

6.3.1. Aplicações do Programa Ginga

6.3.2. 1ª aplicação: Em contextos comunitários - no Projeto Social

O programa foi aplicado ao longo de 06 (seis) semanas e ocorreu aos sábados no Clube Palmares/Volta Redonda-RJ. A decisão de aplicação aos sábados foi acordada com os participantes considerando a indisponibilidade ao longo da semana em função de alguns exercerem atividade profissional. Para melhor exposição dos dados, os participantes foram identificados através de um número para preservar sua identidade e serão citados ao longo dos resultados utilizando essa referência. A Tabela 1 apresenta as informações sociodemográficas:

Tabela 1-Informações sociodemográficas dos participantes

PARTICIPANTE	AUTODECLARAÇÃO RACIAL	SEXO
1	Parda	Feminino
2	Parda	Feminino
3	Parda	Feminino
4	Negra	Feminino
5	Negra	Feminino
6	Negra	Masculino
7	Negra	Feminino
8	Negra	Feminino
9	Parda	Feminino
10	Negra	Masculino
11	Negra	Masculino
12	Parda	Masculino
13	Parda	Feminino
14	Negra	Feminino
15	Parda	Feminino
16	Parda	Feminino
17	Parda	Masculino

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Importante destacar que o processo de identificação racial aconteceu por autodeclaração e que foi um momento em que alguns participantes apresentaram questionamentos e dúvidas acerca de qual grupo racial pertencia.

6.3.2.1. Apresentação do Programa Ginga

No primeiro encontro foram apresentados os objetivos do Programa Ginga e ocorreu também a aplicação do tema Consciência Histórica. Os participantes responderam aos questionários e participaram das atividades propostas. Estiveram presentes 16 pessoas.

O objetivo da apresentação era sensibilizar os participantes acerca dos objetivos do Programa, a finalidade da obtenção dos dados e principalmente a importância do conhecimento acerca das relações raciais no Brasil para auxiliar na construção de práticas antirracistas e discursos emancipatórios. Além disso, questões acerca da identidade étnico-racial dos participantes foram inseridas para compreender de que forma se percebiam e como se autodeclaravam. Acerca de estudos anteriores sobre identidade étnico-racial, 11 participantes disseram não conhecer o tema e não ter estudado em outros locais e 5 participantes disseram já ter aprendido algum conteúdo acerca dessa temática e o principal local onde a experiência ocorreu foi na escola.

“Sim, já estudei um pouco durante o ensino fundamental e médio. A identidade étnico-racial corresponde a maneira de como nos identificamos racialmente (PARTICIPANTE 5, 2024)

“Sim já ouvi falar sobre isso na escola. Eu acho que é de como nos identificamos na questão da cor da pele e raça” (PARTICIPANTE 6, 2024)

Os relatos apresentados corroboram os dados apresentados por Matos e França (2021, p.3) que dialogam sobre a socialização étnico-racial para as crianças e adolescentes negro e dizem que “é importante ressaltar que as práticas escolares com vistas a transmitir os saberes dos grupos historicamente discriminados colaboram para que a escola seja um espaço mais democrático na produção e difusão dos conhecimentos”.

Acerca da autoclassificação da identidade étnico-racial, observou-se tanto no preenchimento do questionário quanto nas reações dos participantes que essa questão gerou uma discussão no grupo devido à dificuldade de alguns em falar sobre sua identidade. O campo era aberto para preenchimento descritivo e não foram apresentadas opções aos participantes que pudessem direcionar sua escolha para permitir liberdade nas escolhas e observar possíveis

dificuldades emergentes nesse processo. No entanto, é possível observar alguns atravessamentos nesse processo como menciona a participante:

“Eu me acho preta com um pouco de parda” (PARTICIPANTE 15,2024)

Munanga (2020, p.19) ao discorrer acerca do complexo processo de construção da identidade da pessoa negra, enfatiza que o negro enfrenta inúmeros problemas nesse processo e “entre seus problemas específicos está, entre outros, a alienação do seu corpo, de sua cor”. A referida alienação é encontrada no cotidiano da pessoa negra pois inúmeros reforços sociais direcionam-na para o lugar da negação. E conforme adverte Schucman (2023, p.69) o processo de identificação racial no Brasil “nunca começa do zero e a autoclassificação de cada sujeito está menos ligada à cor da pele e mais ligada aos afetos e identificações que cada sujeito tem”.

E ao estabelecer uma análise acerca dos estudos sobre classificação racial no país, a autora recorda que no Brasil a “classificação se dá por aparência e não por ascendência/origem/ancestralidade” Somado a isso, a autora revela que o processo de classificação racial no Brasil sofre com a ideologia do embranquecimento em uma construção que mantém brancos no topo e pessoas negras em posição inferior.

Quando perguntados sobre o significado de pertencer ao grupo étnico-racial autodeclarado é possível categorizar as respostas em dois grupos: o primeiro é composto por 10 participantes disseram sentir orgulho em pertencer ao grupo étnico-racial declarado, ainda que alguns desafios sejam encontrados, sendo este composto por pessoas negras (pretos e pardos):

“Para mim é uma questão de se identificar com esse grupo. Pessoas que de certa forma se apoiam. É importante ter pessoas com o mesmo pensamento que o seu nesse meio. Para mim significa muito (PARTICIPANTE 2,2024)

Para mim significa enfrentar uma série de desafios preconceitos vindos da sociedade, ter nossa história apagada e desprezada, por mais linda e rica que seja. É um exercício diário resgatar nossa cultura, nosso espaço e autoestima, mas ainda assim significa muito, pois tenho orgulho e me traz forças para lutar contra o preconceito (PARTICIPANTE 5, 2024)

Já no segundo grupo foi possível compilar as respostas que indicaram que os participantes não haviam pensado anteriormente acerca desse tema ou apresentam dificuldade em falar sobre o assunto. Dos 5 participantes que compõem esse grupo, 4 são pessoas autoclassificadas como pardas.

6.3.2.2. Aplicação do Encontro Consciência Histórica

O encontro destinado a temática Consciência Histórica aconteceu logo após a apresentação do Programa. Tinha por objetivo auxiliar os participantes a conhecer sobre o conceito de raça, os impactos da colonização e racialização dos povos e o mito da democracia racial.

A temática do dia foi iniciada apresentando a importância de construirmos diálogos onde a diversidade esteja presente e de que forma a sociedade é impactada quando essa construção não é realizada. Para introduzir a temática do preconceito, foi utilizada uma cena do filme *O ódio de você semeia* (2018). A cena em questão apresentava o diálogo entre uma adolescente e seu tio, que é policial, e falavam acerca dos estereótipos envolvidos na abordagem utilizada por guardas. As respostas acerca da compreensão obtida sobre o trecho apresentado e a relação com os impactos da racialização dos povos demonstraram que para os participantes a ação do policial é pautada no preconceito racial, que a aparência influencia na forma como as pessoas são tratadas e que fica evidente a diferença entre brancos e negros:

Entendi que de certa forma alguns policiais são preconceituosos com as pessoas pela forma de vestir, falar e também pela cor da pele até mesmo pela localidade que essas pessoas moram (PARTICIPANTE 1,2024)

O vídeo exemplifica de forma clara a maneira como o racismo afeta o julgamento e ações que, no caso, os policiais tomariam a partir disso e como esse preconceito pode ser fatal para as pessoas negras (PARTICIPANTE 2,2024)

Que a aparência é o que importa para muitas pessoas e são julgadas por isso, podendo colocar suas vidas em risco (PARTICIPANTE 6,2024)

O vídeo apresentado também teve por objetivo inserir a temática do Mito da Democracia Racial e auxiliar nos questionamentos acerca da ideia disseminada na sociedade de que somos todos iguais. Ao serem questionados sobre outras formas de observar o Mito da Democracia Racial na sociedade, os participantes demonstraram através de frases que expressam o racismo no cotidiano para exemplificar de que forma ele está presente na sociedade:

“Morreu mais um preto: relaxa tem um monte” (PARTICIPANTE 65,2024)

“Eu não sou racista eu tenho amigo preto. Você não consegue porque não quer (PARTICIPANTE 5,2024)

“A mãe sempre avisando pra levar o documento porque se esquecer é certeza de apanhar dos policiais” (PARTICIPANTE 8,2024)

O diálogo acerca do mito da democracia racial permitiu construir um percurso para discorrer acerca da justificativa política e não biológica dos povos. Ao serem indagados acerca da aquisição de conhecimento anterior sobre a colonização, todos os participantes responderam que já haviam estudado sobre ele na escola e em alguns casos (5 participantes) não se

lembravam do conteúdo aprendido. Para auxiliar na compreensão dos impactos gerados na vida das pessoas negras escravizadas, foi apresentado um roteiro que narrava o processo de escravização e como a colonização se configura como um crime contra a humanidade.

A partir desse contexto, foi possível conhecer qual o entendimento dos participantes acerca do conceito de racismo e suas percepções de sua ocorrência na sociedade. As ideias associadas indicavam que o racismo é visto como uma ação violenta voltada contra o grupo racialmente identificado como negro, que resulta em comportamentos preconceituosos, se apresenta em forma de desvantagens na sociedade e se relaciona com traços fenotípicos:

“ Racismo para mim é você julgar um certo grupo racial, no caso sempre é voltado contra os negros ou como as pessoas que praticam o racismo gostam de chamar: os macacos ou até mesmo chamam de bandido, só ligando a cor de pele” (PARTICIPANTE 3,2024)

“Que é um dos maiores problemas do mundo, aprendi com a vida e na escola” (PARTICIPANTE 6,2024)

“ Para conseguir trabalho por exemplo, em uma entrevista de emprego a disputa é entre um negro e um branco, aposto que a prioridade é do branco” (PARTICIPANTE 3,2024)

“Que é algo horrível que infelizmente se tornou algo comum no nosso cotidiano. Com a vida aprendi apenas olhando ao redor pois está em toda parte, ninguém escapa” (PARTICIPANTE 12,2024)

Como forma de fortalecer a temática desenvolvida no dia, foi proposto o jogo Da ga (Apêndice M).

Figura 1- Orientações para realização do jogo Daga



Fonte: A autora (2024)

Para encerrar o encontro, foram indagados acerca do aprendizado obtido no dia. As respostas indicaram que aprenderam sobre o conceito de raça e como o racismo está presente na estrutura da sociedade:

“Aprendi muito sobre a estrutura da nossa sociedade e como ela apaga a história de pessoas negra e racializada afim de nos manter refém- a margem para que não haja conscientização” (PARTICIPANTE 2,2024)

“O racismo é muito pior do que eu pensava” (PARTICIPANTE 5,2024)
“Aprendi que existem muitos mitos sobre a realidade dos negros e que precisamos entender que não somos todos iguais, para conseguirmos agir com empatia assim entendendo, propagando e buscando mudar essa triste realidade” (PARTICIPANTE 8,2024)

“Que o racismo está em todo lugar e em todo tempo não percebemos as vezes mais ele ainda existe” (PARTICIPANTE 11,2024)

6.3.2.3. Aplicação do Encontro Branquitude

O encontro teve por objetivo aprender sobre o conceito de branquitude, os efeitos do privilégio branco na sociedade e compreender como acontece a formação dos estereótipos e seus desdobramentos na identidade da pessoa negra. Estiveram presentes 10 participantes.

Os participantes refletiram sobre o conceito apresentado pela autora Cida Beto (2022) acerca do pacto da branquitude e de que forma o privilégio branco perpetua a estrutura racista no Brasil, refletindo em desigualdades no acesso às oportunidades e contribuindo para manutenção do poder de pessoas brancas. Ao serem indagados acerca de conhecimento prévio sobre o significado de privilégio branco, 06 participantes disseram nunca terem ouvido esse termo e 04 participantes mencionaram conhecer a temática:

“Sim eu sei o que é privilegio branco. Eu aprendi sozinha na prática mesmo, se a gente olhar em volta isso vai bem nítido “ (PARTICIPANTE 16,2024)

“ Privilegio branco são vantagens que pessoas brancas tem socialmente em relação a pessoas racializadas, li um pouco sobre isso na internet” (PARTICIPANTE 5,2024)

“Na minha vivencia as palavras "privilégios "e "branco" são sinônimos. Ao meu ver o privilegio branco é a facilidade e as oportunidades que os brancos tem e os pretos não” (PARTICIPANTE 6,2024)

“O branco ser privilegiado na maioria das coisas, aprendi no meu dia a dia” (PARTICIPANTE 17,2024)

A partir desse diálogo, o encontro sugeriu algumas reflexões acerca dos impactos do privilégio branco na sociedade. Buscando adaptar para a realidade dos participantes, foram questionados acerca do impacto do privilégio branco na falta de representatividade que pessoas

negras vivenciam em seu cotidiano no contexto institucional e na mídia. Ao serem solicitados a realizar uma análise sobre os personagens de filmes e séries que os participantes acompanham, responderam de forma majoritária quem são as pessoas que ocupam posição de destaque: pessoas brancas.

“ Só as pessoas que são brancos que ganham mais destaques, é bem simples. O filme querido John é de gente bonita e com pele clara, muito difícil ver alguém de uma cor de pele diferente nesse filme” (PARTICIPANTE 15,2024)

Ao identificar a posição de privilégio que pessoas brancas ocupam em várias esferas da sociedade, foi possível relacionar essa estrutura com as desigualdades raciais e sociais enfrentadas por muitas pessoas, ressaltando os impactos gerados na vida de adolescentes e jovens negros. O jogo dos privilégios (Apêndice N) possibilitou perceber na prática como esses efeitos são experimentados. O acesso a esse jogo foi através de um vídeo do Instituto Identidades do Brasil (ID_BR,2016) disponível na plataforma YouTube que descreve o processo de aplicação bem como o objetivo da atividade.

Conforme a regra estabelecida no jogo, após escutar cada solicitação, o participante se movimenta dando passos para frente ou para trás dependendo da sua realidade racial e social e logo após são convidados a acertar uma bola em um cesto. A depender de sua realidade, essa ação poderia ser mais facilitada ou dificultada.

Figura 2- Reflexões sobre o Jogo dos privilégios



Fonte: A autora (2024)

Os jovens que não conseguiram acertar em função da sua grande distância alcançada disseram:

“Esses exemplos só mostram a desigualdade que existe entre as raças, mostra também que não é só esforçar, uma é mais beneficiada desde o começo, não tem como dizer que todos são iguais” (PARTICIPANTE 7,2024)

“Esse jogo ilustra muito bem a situação do nosso país me senti realmente desprivilegiado, visto que eu estava tão longe do meu objetivo só por conta da minha cor (PARTICIPANTE 6,2024)

“Esse jogo exemplifica de forma muito clara nosso lugar na sociedade e como não temos basicamente nenhum privilégio dentro daquilo que discutimos” (PARTICIPANTE 5,2024)


Mas uma jovem, mesmo estando muito distante do alvo, conseguiu acertar a bola dentro da cesta e relatou:


“Eu tava bem lá atrás no jogo do privilégio e mesmo assim eu consegui acertar. Eu sabia que ia acertar, mas são raros os casos de pessoas que conseguem alguma coisa”(PARTICIPANTE 16,2024).

A partir da colocação dessa participante, foi possível discorrer sobre o discurso do individualismo que Santos (2021, p.69) narra como “a doutrina e a apologia da responsabilidade individual”. Nesse processo, a exceção que confirma a regra “fortalece os estereótipos que depreciam o grupo ao qual nega e recusa sua pertinência”.

Outra atividade proposta foi aprofundar as reflexões acerca da relação entre branquitude e a formação dos estereótipos. A atividade consistia em apresentar 2 fotos de diferentes pessoas e pedir que o participante descrevesse a sua profissão (Apêndice G). As pessoas foram escolhidas priorizando a diversidade étnico-racial para possibilitar maiores discussões entre os participantes. Após as respostas obtidas, a verdadeira profissão exercida pela pessoa representada na foto era apresentada e foram estruturados diálogos acerca do impacto do estereótipo na identidade. As respostas externadas pelos participantes foram organizadas no quadro 2:

Quadro 2: Atividade “Quem você vê na foto?”

Foto	Descrição da pessoa apresentada	Profissão escolhida pelo participante
	<p>Geni Núñez</p> <p>É ativista indígena Guarani, escritora, psicóloga, mestra em Psicologia Social e doutora pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC</p>	<p>Influencer, palestrante, animador de festa junina, professora, artista, voluntária para ajudar indígenas ou ong.</p>

	<p>Bruno Reis</p> <p>Professor e supervisor</p> <p>Especialista em Terapia Cognitivo-comportamental e Terapia do Esquema. Atende adultos e casais. Apaixonado por música.</p>	<p>Escritor,</p> <p>palestrante, cantor, compositor, professor, ele toca em bar, nas ruas ou da palestra, pela foto ele canta e toca acho que é músico, professor, artista negro.</p>
*imagens retiradas de rede social		

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Essa atividade permitiu exemplificar de que forma o modelo pensado para ocupar determinadas posições sociais é da pessoa branca, de que maneira isso influencia na nossa percepção e na saúde mental das pessoas negras que, ainda que ocupem cargos que promovam destaque social, não serão validadas nessa posição. Kilomba (2019) menciona a ocorrência do racismo no cotidiano que vai se manifestar através de gestos, ações e olhares e nesse momento do encontro foi possível relacionar esses paradigmas com as classificações feitas pelos participantes no que concerne à profissão escolhida para cada foto.

O encontro foi concluído com o jogo pengo-pengo (Apêndice O) que teve por objetivo fortalecer os diálogos construídos e dinamizar a finalização das reflexões.

Figura 3- Jogo Pengo-pengo



Fonte: A autora (2024)

Os participantes encerraram compartilhando sobre qual tinha sido o aprendizado do dia:

“Aprendi sobre como apesar de pessoas de cor terem capacidade não necessariamente alcançaremos o mesmo sucesso que pessoas brancas devido aos privilégios que essas pessoas têm e por isso não partimos todos do mesmo lugar (PARTICIPANTE 5,2024)

“No encontro de hoje eu aprendi mais conceitos e perspectivas que eu nunca tinha olhado sobre o assunto, a conversa e as brincadeiras foram muito dinâmicas (PARTICIPANTE 6,2024)

“Eu aprendi que o privilégio branco prevalece, mas se "virmos" com a consciência racial conseguimos combater, mas infelizmente a desigualdade atrapalha muito (PARTICIPANTE 7,2024)

6.3.2.4. Aplicação do encontro Combate ao racismo

O objetivo do encontro era compreender sobre os impactos do racismo recreativo, o reconhecimento de termos racistas usados na sociedade, algumas leis de combate ao racismo e sobre Políticas afirmativas através da Lei de cotas.

Acerca do termo racismo recreativo, segundo Adilson Moreira (2019, p.20) pode ser entendido como “piadas que retratam a negritude como um conjunto de características esteticamente desagradáveis e como sinal de inferioridade moral”. O autor caracteriza em seu livro que o racismo vai adquirindo diferentes roupagens ao longo do tempo na sociedade, perpetuando relações de dominação e subjugação e produzindo sofrimento psíquico. No entanto, no Brasil tornou-se prática comum e quando ocorrem são nomeadas por “opinião polêmica” ou “comentário infeliz”, ressalta o autor.

No ano de 2023, foi decretada a Lei nº 14.532 para tipificar como crime de racismo e injúria racial. Um avanço na legislação brasileira na tentativa de responsabilizar criminalmente os inúmeros casos cotidianos de racismo enfrentados pela população negra.

Para iniciar o encontro, os participantes foram perguntados sobre conhecimento anterior acerca de alguma lei de combate ao racismo. Dos 7 participantes, 2 disseram não conhecer e 5 disseram que conhecem, mas não se recordam.

O primeiro objetivo era dialogar acerca do racismo recreativo, diferenciando o que é uma brincadeira e o que se caracteriza como uma atitude racista. Para estimular o diálogo, foram apresentadas algumas postagens de rede social com frases com conteúdo racista, utilizada por um humorista muito reconhecido nacionalmente. Foi solicitado que analisem as frases e emitissem suas opiniões:

“Para mim isso tudo é uma forma que os brancos usam para silenciar os negros, esse caso do Vini Jr. ficou muito silenciado por estar sendo praticado por um branco” (PARTICIPANTE 2,2024)

“É importante separar a brincadeira do racismo para que vire racismo recreativo”(PARTICIPANTE 11,2024)

“ Lamentável ver esses tipos de coisas o pior que muita gente concorda”(PARTICIPANTE 16,2024)

“Puro racismo, ele apresentou algumas situações que passaram impune” (PARTICIPANTE 17,2024)

Em seguida, os participantes foram convidados a compartilhar outras frases que eles já ouviram em diferentes contextos que expressam o racismo recreativo:

“Isso é coisa de preto; mas eu não quis dizer isso” (PARTICIPANTE 2,2024)

“Tinha que ser preto - dia de preto - preto fazendo pretisse” (PARTICIPANTE 6,2024)

“Tinha que ser preto - para de fazer pretisse - preto da cor do pecado - inveja preta” (PARTICIPANTE 7,2024)

“ Era só uma brincadeira, mas eu não quis dizer isso, mas não era minha intenção, tinha que ser preto, isso é coisa de preto” (PARTICIPANTE 11,2024)

“Inveja branca, serviço de preto, cabelo duro, tinha que ser preto (PARTICIPANTE 16,2024)

“Criado-mudo, faça um serviço de branco, tinha que ser preto (PARTICIPANTE 17,2024)

A partir dessas constatações, os participantes expressaram suas opiniões acerca da lei 14.532 (BRASIL,2023) e que acreditam ser importante, no entanto duvidam de sua efetividade na sociedade e que portanto, é falha:

“É bom saber que tem uma lei que garante nossa gente e na teoria pelo menos porque mesmo que esteja na lei as pessoas no poder, com juízes e policiais não estão prontos para reagir a essas situações pois são pessoas brancas com pouca ou nenhuma sensibilidade com o assunto” (PARTICIPANTE 6,2024)

Como forma de apontar caminhos, foi apresentada a Lei de Cotas como uma importante política educacional afirmativa para oportunizar às pessoas que sofrem os impactos da desigualdade racial e social a ter acesso à educação. Foram relacionadas as atividades trabalhadas no Eixo 2, apresentando mitos e verdades sobre essa lei que estão presentes no

imaginário social brasileiro, como por exemplo o mito de que não são necessárias as cotas pois pessoas negras também têm capacidade. Os participantes foram orientados a refletir que, como afirma Ribeiro (2019, p.43) “esse debate não é sobre capacidade, mas sobre oportunidades”.

Foram realizadas ainda reflexões acerca da importância da representatividade na política do país, onde puderam conhecer as estatísticas que compõem atualmente o Congresso Nacional, retratando a discrepância existente na presença de pessoas negras e pessoas brancas e sobre a importância da consciência política.

Para finalizar o encontro e dinamizar a atividade, foi proposto o jogo labirinto (Apêndice O) que contribuiu para salientar os conhecimentos compartilhados durante as atividades:

“Eu aprendi que uma simples brincadeira pode não ser uma brincadeira e sim racismo recreativo” (PARTICIPANTE 11, 2024)

“Aprendi sobre lei de cotas sobre a injúria racial e também vi que os brancos sempre querem estar no topo” (PARTICIPANTE 2, 2024)

6.3.2.5. Aplicação do encontro Exercício da negritude

Ao estruturar o Programa Ginga, a decisão de estimular uma conexão saudável com a negritude foi um dos objetivos essenciais a serem aplicados. Por esta razão os encontros seguintes tinham esse propósito. É amplamente difundido na mídia informações que perpetuam o estereótipo do povo negro como marginalizado e como Kilomba (2020, p.39) “no racismo o indivíduo é cirurgicamente retirado e violentamente separado de qualquer identidade que ela/ele possa realmente ter”. O objetivo do presente encontro era reconhecer pessoas negras que são referências para os participantes e dialogar sobre a importância da negritude. Estiveram presentes 7 participantes.

A primeira atividade consistiu em pedir aos participantes que indicassem pessoas negras que eram referência em suas vidas. Diferentes pessoas foram citadas, entre elas a mãe, professores e artistas famosos nacionais e internacionais. A justificativa apresentada para escolher as pessoas mencionadas é que na percepção dos participantes são pessoas corajosas, que lutam pela igualdade racial e têm orgulho em ser negro.

Em seguida, foi apresentado o documentário “Palmares: o povo negro pode dançar” (CLÍMACO 2022). O documentário retrata a trajetória do Clube que é fundado em 1965 como uma associação sem fins lucrativos. O propósito maior do Palmares desde o início foi prioritariamente a elevação cultural do negro (a) e da valorização da cultura afro-brasileira. Está

localizado na cidade de Volta Redonda/RJ e desde 2016, tornou-se também um Ponto de Cultura Dará Palmares, concedido pela Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro.

Neste encontro, o presidente do Clube, Edson Daniel João conhecido como Mister, foi convidado e contribuiu com suas vivências e através da oralidade compartilhou seus conhecimentos sobre o movimento negro com os participantes. Foi um momento de valorização da história, cultura e ancestralidade negra.

Figura 4- Roda de conversa com presidente do Clube Palmares



Fonte: A autora (2024)

Acerca do documentário apresentado e o relato de experiência do presidente do clube, os participantes disseram que:

“Sobre que o clube só foi fundado pois os negros não podiam participar dos outros clubes, ver também que o racismo não mudou muito desde aquela época, para nossa atualidade, saber que a ideia do clube deu certo e durou (dura) até hoje” (PARTICIPANTE 2,2024)

“Gostei muito da história do Palmares e de Volta Redonda. Essas histórias ninguém conta e é muito interessante saber esse lado (PARTICIPANTE 3,2024)

“Do fato da negritude ter se juntado pra fazer um clube "sé deles ", para termos onde se reunir, se divertir, sem sermos julgados ou diminuídos” (PARTICIPANTE 7,2024)

“ A parte que um deles que estava dando a entrevista disse que se sentia bem em ser negro pois ele era valorizado” (PARTICIPANTE 11,2024)

O encontro possibilitou praticar o que Munanga (2019, p.41) nomeia por recusa a assimilação: “a liberação do negro deve efetuar-se pela reconquista de si e de uma dignidade autônoma”. Os diálogos construídos nesse encontro possibilitaram uma maior valorização da negritude, conectando-se de forma saudável com os valores ligados à identidade negra. E como

o autor destaca: “aceitando-se, o negro afirma-se cultural, moral, física e psiquicamente”. Os participantes concluíram o encontro compartilhando suas percepções:

“A importância de criarmos grupos para falar da nossa cultura e combater o racismo” (PARTICIPANTE 16,2024)

“A importância de criarmos mais espaços pra cultura preta, um espaço pra falar nossas lutas” (PARTICIPANTE 3,2024)

“A história do palmares trás muita força, adorei conhecer “ (PARTICIPANTE 5, 2024)

6.3.2.6. Aplicação do encontro Cultura Afro-brasileira

Um dos desafios encontrados na realidade brasileira é a vivência da Afrocentricidade. Colocar no centro de análise os valores, perspectivas e interesses africanos é um movimento de rompimento com a lógica colonial e de construção de um pensamento emancipatório. Como expõe Mucale (2023, p.61) “um povo sem centro seria como um povo sem identidade ou cuja identidade é definida a partir de uma identidade alheia”. O objetivo deste encontro foi vivenciar aspectos da cultura afro-brasileira através da Capoeira Angola e aspectos ancestrais para valorização da identidade e autoestima negra. Estiveram presentes 7 participantes e teve duração aproximadamente de 90 minutos.

A escolha de vivenciar a capoeira Angola foi motivada pelo vínculo anterior com o Mestre de Capoeira Alder Silveira Oliva. Formado em Educação Física, iniciou na capoeira Angola em 1994 na cidade do Rio de Janeiro tendo uma vasta trajetória em atividades que buscam transmitir a cultura afro-brasileira. Em 2014 fundou a Escola de Capoeira Angola Carvão de Dendê e foi formado Mestre de Capoeira em 2022. A Escola oferece aulas de capoeira na cidade de Pinheiral/RJ.

Foi realizado contato com o mestre Alder para melhor compreensão acerca dos objetivos do Programa Ginga e de que forma a vivência com a roda de Capoeira Angola poderia auxiliar os participantes no fortalecimento de sua identidade.

O encontro foi dividido em dois momentos: primeiramente o Mestre realizou uma roda de conversa trazendo elementos da história e através da oralidade contribuiu com valiosos ensinamentos que mostraram a coragem do povo negro em buscar estratégias de luta e emancipação para rompimento com a lógica colonial. E em um segundo momento, foi realizada uma oficina onde os participantes aprenderam de forma prática alguns movimentos da capoeira

como a ginga e foi possível relacionar com a trajetória construída até aquele momento através do programa e estimular a autoestima dos participantes.

Foi um encontro que possibilitou uma integração entre o passado e o presente, reunindo elementos que contribuem para a construção de narrativas onde a negritude é fortalecida e convidada a questionar o sistema opressor que ainda assola a sociedade brasileira. O Mestre lembrou que “ginga é ataque e defesa” e é importante compreender essa habilidade em contextos em que o racismo silencia e oprime diariamente a população negra. “A capoeira segue como uma estratégia de resistência e luta que possibilita a resiliência”

E ressaltou que “pertencimento é mais que conhecimento” e portanto, buscar o aquilombamento e espaços onde a construção do conhecimento tenha por objetivo permitir a pluralidade de vozes deve ser uma prioridade. Ficou uma provocação sobre a produção de conhecimento hegemônica que a academia no Brasil ainda insiste em perpetuar e a importância de ações que possibilitem questionar essa lógica.

Figura 5 Cultura Afro-brasileira com a Escola de Capoeira Angola Carão de Dendê



Fonte: A autora (2024)

Ao encerrar a atividade, os participantes foram convidados a avaliar o encontro e os impactos gerados:

“Aprendi a história da capoeira, que é um conhecimento que não nos foi passado antes e eu achei bem interessante. Me deu vontade de aprender mais” (PARTICIPANTE 3, 2024)

“Na roda de capoeira aprendi muitos fatos da história da capoeira e dos negros e negras, aprendemos também alguns golpes e movimentos e as músicas da capoeira angola (PARTICIPANTE 5, 2024)

“Essa aula foi uma grande contribuição para o projeto pois o professor nos apresentou muitos conceitos e significados da capoeira, introduzindo os golpes, danças, músicas e seus contextos históricos” (PARTICIPANTE 6, 2024)

“Eu aprendi que a capoeira não é uma dança e sim uma arte. Arte essa que tem uma história também é uma luta, que os antigos escravos usavam para se proteger e sobreviver, mas aprendi também que todas as músicas danças, e instrumentos da capoeira tem história e cada história é importante” (PARTICIPANTE 11,2024)

“Eu aprendi um pouco mais sobre uma das nossas culturas. Aprendi que capoeira não tem um só estilo que existem 3 estilos. Aprendi também que a capoeira não é só a dança é uma coisa bem ampla” (PARTICIPANTE 16,2024)

“Eu gostei da experiência pois me fez lembrar de uma época em que eu fazia capoeira, foi uma experiência bem nostálgica” (PARTICIPANTE 17,2024)

6.3.2.7. Aplicação do encontro Turismo Afrocentrado

O objetivo do último encontro era promover uma atividade vivencial para dar visibilidade e valorizar a história do povo negro tendo como foco principal conhecer espaços que dialoguem com a afrocentricidade. Estiveram presentes 9 participantes.

Nesse contexto, houve a construção de uma relação com o Ilê da Oxum Apará localizado na cidade de Itaguaí/RJ. Trata-se de uma comunidade tradicional de matriz africana que foi fundada em 1977 pelo Babalorixá Jair de Ogum. O trabalho é desenvolvido nas áreas cultural, histórica, política, artística, ambiental, intelectual, filosófica e da assistência social buscando equidade racial, garantia de direitos fundamentais, a justiça social, a cidadania plena, o exercício da democracia, a preservação ambiental e o resgate da história e da memória (ASSOCIAÇÃO ILÊ DA OXUM APARÁ,2020).

Através de uma das integrantes da equipe de pesquisa, foi realizado um contato com o responsável pela comunidade que possibilitou a construção de um encontro. Leonardo Lazaro Faislon, filho biológico de Jair de Ogum é o responsável pela casa e em conjunto com uma equipe de estudantes e profissionais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro organizou um dia de atividades.

A agenda incluiu roda de conversa, vivência afroecológica através do reconhecimento do território, perspectivas africanas sobre espiritualidade e experimentação de culinária afro-brasileira. Além disso, foi possível conhecer parte do acervo dedicado à Lélia Gonzalez, referência nos debates sobre raça, gênero e classe no Brasil e no mundo.

Figura 6- Vivência no território do Ilê Oxum Apará



Fonte: A autora (2024)

Figura 7- Visita ao acervo de Lélia Gonzalez



Fonte: A autora (2024)

Figura 8- Participantes do Programa Ginga e equipe do Ilê Oxum Apará



Fonte: A autora (2024)

Um momento de grande reflexão foi vivido quando visitamos a Casa de Exú-Povo da rua (Figura 9). Os adolescentes eram convidados a entrar e conhecer o espaço dedicado às entidades da Umbanda/Kimbanda (ILÊ OXUM APARÁ, 2020). Uma adolescente que sempre conviveu em um contexto cristão, se interessou em entrar e ouvir as histórias daquele local. Interagiu com o grupo e surpreendeu com muitas reflexões acerca daquele momento, mostrando a importância que o acesso ao conhecimento através do diálogo pode contribuir para mitigar os efeitos do racismo religioso e na perpetuação da demonização das religiões de matriz africana.

Figura 9- Casa de Exú - povo da rua – ancestralidade da cultura afro-brasileira



Fonte: A autora (2024)

Acerca da sua experiência, a adolescente relatou que:

Sou uma nascida e criada em berço cristão e também sigo a religião evangélica, descobri uma nova admiração pela religião candomblecista e umbandista, graças ao Ilê da Oxum Apará. Isso é ginga (PARTICIPANTE 3,2024)

O encontro foi conduzido durante todo o dia, iniciando às 10h e finalizando às 17h. Foram vivências que permitiram a construção de uma percepção da diversidade religiosa que compõe a cultura afro-brasileira e a importância do Ilê para manutenção da memória coletiva do povo negro. Acerca das percepções do último encontro os participantes relataram:

“Hoje aprendemos bastante coisa sobre uma cultura que pelo menos para mim, não era algo que aparecia tanto,,,consegui mudar minha visão sobre a umbanda e candomblé, pensei bastante na paz que senti a partir do momento em que eu passei pelo portão.Me senti em casa,me conectando com os antepassados,e senti toda essência daquele lugar” (PARTICIPANTE 2,2024)

Na aula de hoje eu aprendi muito mais sobre a nossa cultura, mais especificamente sobre as religiões de matriz africana foi muito interessante essa educativo, uma ótima experiência (PARTICIPANTE 6,2024)

“No último encontro fomos conhecer o ilê de oxum que é um lugar que carrega as culturas africana, e eu fiquei muito feliz, muito mesmo em conhecer e saber mais. Aprendi sobre o candomblé, aprendi mais sobre os orixás, e fiquei muito feliz porque eu saí de lá com uma visão mais ampla e menos preconceituosa. Eu cresci ouvindo que o candomblé, umbanda, "macumba", era coisa do demônio, mas não é nada disso é apenas uma religião e cultura como qualquer outra e deve ser respeitada como qualquer outra também! e é uma cultura muito linda por sinal!” (PARTICIPANTE 7,2024)

“Hoje eu aprendi que o candomblé é um lugar cheio de histórias, e que histórias negras são muito mais omitidas do que eu pensava” (PARTICIPANTE 11,2024)

“Sou uma nascida e criada em berço cristão e também sigo a religião evangélica, descobri uma nova admiração pela religião candomblecista e umbandista, graças ao Ilê da Oxum Apará. Isso é ginga” (PARTICIPANTE 3,2024)

A experiência vivida no último encontro foi impactante e sensibilizou a todos com a riqueza histórica envolvida na espiritualidade afro-brasileira. Possibilitou a integração dos participantes que sendo praticantes de outras religiões, puderam construir novas perspectivas sobre a fé dos povos africanos e africanos em diáspora. Esse encontro contribuiu para evidenciar o perigo da história única pois como narra Adichie (2019,p.26) “ insistir só nas histórias negativas é simplificar minha experiência e não olhar para as muitas outras histórias que me formaram”

6.3.2.8. Avaliação da aplicação do programa

O Programa Ginga voltado para projetos sociais e contextos comunitários foi aplicado em seis semanas e demonstrou como uma ferramenta potencial no combate ao racismo e na inserção de atividades práticas que promovam a diversidade étnico-racial. Ao serem solicitados para avaliar os impactos do programa, os participantes o fizeram no último dia após finalização do encontro Turismo Afrocentrado. As contribuições estão descritas abaixo:

“Bastante conhecimento foi adquirido. Como disse o orgulho e a resistência sempre vão estar presentes em meu coração” (PARTICIPANTE 2,2024)

“O encontro de hj, não só o de hj,mas dessas 6 semanas, formou uma nova Opinião dentro de mim.Me mostrou que eu,como uma jovem, negra e de periferia, tenho uma força que é capaz de transformar jovens, assim como eu ,em pessoa de extremamente força’ (PARTICIPANTE 3,2024)

“O ginga foi um programa muito importante para debater a negritude de forma que resgatasse nossas origens e identidade, nos fazendo entender melhor como estamos na sociedade e como podemos ressignificar tudo aquilo nos foi dito que é feio ou errado para termos orgulho de quem somos a nossa própria maneira, com nossa cultura, religião, estilo etc. pra mim é algo que vou levar pra vida. As coisas que aprendi me fortaleceram e me tornaram uma pessoa mais consciente e espero que possa me tornar alguém que passe essa força para outras pessoas. Obrigada por nos dar um espaço onde pudemos nos conhecer, nos amar e crescer enquanto pessoas pretas” (PARTICIPANTE 5,2024)

‘Sobre o programa ginga, foi transformador todas essas experiências agregaram muito a minha vida e visão de mundo com certeza minha vida nunca mais vai ser a mesma depois do ginga” (PARTICIPANTE 6,2024)

“A ginga abriu meus olhos para coisas que eu achava "normal" mas era racismo, discriminação, etc. Aprendi muito das minhas raízes, da minha cultura e dos meus direitos. Só tenho a agradecer (PARTICIPANTE 7,2024)

“O projeto Ginga me ensinou que a minha cor de pele tem história, e essa história não deve ser ignorada ou ridicularizada. Eu vou levar esses e muitos outros ensinamentos deste projeto tão lindo que é o Ginga” (PARTICIPANTE 11,2024)

“O Ginga impactou principalmente na minha vida mostrando a luta por igualdade dos negros foi e é um processo muito dolorido que chega a ser agonizante” tanto “tempo depois da abolição da escravidão ainda assim ver pessoas presas ao racismo, suas mentes dominadas por um reflexo distorcido de uma identidade, cultural etc. que na verdade é linda, é como se não olhassem para os negros, mas para seus reflexos distorcidos no Lago, (exemplo que vimos hoje na nossa experiência). Não querem saber quem os negros são, apenas o reflexo que acreditam a tempos vindos de ignorâncias e pensamentos eurocêntricos, formando seu pré-conceito! Aprendi que por trás de cada um há uma história que merece e deve ser respeitada” (PARTICIPANTE 12,2024)

“O ginga foi o que mais me ajudou foi um local em que eu podia falar sobre essa pauta tão importante que é a consciência Negra, o racismo no nosso país e no mundo era algo que gostava de debater mais eu nunca tive esse espaço antes do ginga. O ginga foi algo muito importante pra mim e as coisas que eu aprendi nesse meio vou levar pra minha vida e eu espero poder levar um pouco desse conhecimento

para as pessoas a minha volta, q as coisas que eu aprendi no ginga cause um impacto na vida dessas pessoas! Que elas possam se inspirar também, se aceitarem e amarem as suas origens”(PARTICIPANTE 16,2024)

“O programa GINGA me ensinou a como lutar, quais meus direitos e minha importância como uma pessoa negra, não esquecendo também no como ele impactou pessoas a minha volta que não tinham tanto ou nenhum conhecimento sobre. Aprendi também sobre o racismo e como ele está enraizado no nosso Brasil, de uma forma que muitas das vezes parece ser "natural" mas que no GINGA aprendemos que não é natural. O programa contribuiu pra minha formação de cidadão e pessoal (PARTICIPANTE 17,2024)

A equipe de pesquisa avaliou as potencialidades e limitações do programa em encontro posterior ao encerramento das atividades. Além disso, os diários de campo foram utilizados para realizar as análises.

As potencialidades observadas pela equipe podem ser observadas nos registros abaixo:

“Os jovens encontraram um local que podiam falar de uma forma mais livre, sem julgamentos. Onde podiam tentar se entender e dar nome para coisas que aconteciam no seu dia a dia que muitas das vezes passava como sendo um questão pessoal” (DIÁRIO DE CAMPO,2024)

“A primeira vista penso que os primeiros impactos foi a identificação de situações onde o racismo aparecia camuflado de outros nomes como, costume, hábitos, brincadeiras etc. de forma que ao reconhecer que na verdade se tratava de racismo recreativo ampliou-se o discurso a níveis pessoais de experiências vividas. Ao longo dos encontros também se percebia o engajam” (DIÁRIO DE CAMPO,2024)

Alguns desafios foram encontrados ao longo da aplicação do Programa Ginga e foram registrados pela equipe de pesquisa em diário de campo. O primeiro desafio apresentado foi a frequência dos participantes. Conforme quadro 3, somente 02 participantes estiveram presentes em todos os encontros. Um fator importante já mencionado é que os encontros aconteciam aos sábados e alguns participantes começaram a trabalhar e não tinham disponibilidade. Para manejar esse desafio, a equipe conversava constantemente sobre a importância de desenvolver um trabalho que objetive a qualidade das relações construídas e não a quantidade de pessoas alcançadas. Essa percepção passou a ser uma lente utilizada para lidar com essa dificuldade.

Quadro 3: Frequência de participação no Programa Ginga

PARTICIPANTE	Frequência de participação					
	Encontro 1	Encontro 2	Encontro 3	Encontro 4	Encontro 5	Encontro 6
1	X	-	-	-	-	-
2	X	-	X	X		X
3	X	X	-	X	X	X
4	X		X		X	
5	X	X	-	X	X	X
6	X	X	X	-	X	X
7	X	X	X	X	-	X
8	X	-	-	-	-	-
9	X	-	-	-	-	-
10	X	-	-	-	-	-
11	X	X	X	X	X	X
12	X	-	-	-	-	X
13	X	X	-	-	-	-
14	X	X	-	-	-	-
15	X	X	-	-	-	-
16	X	X	X	X	X	X
17	-	X	X		X	X

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Outro fator foi a adaptação no que concerne a aplicação dos questionários que inicialmente seria realizada de forma virtual e o preenchimento seria enviado de forma automática para um drive da pesquisadora principal. No entanto, nem todos os adolescentes tinham celular e isso deve ser considerado tendo em vista o trabalho com adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Por esta razão, os questionários foram impressos.

6.3.3. 2ª Aplicação do Projeto Ginga: em contexto Escolar

Esta seção tem por objetivo descrever a experiência de aplicação do Programa Ginga no contexto escolar, priorizando as adaptações emergentes no campo a partir da experiência.

A aplicação do Programa Ginga no contexto escolar foi possível pois a pesquisadora principal desenvolveu um Projeto de Extensão no Centro Universitário onde leciona denominado “Projeto Ginga: por uma escola antirracista”. O objetivo do projeto visa desenvolver ações de combate ao racismo nas escolas e apoio à diversidade étnico-racial. Para

isso, o projeto desenvolve estudos sobre a importância da afrocentricidade no contexto acadêmico na formação de estudantes de Psicologia para que possam atuar de maneira política e ética em diferentes contextos.

A seleção dos estudantes teve como critério a diversidade étnico-racial em sua formação e o grupo selecionado através de entrevista foi composto por 8 estudantes de diferentes períodos do curso de Psicologia. O projeto teve início em fevereiro de 2024 e a primeira proposta foi oferecer um treinamento do Programa Ginga aos participantes, considerando as principais literaturas que embasaram a estrutura do projeto. Além disso, foram estimulados a produzir trabalhos científicos a partir da experiência adquirida, propiciando a articulação entre a produção do conhecimento científico universitário e a comunidade.

O local escolhido para aplicação do programa foi o Colégio Getúlio Vargas localizado na cidade de Volta Redonda/RJ e faz parte da rede municipal de ensino. A referida escola foi o local onde a pesquisadora principal cursou o Ensino Fundamental II e por essa razão foi escolhida.

A primeira ação foi marcar uma reunião com a equipe pedagógica para alinhamento dos objetivos e necessidades da escola. Estratégia que contempla o método da Inserção Ecológica que prevê o reconhecimento do território para melhor desenvolvimento das intervenções. Na ocasião participaram os 8 integrantes do projeto, o diretor da escola e duas orientadoras pedagógicas.

A primeira questão apresentada à escola foi quais eram as atividades desenvolvidas em cumprimento à Lei 10.639/2003 (BRASIL,2003) que trata do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, a equipe relatou que no momento não haviam atividades sendo realizadas.

Logo no primeiro contato foram identificadas algumas adaptações que o contexto escolar demonstrou:

1. Tendo em vista o calendário escolar, não seria possível utilizar 6 semanas para aplicação do Ginga pois iria comprometer as aulas e cronogramas já estabelecidos. A sugestão dada pela escola foi sintetizar os encontros em uma semana e nomear essa semana de “a semana do Ginga”. A recomendação foi atendida e foi efetivada a organização conforme solicitado.
2. O Programa Ginga em sua estrutura inicial seria aplicado em 06 encontros e na escola foi adaptado para 05 encontros. Os encontros 03 (Combate ao racismo) e 04 (Exercício

da negritude) foram aplicados em um mesmo dia e não comprometeu os objetivos previstos e a metodologia.

3. As atividades desenvolvidas no programa possuem músicas, vídeos e brincadeiras que não foram adaptadas para pessoas com necessidades educativas especiais tais como alunos com diagnóstico do Espectro Autista, Deficiência Intelectual Leve e Mutismo Seletivo. Esses foram os diagnósticos encontrados em alguns alunos e se mostrou como um desafio. Por essa razão não foram adotados os questionários escritos e priorizou-se os diálogos em rodas de conversa e as diferentes formas possíveis de se estabelecer a comunicação. Uma aluna diagnosticada com Mutismo Seletivo se comunicava através da escrita ou com a ajuda de outra colega.
4. O Turismo Afrocentrado foi realizado no Clube Palmares e a escolha foi em função do orçamento da escola que estava limitado naquele período e porque geograficamente estava localizado próximo a escola.

6.3.3.1. Participantes

Durante o primeiro encontro com a equipe pedagógica, nos foi sugerido realizar o trabalho com as 03 turmas do 8º ano do turno vespertino. A justificativa foi em função de nos últimos meses terem ocorridos casos de racismo na sala e porque na visão da escola esses alunos ainda teriam mais um ano para cursar na escola e poderiam ser multiplicadores dos aprendizados. Participaram do Programa 63 adolescentes. No que concerne a autodeclaração étnico racial foram encontradas as seguintes identificações descritas pelos participantes: Branca (23), Parda (20), Negra (4), Escuro (1), Preto (3), Moreno (2), Amarelo (1), Indígena (1), Não sabe (1) e não preencheram (7).

6.3.3.2. Procedimentos metodológicos

O primeiro contato com os participantes foi organizado no auditório da escola com as 03 turmas reunidas. O objetivo era apresentar o projeto e as atividades que seriam desenvolvidas ao longo de uma semana. Posteriormente, os alunos integrantes do grupo de pesquisa se dividiram e conduziram as atividades em suas respectivas turmas. A aplicação aconteceu do dia 13 a 17/05/2024.

Todos os alunos receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) sendo orientados acerca da pesquisa, sobre o uso dos dados e uso de imagem.

Os encontros do programa aconteceram na sala de aula dos participantes, onde foi alinhado com a escola que seriam cedidas duas aulas para essa finalidade. Cada sala de aula já estava equipada com uma televisão que foi suporte na execução das atividades. Os jogos que demandam maior espaço físico eram realizados no pátio da escola em áreas organizadas pela equipe pedagógica.

As atividades realizadas foram registradas através de fotos, vídeos e no diário de campo da equipe de pesquisa, estando todos os materiais arquivados em drive pessoal. Os resultados descritos irão refletir a percepção da equipe de pesquisa.

6.3.3.3. Reflexões emergentes no campo

A construção de vínculo com os alunos foi estabelecida de maneira segura e a equipe de pesquisa foi se integrando no contexto, sendo parte do dia a dia dos participantes. De maneira geral, foram colaborativos, interessados e se engajaram nas discussões. Cada turma tinha aproximadamente 21 alunos e ao longo dos encontros não houve perda significativa de participantes pois o programa foi aplicado em um contexto em que os estudantes já estariam em função de suas aulas. Algumas observações registradas em diário de campo demonstram que:

“Inicialmente, os alunos demonstraram desconhecer o termo “etnia” e muitos não conseguiram identificar sua identidade étnico-racial. O tema era pouco mencionado dentro da instituição, tampouco entre os familiares em casa” (DIÁRIO DE CAMPO)

“Foi perceptível, mesmo em tão pouco tempo, que houve uma transmissão e troca de saberes diante de tal temática, onde os alunos abraçaram os integrantes do GINGA, a proposta, proporcionando um encontro repleto de riquezas” (DIÁRIO DE CAMPO, 2024)

“Durante todo o processo da aplicação, conseguimos observar a evolução dos alunos, onde eles mesmos mostraram autonomia e convicção ao verbalizarem qualquer tipo de injúria racial que fosse cometida, conseguindo transmitir, e principalmente sabendo e tendo ciência que tem leis que favorecem a combater o racismo” (DIÁRIO DE CAMPO, 2024)

A participação nas atividades propostas foi observada por todos os membros da equipe como um ponto positivo pois houve uma crescente e forte adesão dos alunos, principalmente nas atividades que envolviam os jogos e sair da sala de aula.

“No início da apresentação, os alunos pareciam um pouco desinteressados, como eu pessoalmente esperava por se tratar de adolescentes, porém, enquanto eles escutavam quem éramos nós e porque estávamos ali, senti que foram se interessando mais, principalmente ao descobrirem sobre as atividades, brincadeiras e óbvio, que teria passeio” (DIÁRIO DE CAMPO, 2024)

Os conteúdos trabalhados nos eixos despertaram muitos diálogos e contribuíram para oferecer um repertório que estimulam a diversidade étnico-racial e principalmente a tolerância e o respeito:

“No segundo eixo, já introduzindo questões relacionados aos privilégios de pessoas brancas, os alunos puderam trazer exemplos e se engajaram ainda mais na temática, citando exemplo de privilégios que tinham ou não tinham no seu dia a dia, apontando que na escola tinha poucos professores negros e reconhecendo que pessoas negras não eram iguais à pessoas brancas ao serem postas como tendo as mesmas oportunidades” (DIÁRIO DE CAMPO, 2024)

“Acredito que durante aquela semana em que passamos com os alunos, ouvindo e os guiando para um conhecimento a qual eles não tinham acesso até então, contribuiu para que eles observassem as atitudes dos próprios colegas, para que eles reconheçam falas e comportamentos que eram racistas, eles aprenderam a nomear e pontuar ocorrências as quais, por mais que houvesse desconfortos quando acontecia, não sabiam como proceder para pôr um fim” (DIÁRIO DE CAMPO, 2024)

Uma adaptação realizada acerca da aplicação do Programa Ginga na escola foi o retorno da equipe uma semana após as atividades para entrega de um certificado simbólico de participação e como forma de fortalecer o vínculo criado. Essa ideia foi dada pelos membros da equipe de pesquisa e adotada como estratégia de intervenção.

Na ocasião, os alunos participantes foram convidados a criar ideias para fortalecer a história da cultura afro-brasileira e contribuir para ações antirracistas no contexto escolar. As contribuições dos alunos foram: “levar mais projetos como o Ginga para as escolas, levar mais livros sobre a cultura afro-brasileira, punir de forma correta e não apenas “conversar” e voltar para sala seja aluno ou professor, os professores falarem sobre o tema, debater todos os dias sobre insultar a cor de pele do colega, filmes e livros em relação ao racismo, mencionar artistas negros famosos da história brasileira antigos e atuais. Ex: Zezé Motta, Pelé, Milton Gonçalves, Alcione, Lázaro Ramos, se você vir um amigo fazendo racismo explicar pra ele que isso é errado e uma coisa ruim, ter aula sobre branquitude e negritude, ter uma aula sobre consciência negra, colocar um samba ou pagode na TV, ter jogos sobre o antirracismo, aulas a cada 15 dias sobre os direitos e leis que defendem os negros e promoção da diversidade e representatividade”.

Figura 10- Equipe de pesquisa realizando primeiro dia Inserção no contexto



Fonte: A autora (2024)

Figura 11- Aplicação de atividade prática no pátio da escola



Fonte: A autora (2024)

Figura 12- Roda de conversa com presidente do Clube Palmares



Fonte: A autora (2024)

Alguns desafios foram observados no contexto escolar tais como: a necessidade de oferecer treinamento aos professores acerca dos impactos do racismo na saúde mental dos alunos. Houve um caso em que uma professora, ao permanecer na sala durante a aplicação, reproduzia discursos preconceituosos e meritocráticos, como relato registrado:

“Professora diz “tem alunos negros que não querem saber de nada, eles sentam lá atrás na sala, coloca um capuz, e não quer saber de estudar. Eles dizem, estudar pra quê? Parece que eles olham e pensam que não tem nada a ser feito. Mas também tem que querer, tem que estudar, se esforçar. Meu filho por exemplo tem 17 anos e já fala 3 idiomas.”(DIÁRIO DE CAMPO,2024)

Foi observado ainda que um grande desafio se apresenta à escola ao aplicar projetos que visam o combate ao racismo. Foi solicitado à escola o regimento escolar e neste consta no Art.64 que é vedado ao aluno insultar qualquer membro da comunidade escolar através de gestos, expressões verbais ou ameaças que contribuam para hostilizar ou intimidar, mediante o uso de apelidos racistas, sendo previstas as devidas penalidades (PREFEITURA MUNICIPAL DE VOLTA REDONDA, 2019). No entanto, alguns alunos conversaram com membros da equipe de pesquisa relatando inúmeras dificuldades em pedir ajuda quando sofrem violência racial na escola.

Outro importante relato que deve ser registrado é que o Ginga, enquanto programa educativo antirracista, irá questionar uma lógica de poder que estrutura a sociedade e a partir disso poderão emergir inúmeras situações. E uma dessas situações aconteceu no último dia de aplicação do programa, realizado no Clube Palmares. Duas alunas ao chegarem no clube, procuraram a equipe pedagógica dizendo que não estavam se sentindo bem naquele

local pois haviam buscado na internet e encontrado fotos de atividades voltadas para religiões de matriz africana sendo realizadas naquele contexto. As duas alunas que são evangélicas, ligaram para suas famílias que foram até o local buscá-las. O pai de uma das estudantes proferiu falas com conteúdo de intolerância religiosa direcionadas à pesquisadora responsável e retirou sua filha do local. Importante destacar que a escola confeccionou um documento específico para autorização dessa atividade, uma vez que envolvia a saída dos estudantes da escola e todos os responsáveis consentiram.

A partir disso e em conjunto as análises sobre aplicação de medidas de responsabilização em casos de racismo na escola, o campo mostrou que é importante que o Programa Ginga se articule enquanto Política Pública e seja executado no âmbito da Divisão da Promoção da Igualdade Racial de Volta Redonda, garantindo maior segurança e proteção aos seus participantes.

Além disso, é fundamental que sejam compreendidas as necessidades de ações que promovam a inclusão de todas as pessoas e, portanto, é fundamental que adaptações possam ser realizadas para que os alunos com alguma necessidade especial estejam integrados ao grupo. A equipe de pesquisa sugeriu que o Projeto Ginga tenha parceiros de outras áreas do conhecimento para oferecer essa orientação e treinamento.

Uma importante ação foi realizada em agosto de 2024 à convite da escola para que o Ginga retornasse e estivesse presente na Feira Pedagógica, apresentando os resultados das atividades desenvolvidas. Uma sala foi destinada para o Ginga e as fotos e vídeos dos encontros foram expostos, e os alunos juntamente com seus familiares puderam rever as atividades desenvolvidas. Foi um momento muito importante para toda a equipe pois os alunos ficaram muito entusiasmados com o reencontro e para maior divulgação do Programa pois vários estudantes de outras turmas e de outras escolas puderam conhecer um pouco dos impactos do programa.

Figura 13- Equipe de pesquisa participando da Feira Pedagógica do Colégio Getúlio Vargas



Fonte: A autora (2024)

Figura 14- Sala de apresentação das atividades do Programa Ginga



Fonte: A autora (2024)

6.4. Conclusão do terceiro estudo

A proposta de elaborar um programa que contribuísse para fortalecer a identidade da pessoa negra através de ferramentas práticas e acessíveis a população foi a principal engrenagem utilizada para movimentar a construção do programa.

A trajetória de construção do Programa Ginga reflete diferentes conceitos da afrocentricidade, sendo o principal deles a perspectiva de construção coletiva de algo que irá impactar a sociedade. Perceber que o Ginga é resultado de um movimento contra hegemônico de produção de conhecimento traduz a busca pela fidelidade aos valores e a ancestralidade africana.

O Programa Ginga foi estruturado para adolescentes e pensado também por eles. A vivência na comunidade foi fundamental para estruturar cada encontro e delinear o roteiro de atividades. Não foram encontradas dificuldades no que se refere a diferença de idade dos participantes, indicando assim que o programa é adaptável para diferentes públicos.

Importante destacar que as atividades selecionadas refletem a realidade geográfica e dos territórios do projeto da tese e que para estudos futuros é importante que o aplicador considere e conheça os elementos da cultura afro-brasileira local e valorize os atores sociais que fazem parte da luta e resistência negra em sua cidade.

Além disso, não se pretendia generalizar os dados encontrados e sim fortalecer a autoestima dos participantes negros e contribuir para a aquisição de um repertório histórico que oferecesse embasamento na luta contra discriminação racial e na promoção da diversidade étnico-racial. Assim, o programa não pretende ser universal e sim respeitar a singularidade de cada sujeito.

Para perspectivas futuras é importante compreender Políticas Públicas relacionadas a promoção da Igualdade Racial para que o Ginga possa se inserir em mais contextos e auxiliar adolescentes negros a conhecerem sobre sua história, valorizar sua cultura e principalmente desenvolver uma relação saudável com a negritude e aos adolescentes não negros que possam reconhecer seu lugar na sociedade e na luta antirracista. A Escola é um local fundamental para o exercício dessas ferramentas, mas através dessa experiência foi possível perceber que a ampliação de debates nesse contexto é fundamental, com maior rigor e monitoramento na aplicação das leis já previstas.

6.5. Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2019.

ASSOCIAÇÃO ILÊ DA OXUM APARÁ. **Apresentação Institucional**. Itaguaí,RJ,2020

BENTO, C. O pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022

BRASIL. Lei nº 14.532, de 11 de Janeiro de 2023. Dispõe sobre crime de racismo a injúria racial e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/114532.htm. Acesso em: 01 Dez 2024.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 09 de Janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União,2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 02 Fev 2024.

BREAKWELL, Glynis M. et al. Métodos de pesquisa em psicologia. In: **Métodos de pesquisa em psicologia**. 2010. p. 503-503.

CLIMACO, THOMPSON. Palmares: o povo negro pode dançar. Youtube,2022. 18 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H30nCLAhjPo&t=70s>. Acesso em: 01 de março 2024.

CUNHA, Débora Alfaia da. **Brincadeiras africanas para a educação cultural**.Castanhal, PA: Edição do autor, 2016.

DE JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Atila, 2014.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. Editora Jandaíra, 2021.

ESCOLA DE CAPOEIRA ANGOLA CAROÇO DE DENDÊ. **Portfólio de apresentação**. Pinheiral,RJ,2024.

FRANÇA, D. X.; SILVA, K. C. A psicologia social do desenvolvimento nas relações raciais e racismo. 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

KOLLER, S. H., MORAIS, N. A., & PALUDO, S. S.**Inserção Ecológica: Um método de estudo em desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2016, 328p.

INSTITUO IDENTIDADES DO BRASIL. Jogo do privilégio branco. YouTube. 13 de maio de 2016. 3m46s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MuoE3IJZoZU>. Acesso em: 10 de janeiro de 2024.

MATOS, Patrícia Modesto; FRANÇA, Dalila Xavier de. Socialização étnico-racial e racismo: dos saberes afro-brasileiros e africanos à construção da identidade étnico-racial. **Educar em Revista**, v. 37, 2021. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0104-40602021000101004&script=sci_arttext. Acesso em: 02 Fev 2024

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

MUCALE, Ergimino Pedro. **Afrocentricidade-Complexidade e Liberdade**. Maputo: Editora Paulinas, 2023, 285p.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude-Nova Edição: Usos e sentidos**. Autêntica Editora, 2019.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso?. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 4, n. 8, p. 06-14, 2012.

NOBLES, Wade. Sakhu Sheti: Retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrados. In: NASCIMENTO, Elisa (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009

PETRÔNIO, Domingues. O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930). **Diálogos latinoamericanos**, v. 10, p. 116-131, 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VOLTA REDONDA. **Regimento escolar único da rede municipal de ensino**. Volta Redonda, RJ, 2019

O ÓDIO QUE VOCÊ SEMEIA. Dirigido por George Tillman Jr. Estados Unidos da América: Foz Film do Brasil, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen Produção Editorial Ltda, 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Alessandro de Oliveira dos; SCHUCMAN, Lia Vainer; MARTINS, Hildeberto Vieira. Breve histórico do pensamento psicológico brasileiro sobre relações étnico-raciais. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 32, p. 166-175, 2012.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Racismo e antirracismo: a categoria raça em questão. **Revista Psicologia Política**, v. 10, n. 19, p. 41-55, 2010.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Famílias inter-raciais: tensões entre cor e amor**. Fósforo, 2023.

APÊNDICES

APÊNDICES A-

Carta de Anuência (Projeto Sonhos Unidos)

Prezada Sra. Thamires Torres Rena

Solicitamos autorização institucional para realização da pesquisa intitulada **A promoção da identidade étnico-racial na adolescência: efeitos do programa Ginga** a ser realizada no Clube Palmares localizado na rua Paris nº2 134 Jardim Europa-Volta Redonda, pela doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGSI Sandra Duarte Antão, sob orientação do Prof. Dr. Ana Claudia de Azevedo Peixoto. O referido projeto tem por objetivo **implementar um programa psicoeducativo antirracista para promoção da diversidade da identidade étnico-racial de adolescentes**. Para atingir este objetivo serão selecionados adolescentes com idade entre 12 e 18 anos que participarão dos encontros que terão por objetivo oferecer atividades que possibilitarão maior compreensão de sua identidade étnico-racial, respeito à diversidade e ferramentas de combate ao racismo. As etapas acontecerão nas instalações do Clube Palmares uma vez por semana durante seis semanas consecutivas conforme calendário a ser divulgado, segundo horário de funcionamento realizado pela instituição. O estudo será conduzido pela doutoranda Sandra Duarte Antão e sua equipe de pesquisa, devidamente identificada e composta de 3 pessoas. Os encontros serão em dia e horário acordado com a Instituição, tendo 90 minutos de duração aproximadamente.

Para iniciar o estudo, será apresentado aos adolescentes o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) no qual serão explicados os objetivos da pesquisa, bem como serão informados os possíveis riscos: sentir algum desconforto ao falar algo de cunho pessoal. Para minimizar os possíveis riscos oriundos dessa proposta de intervenção, poderá ser oferecido ao participante acolhimento e escuta psicológica bem como direcionamento individualizado caso se faça necessário. Serão orientados sobre os seguintes benefícios: fortalecimento da identidade étnico-racial, acesso à história e a cultura que envolvem o povo negro, conhecimento sobre o uso de estratégias de enfrentamento na luta antirracista, conhecimento sobre a importância da diversidade étnico-racial. O TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) será direcionado ao responsável do adolescente contendo as mesmas informações para autorização e ciência.

Será informado aos participantes que a qualquer momento eles poderão desistir da pesquisa sem prejuízo maior, sendo apenas informado de que não alcançará os possíveis benefícios que poderiam ser atingidos ao finalizar o processo. Caso haja alguma despesa relacionada ao deslocamento, a pesquisadora se compromete fazer o ressarcimento dos valores utilizados. Garantimos a todos os participantes a oportunidade de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa. Não haverá nenhuma despesa para esta instituição que seja decorrente da participação. No caso do não cumprimento dos itens acima, a instituição terá a liberdade de retirar a anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma.

Ressaltamos que os dados coletados serão tratados de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) 466/12 que versa sobre a Pesquisa envolvendo Seres Humanos. Salientamos ainda que tais dados sejam utilizados tão somente para realização deste estudo. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e endereço da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o estudo e a sua participação, agora ou a qualquer momento. Eu, pesquisadora, estou compromissada com o Código de Ética Profissional do

Psicólogo e com a Resolução CNS 466/12 sobre Pesquisas com seres Humanos, assegurando total sigilo quanto aos dados obtidos durante a pesquisa. Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho desta Diretoria, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Ana Cláudia Peixoto – SIAPE: 1808252
(Professora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRRJ).
Tel.: 21999417759.
E-mail:claudiaaalexoto@gmail.com

Sandra Duarte Antão
Doutoranda do PPGPSI - UFRRJ
Tel (24) 999052179
E-mail: psisandra.anta@gmail.com

Thamires Torres Renna
CNPJ:
Tel:
E-mail:

<input type="checkbox"/> Concordamos com a solicitação	<input type="checkbox"/> Não concordamos com a solicitação
--	--

Volta Redonda, 01 de março de 2024

APÊNDICE B-
Carta de Anuência
(Colégio Getúlio Vargas)

Solicitamos autorização institucional para realização da pesquisa intitulada **A promoção da identidade étnico-racial na adolescência: efeitos do programa Ginga** a ser realizada no Colégio Getúlio Vargas , localizado na Rua Cento e Cinquenta e Quatro, 783 - Laranjal, Volta Redonda, pela doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGSI Sandra Duarte Antão, sob orientação do Prof. Dr. Ana Claudia de Azevedo Peixoto. O referido projeto tem por objetivo **implementar um programa psicoeducativo antirracista para promoção da diversidade da identidade étnico-racial de adolescentes**. Para atingir este objetivo serão selecionados adolescentes com idade entre 12 e 18 anos que participarão dos encontros que terão por objetivo oferecer atividades que possibilitarão maior compreensão de sua identidade étnico-racial, respeito à diversidade e ferramentas de combate ao racismo. As etapas acontecerão nas instalações do Colégio Getúlio Vargas pelo período de uma semana, segundo horário de funcionamento realizado pela instituição. O estudo será conduzido pela doutoranda Sandra Duarte Antão e sua equipe de pesquisa, devidamente identificada e composta de 8 pessoas. Os encontros serão em dia e horário acordado com a Instituição, tendo 90 minutos de duração aproximadamente.

Para iniciar o estudo, será apresentado aos adolescentes o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) no qual serão explicados os objetivos da pesquisa, bem como serão informados os possíveis riscos: sentir algum desconforto ao falar algo de cunho pessoal. Para minimizar os possíveis riscos oriundos dessa proposta de intervenção, poderá ser oferecido ao participante acolhimento e escuta psicológica bem como direcionamento individualizado caso se faça necessário. Serão orientados sobre os seguintes benefícios: fortalecimento da identidade étnico-racial, acesso à história e a cultura que envolvem o povo negro, conhecimento sobre o uso de estratégias de enfrentamento na luta antirracista, conhecimento sobre a importância da diversidade étnico-racial. O TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) será direcionado ao responsável do adolescente contendo as mesmas informações para autorização e ciência.

Será informado aos participantes que a qualquer momento poderá desistir da pesquisa sem prejuízo maior, sendo apenas informado de que não alcançará os possíveis benefícios que poderiam ser atingidos ao finalizar o processo. Caso haja alguma despesa relacionada ao deslocamento, a pesquisadora se compromete fazer o ressarcimento dos valores utilizados. Garantimos a todos os participantes a oportunidade de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa. Não haverá nenhuma despesa para esta instituição que seja decorrente da participação. No caso do não cumprimento dos itens acima, a instituição terá a liberdade de retirar a anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma.

Ressaltamos que os dados coletados serão tratados de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) 466/12 que versa sobre a Pesquisa envolvendo Seres Humanos. Salientamos ainda que tais dados sejam utilizados tão somente para realização deste estudo. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e endereço da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o estudo e a sua participação, agora ou a qualquer momento. Eu, pesquisadora, estou compromissada com o Código de Ética Profissional do Psicólogo e com a Resolução CNS 466/12 sobre Pesquisas com seres Humanos, assegurando total sigilo quanto

aos dados obtidos durante a pesquisa. Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho desta Diretoria, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Ana Cláudia Peixoto – SIAPE: 1808252
(Professora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRRJ).
Tel.: 21999417759.
E-mail:claudiaapeixoto@gmail.com

Sandra Duarte Antão
Doutoranda do PPGPSI - UFRRJ
Tel (24) 999052179
E-mail: psisandra.antao@gmail.com

Colégio Getúlio Vargas
CNPJ:
Tel:
E-mail:

☐ Concordamos com a solicitação

☐ Não concordamos com a solicitação

Volta Redonda, 08 de maio de 2024

APÊNDICE C

-Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

(Assinado pelo adolescente)

1) Você está sendo convidado(a), como voluntário(a) a participar da pesquisa : **A promoção da identidade étnico-racial na adolescência: efeitos do programa GINGA**. Esta é vinculada ao Projeto de Tese de Doutorado apresentado ao programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRRJ.

2) Nesta pesquisa pretendemos **implementar um programa psicoeducativo antirracista para promoção da diversidade da identidade étnico-racial de adolescentes**. O motivo que nos leva a estudar esse assunto é poder contribuir para o desenvolvimento da identidade étnico-racial na adolescência, incentivar práticas antirracistas e apoiar a diversidade racial em nosso país.

3) Você irá participar de atividades em grupo, a serem realizadas no _____. Lembrando que não é uma atividade de prova ou teste, por isso não existem comportamentos e falas certas ou erradas. Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá ter autorizado e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. A pesquisa tem previsão de duração de ____ semana com encontros de 90 minutos de duração.

4) Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pela pesquisadora que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em riscos mínimos, como por exemplo, sentir algum desconforto ao falar algo de cunho pessoal. Para minimizar os possíveis riscos oriundos dessa proposta de intervenção, poderá ser oferecido ao participante acolhimento e escuta psicológica bem como direcionamento individualizado caso se faça necessário. Como benefícios, fortalecimento da identidade étnico-racial, acesso à história e a cultura que envolvem o povo negro, conhecimento sobre o uso de estratégias de enfrentamento na luta antirracista, conhecimento sobre a importância da diversidade étnico-racial. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizado o estudo podendo ser publicado através de relatos, fotos e vídeos. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do seu responsável.

5) Este termo de assentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra, arquivada na escola. A pesquisadora tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos. Declaro que fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi o termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Volta Redonda, 10 de maio de 2024.

Pesquisadora responsável: Sandra Duarte Antão

(Doutoranda do PPGPSI – UFFRJ)

Tel (24) 999052179 E-mail: psisandra.anta@gmail.com

APÊNDICE D

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(Assinado pelos responsáveis)

1) Você está sendo convidado(a), como voluntário(a) a autorizar a participação de seu filho (a) na pesquisa intitulada : **A promoção da identidade étnico-racial na adolescência: efeitos do programa**. Esta é vinculada ao Projeto de Tese de Doutorado apresentado ao programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRRJ.

2) Nesta pesquisa pretendemos **implementar um programa psicoeducativo antirracista para promoção da diversidade da identidade étnico-racial de adolescentes**. O motivo que nos leva a estudar esse assunto é poder contribuir para o desenvolvimento da identidade étnico-racial na adolescência, incentivar práticas antirracistas e apoiar a diversidade racial em nosso país.

3) O adolescente será convidado a participar de atividades em grupo, no _____. Para participar desta pesquisa, você deverá autorizar por meio da assinatura deste termo. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. A pesquisa tem previsão de duração de _____ semana com encontros de 90 minutos de duração.

4) Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. Poderá retirar o consentimento ou interromper a participação do adolescente a qualquer momento. A participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pela pesquisadora que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em riscos mínimos, como por exemplo, o adolescente sentir algum desconforto ao falar algo de cunho pessoal. Para minimizar os possíveis riscos oriundos dessa proposta de intervenção, poderá ser oferecido ao participante acolhimento e escuta psicológica bem como direcionamento individualizado caso se faça necessário. Como benefícios, fortalecimento da identidade étnico-racial, acesso à história e a cultura que envolvem o povo negro, conhecimento sobre o uso de estratégias de enfrentamento na luta antirracista, conhecimento sobre a importância da diversidade étnico-racial. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizado o estudo podendo ser publicado através de relatos, fotos e vídeos.

5) Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra, arquivada na escola. A pesquisadora tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos. Declaro que fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi o termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Volta Redonda, 10 de maio de 2024.

Pesquisadora responsável: Sandra Duarte Antão

(Doutoranda do PPGPSI – UFRJ)

Tel (24) 999052179 E-mail: psisandra.antao@gmail.com

APÊNDICE E
Questionário para apresentação



APRESENTAÇÃO	
Nome:	
Idade:	
Data:	

1) Você sabe o que é identidade étnico-racial? Já estudou sobre esse tema antes? Explique um pouco

2) Escreva aqui qual a sua identidade étnico-racial.

3) O que significa para você pertencer a esse grupo étnico-racial?

APÊNDICE F
Questionário para Eixo 1 – Consciência Histórica



Nome:	
Idade:	
Data:	

1) O que você sabe sobre o racismo? Com quem você aprendeu?

2) Escreva o que você compreendeu sobre o vídeo

3) Escreva mais frases que você lembra

4) Escreva o que entendeu sobre o vídeo

5) Você já estudou sobre a colonização na escola? Explique sua resposta.

6) Escreva coisas que você mais gosta (incluindo costumes e preferências)

7) Você observa desvantagens sofridas pelo povo negro na sociedade?

8) Escreva o que aprendeu no encontro de hoje

APÊNDICE G
Questionário para Eixo 2 – Branquitude



Nome:	
Idade:	
Data:	

- 1) Você sabe o que é privilégio branco? Com quem você aprendeu?

- 2) Você já se perguntou por que algumas pessoas ocupam determinados cargos em uma empresa e outras não conseguem chegar até lá? Explique sua resposta.

- 3) Nos filmes ou séries que você já assistiu, observou quem são as pessoas consideradas bonitas e interessantes?

- 4) Como você analisa as situações descritas?

- 5) Analise o local onde você está no jogo dos privilégios. Como está se sentindo? Quais reflexões podemos fazer desse momento?

- 6) Foto 1- descreva quem você vê na foto: quem é essa pessoa? Qual a sua profissão? Justifique sua resposta.

- 7) Foto 2 descreva quem você vê na foto: quem é essa pessoa? Qual a sua profissão? Justifique sua resposta.

- 8) Foto 3 descreva quem você vê na foto: quem é essa pessoa? Qual a sua profissão? Justifique sua resposta.

- 9) Escreva o que aprendeu no encontro de hoje

APÊNDICE H
Questionário para Eixo 3 – Combate ao racismo



Nome:	
Idade:	
Data:	

1. Você conhece alguma lei sobre as questões raciais? Caso sim, onde aprendeu?

2. Quais atividades faz você se divertir e se sentir relaxado?

3. Escreva aqui o que você pensa sobre esses posts e vídeos apresentados

4. Escreva aqui mais palavras ou frases que você já ouviu:

5. Escreva o que você pensa sobre essa lei.

6. Escreva o que você já ouviu sobre a lei de cotas e o que pensa sobre isso.

7. Escreva o que aprendeu no encontro de hoje

APÊNDICE I

Questionário para Eixo 4 – Exercício da negritude



Nome:	
Idade:	
Data:	

1. Quais são as pessoas negras que são referência para você? O que você admira nessa (s) pessoa (s)? Explique sua resposta.

2. Escreva o que você mais gostou no vídeo e explique o motivo.

3. Escreva o que você aprendeu no encontro de hoje e apresente duas ideias de como podemos fortalecer a identidade negra

APÊNDICE J

Questionário para Eixo 5 – Cultura afro-brasileira



Nome:	
Idade:	
Data:	

1. Escreva o que você aprendeu na experiência com a roda de capoeira.

APÊNDICE L

Questionário para Eixo 6 – Cultura afro-brasileira



Nome:	
Idade:	
Data:	

1. Escreva o que você aprendeu na experiência de hoje. Relate também quais foram os impactos do Programa Ginga em sua vida.

APÊNDICE M

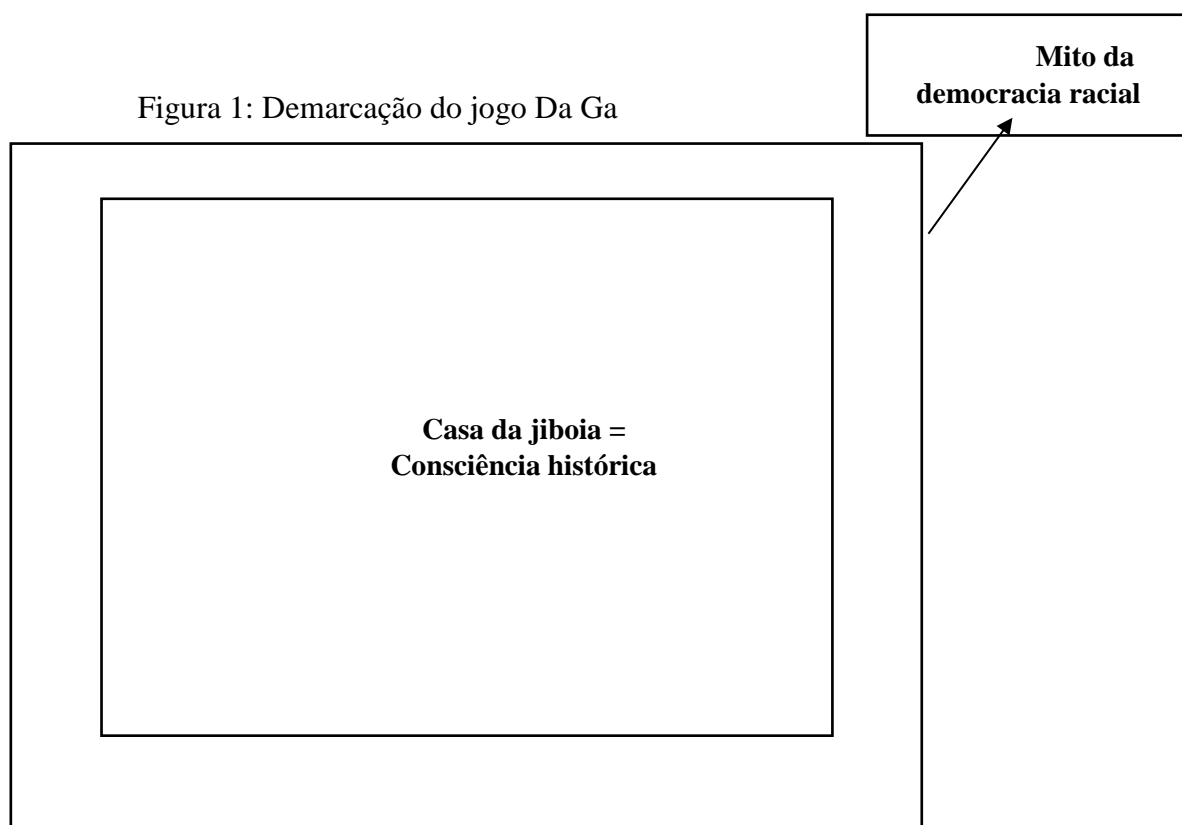
Descrição do Jogo Da Ga

Objetivo: Estimular a conscientização sobre os impactos do mito da democracia racial na sociedade e a importância de acessar a verdadeira história do povo negro.

Adaptação de uma brincadeira infantil presente em **Gana** e na **Nigéria**.

Da Ga significa "jiboia". Risque um quadrado ou retângulo no chão, este será a "Casa da Cobra". Escolha dois jogadores voluntários para ficar dentro e ser "a Serpente". Estes jogadores não podem sair do quadrado. Todos os outros jogadores devem ficar em cima da linha do quadrado. A cobra tenta tocar nos jogadores. Estes podem correr sobre a linha do quadrado ou se afastar da linha para não serem pegos, mas devem voltar rapidamente para cima da linha, senão saem do jogo. Se tocado, o jogador junta-se a cobra no interior do quadrado. Ganha a dupla que pegar mais jogadores.

Variação: O aplicador pode demarcar, além da casa da cobra, outro retângulo para os jogadores correrem. Isto evita que os participantes se afastem muito da casa da cobra e tornem o jogo muito demorado. Segue diagrama sugerido:



Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Passo-a-passo:

1. Confeccionar 20 frases que representam a ideia de mito da democracia e 20 frases de consciência histórica em forma de crachá (observar quantos participantes terão no dia)

2. Distribuir para os participantes
3. Pedir dois voluntários que ficarão no centro para ser a jiboia (consciência histórica)
4. Os demais estarão do lado de fora e deverão permanecer com o crachá que expressam as frases do mito da democracia racial
5. Antes do jogo começar pedir aos participantes que leiam as frases em voz alta
6. Ao iniciar o jogo, os dois participantes que estão na casa da consciência histórica terão trinta segundos para pegar o maior número possível de participantes.
7. Ao pegar um novo participante, este permanece no centro. Lembrar de virar o crachá que vão conter frases da Consciência Histórica.
8. Ao final, ganha quem tiver conseguido pegar o maior número de participantes

Os vencedores (a consciência histórica) poderão falar sobre a importância de estarmos conscientes sobre a construção da nossa identidade. O mediador pode auxiliar na discussão lembrando tópicos aprendidos no encontro do dia.

Material:

- Para confecção dos crachás: folha branca (pode ser impressa ou pode ser elaborada junto aos participantes) + barbante + furador
- Durex colorido para marcar os quadrados no chão

FRASES CONSCIÊNCIA HISTÓRICA:

1. Não somos todos iguais
2. Existem pessoas com privilégios na sociedade
3. Existem pessoas que sofrem desvantagens na sociedade
4. Não existe racismo reverso pois somente o povo negro foi escravizado
5. O termo raça foi criado para justificar a dominação dos brancos contra os negros
6. Pessoas negras podem ter falas racistas pois convivem em uma sociedade racista
7. As marcas da escravização são observadas até os dias atuais
8. Pessoas negras são subestimadas na sociedade
9. Todos podem falar sobre racismo, desde que lembrem seu lugar de fala.
10. O Brasil não foi descoberto, foi invadido
11. As religiões de matriz africana foram apagadas e demonizadas.
12. As oportunidades não chegam para todas as pessoas.
13. A cultura afro é desvalorizada por causa da colonização
14. A maior parte das posições de poder no Brasil são ocupados por pessoas brancas
15. O “fim da escravidão” não ofereceu às pessoas negras condições dignas de vida.
16. A construção de uma sociedade antirracista é dever de todos.
17. O racismo no Brasil é estrutural
18. Jovens negros são os maiores alvos em operações policiais
19. Racismo é crime
20. A ideia de democracia racial é um mito para enfraquecer a luta dos negros.

FRASES DO MITO DA DEMOCRACIA RACIAL:

1. Somos todos iguais
2. Somos todos da raça humana
3. No Brasil não existe preconceito
4. Os negros fazem racismo contra os brancos
5. Preconceito é coisa da cabeça da pessoa
6. Os próprios negros são racistas com eles mesmos
7. Hoje em dia tudo é racismo
8. Qualquer pessoa pode chegar aonde ela quiser
9. Brancos não devem falar sobre racismo pois não têm lugar de fala
10. A descoberta do Brasil trouxe a civilização para este país
11. “Eu não sou preconceituoso, mas algumas religiões não são boas.
12. Todos têm capacidade, basta a pessoa ter força de vontade para vencer na vida
13. “Eu não sou preconceituoso”, mas o funk não é música boa.
14. Pessoas negras deveriam melhorar seus currículos.
15. Quando acabou a escravidão, pessoas negras poderiam ter construído suas vidas.
16. “Eu não sou racista, até tenho amigos negros”
17. “Eu não sou preconceituoso”, mas atravesso a rua quando vejo um menino negro.
18. Direitos humanos no Brasil é para defender bandido.
19. Eu sempre fiz piadas com pessoas negras e elas nunca reclamaram.
20. Eu sou negra e não acho que o racismo me afeta.

APÊNDICE N

Descrição do Jogo dos Privilégios

Objetivo: Reconhecer os privilégios existentes na sociedade e a relação com a racialização dos povos.

Passo-a-passo: o texto abaixo deverá ser lido para todos os participantes.

“Olá, você vai participar de um jogo. Todos poderão tentar acertar a bolinha no cesto e assim sabermos quem vai ganhar. Mas antes vamos organizar as posições que cada um vai ocupar para acertar o alvo. Eu vou ler algumas frases que vão ajudar nessa tarefa. Siga minhas instruções e logo após vamos começar a nossa competição.”

- Se sua família esteve presente em sua infância e adolescência, dê um passo à frente.
- Se você se sente representado nos filmes e séries que você assiste, dê um passo para frente
- Se ganhou mesada durante sua infância ou adolescência, dê um passo à frente.
- Se tiver acesso ao curso de idiomas, dê um passo à frente.
- Se consegue estudar sem precisar trabalhar para complementar a renda familiar, dê um passo à frente.
- Se sua casa já encheu de água ou se já perdeu algum bem por morar em área de risco, dê dois passos para trás.
- Se já desejou ter outra cor de pele, dê dois passos para trás
- Se você já teve dificuldade para comprar produtos de beleza (exemplo maquiagem, creme para cabelo) dê dois passos para trás.
- Se você já ouviu piadas em função da sua cor, dê dois passos para trás.
- Se já se sentiu envergonhado ou triste no espaço escolar por ter vivido uma situação de discriminação de dois passos para trás.
- Se você já deixou de participar de alguma festa ou pensou em desistir por achar que não seria aprovado em função de sua cor, dê dois passos para trás.
- Se já foi abordado em uma loja por ser confundido com um vendedor, dê dois passos para trás.
- Se ao comprar algum item em uma loja, saiu com a nota fiscal na mão para não ser abordado por segurança, dê dois passos para trás.
- Se você já sofreu intervenção policial e teve medo de um desfecho negativo, dê dois passos para trás.

Agora sim podemos começar o jogo. Você deverá acertar a bolinha na cesta!! Boa sorte!! Observe o local onde você ficou. O que isso significa? Qual a identidade racial das pessoas que estão mais à frente? E das pessoas que estão mais atrás?

APÊNDICE O

Descrição do Jogo Pengo-pengo

Objetivo: dialogar sobre o aprendizado acerca do que é privilégio branco e o que é democracia racial

É um jogo de força - Adaptação de uma brincadeira infantil de Uganda (similar ao cabo de guerra)

Passo-a-passo:

1. Escolher dois participantes para ser o líder. Um vai representar o lado do privilégio e o outro a Democracia
2. Delimitar um espaço onde os demais participantes poderão se movimentar.
3. Os dois líderes deverão correr até os demais participantes e tentar pegá-lo para formar sua equipe.
4. O tempo pode ser cronometrado
5. Pretende-se que um lado tenha mais componentes que outro. Começa-se o cabo de guerra.
6. A depender do lado que ganhar, podemos discutir a força do privilégio ou a força da democracia.

Material: uma corda grande para utilizar no cabo-de-guerra

APÊNDICE P

Descrição do Jogo labirinto

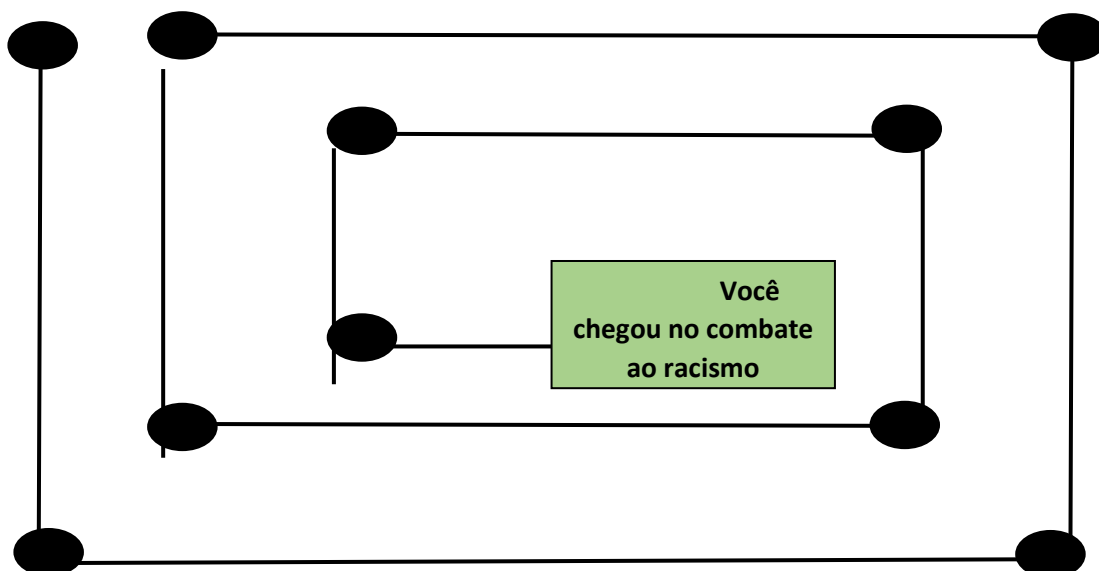
Objetivo: O objetivo é conhecer leis de combate ao racismo com foco no racismo recreativo e cotas raciais.

Adaptação de uma brincadeira infantil de **Moçambique**.

Passo-a-passo: o organizador deverá elaborar perguntas sobre a temática desenvolvida no Eixo 3. Os participantes deverão formar dois grupos e escolher um líder que irá participar da prova. O organizador deverá desenhar um labirinto no chão e demarcar os pontos onde os participantes irão caminhar.

1. Os participantes deverão se posicionar na entrada do labirinto
2. O organizador deverá colocar todas as perguntas em uma caixa.
3. Para começar, os dois participantes deverão ficar de frente um para o outro e ao sinal, quem apertar a campainha primeiro sorteia a primeira pergunta.
4. Os participantes do jogo podem pedir até 03 ajudas para sua equipe e em cada ajuda um membro diferente deverá responder.
5. Cada pergunta tem um peso diferente, indicando quantas casas o participante poderá andar caso acerte.
6. Caso ele erre a resposta, volta uma casa.
7. Ganha a equipe que chegar primeiro ao centro.
8. Delimitar tempo de 10 segundos para pensar a resposta

Figura 2: Modelo a ser seguido para realização do jogo labirinto



Material: companhia, uma caixa para guardar e sortear as perguntas, fita para desenhar o labirinto no chão

Caixa de perguntas:

1. O que é racismo recreativo? (andar duas casa)
2. O que fazer se uma pessoa tiver uma fala racista e disser que foi uma brincadeira? (andar uma casa)
3. O que é injúria racial? (andar uma casa)
4. Por que a injúria racial é um crime? (andar duas casas)
5. O que é a lei de cotas? (andar uma casa)
6. Por que o debate sobre a lei de cotas é importante? (andar uma casa)
7. Por que devemos ter mais representatividade na política? (andar uma casa)
8. Explique de que forma o racismo recreativo afeta a pessoa foi vítima desse crime. (andar duas casas)
9. Como posso ajudar no combate ao racismo recreativo na minha escola? (andar uma casa)
10. Cite três ideias que podemos formular para combater o racismo recreativo na sua escola? (andar duas casas)

Conteúdo das perguntas:

1. É importante lembrar que em uma brincadeira, todas as pessoas envolvidas estão se divertindo.
2. Mesmo que uma pessoa diga que não teve a intenção, as palavras carregam sentido. Essa brincadeira tem nome: se chama racismo recreativo.
3. É racismo recreativo quando alguém ofende uma pessoa em razão da sua raça, cor, etnia ou procedência nacional usando piadas e brincadeiras.
4. Injúria racial prevê reclusão de dois a cinco anos, além de multa, não cabe mais fiança e o crime é imprescritível
5. Injúria racial é crime. é importante observar que esse crime pode acontecer nas redes sociais, durante jogos, apresentações artísticas ou religiosas.
6. A lei de cotas foi criada como forma de reparação histórica com a população negra, permitindo acesso à educação pública.
7. Pessoas brancas, por causa do privilégio histórico, viam as vagas em universidades públicas como sendo suas por direito
8. O debate sobre cotas raciais é importante para que pessoas negras possam ter mais oportunidades.
9. Para lutar por mais diversidade e leis que auxiliem a população negra, é necessário escolher bem os candidatos que nos representam bem como lutar por mais políticas públicas.
10. Eu posso ajudar no combate ao racismo me informando, estudando, conversando com mais pessoas.

7. ESTUDO 4 - RELATO DE EXPERIÊNCIA BOLSA DE DOUTORADO SANDUÍCHE: CONTRIBUIÇÕES DA PERSPECTIVA AFRICANA DOS FENÔMENOS PSICOLÓGICOS PARA REAFIRMAÇÃO DA NEGRITUDE NA ADOLESCÊNCIA

O presente estudo tem por objetivo apresentar o relato de experiência vivido em Moçambique no período de outubro a dezembro de 2024. Trata-se de uma experiência e pesquisa que visou conhecer as contribuições da perspectiva africana dos fenômenos psicológicos para reafirmação da negritude na adolescência. Para isso, objetivou-se identificar epistemologias aplicadas no desenvolvimento da identidade étnico-racial para valorização da história, cultura e ancestralidade africana no contexto Moçambicano.

A experiência com a pesquisa realizada no contexto de desenvolvimento dos participantes, me permitiu compreender que os fenômenos psicológicos necessitam de uma contextualização histórica, política e sociocultural. Sem a realização da construção dessa perspectiva, contribui-se para a perpetuação de narrativas violentas e que geram a individualização de problemas coletivos.

Nesse contexto, a Psicologia tendo sido estruturada sob o paradigma eurocêntrico, carece de estudos que investiguem os efeitos da colonização na construção da identidade da pessoa negra, construindo estratégias de intervenção que auxiliem a mitigar os impactos gerados.

Uma das faces mais perversas da colonização foi a afirmação da identidade do branco através do processo de negação do ser negro. Como narra Fanon (2020, p.126) “no mundo branco, o homem de cor encontra dificuldade na elaboração do seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é uma atividade puramente negacional”.

Esse afastamento de nossas raízes, negando nossa história, costumes, demonizando nossas crenças, resulta ainda atualmente em uma constante desumanização do ser negro. Nobles (2009, p. 289) ao relatar o que denomina de terrorismo psicológico e genocídio cultural denuncia que “o desejo de proximidade da brancura é uma doença mental debilitante para os africanos”.

E como seria o processo de retorno e conscientização dessa humanização usurpada pelo colonialismo? A busca pela afrocentricidade pode indicar uma rota para essa construção: “colocar os ideais africanos no centro de toda e qualquer análise que envolva a cultura e o comportamento africanos” (MUCALE, 2023 ,P.28). O autor salienta ainda o conceito de africanidade deve ser considerado nesse processo pois traduz a identidade do ser africano, seus

costumes, tradições e características de personalidade tanto no continente africano quanto para negros em diáspora.

Possibilitar a re(construção) de quem somos, é um movimento que somente será possível nos colocando como protagonistas de nossas histórias, “como sujeitos ou agentes, nunca como objetos” (MUCELAE, 2023, P 51).

E qual a finalidade de realizar esse movimento: a nível intrapsíquico o restabelecimento de uma autopercepção positiva com a negritude. A nível coletivo, a construção de debates para evidenciar os privilégios da branquitude. E ainda, ter na diversidade epistemológica um caminho seguro para alcançar essa transformação.

A partir da minha vivência enquanto mulher, negra, pesquisadora e docente em um país estruturalmente racista, construí algumas questões norteadoras para direcionar o meu olhar no território: como acontece a atuação de Psicólogos em Moçambique no que concerne o desenvolvimento infantojuvenil? De que forma a identidade étnico-racial é abordada na graduação em Psicologia? Quais as contribuições da perspectiva Afrocentrada para o fortalecimento da identidade étnico-racial de crianças e adolescentes negros afrodiapóticos? Como outras epistemologias podem fomentar o debate das relações raciais para construção de uma Psicologia antirracista no Brasil?

Atravessar o atlântico e fazer o caminho de volta às minhas raízes somente foi possível pela existência de uma Política Pública que através do 1º edital Atlânticas- Programa Beatriz Nascimento de mulheres na ciência (CNPq, Ministério da Igualdade Racial, Ministério das Mulheres e Ministério dos Povos Indígenas) possibilitou que pesquisadoras negras, quilombolas, indígenas e ciganas vivenciassem seus estudos no exterior. E ainda por toda a estrutura da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)/ Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGPSI), orientação da coordenação do Laboratório de Estudos sobre violência contra crianças e adolescentes (LEVICA) e apoio da Universidade Eduardo Mondlane (UEM). Uma conquista coletiva e que certamente é um sonho ancestral.

7.1. Síntese das atividades desenvolvidas e aplicação metodológica

A estrutura do relato de experiência será apresentada conforme os critérios para elaboração do relatório técnico enviado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. O método utilizado para realização da pesquisa foi a Inserção Ecológica, que preconiza uma participação ativa do pesquisador no campo de estudo, vivenciando a realidade da população a ser investigada (KOLLER, MORAIS E PALUDO, 2016). Foi proposto um

cronograma de atividades que foram estabelecidas ainda no Brasil, considerando as possibilidades de intervenção e dado os diferentes públicos que seriam entrevistados.

As questões de pesquisa que nortearam o estudo estavam a todo momento compondo as lentes de observação e integrando a análise das vivências. Os participantes, que foram selecionados por conveniência, contribuíram para que as discussões obtivessem maior rigor e representassem de maneira fidedigna a realidade encontrada.

O referido método já vem sendo utilizado desde a minha pesquisa de mestrado (2018) e corrobora mais uma vez que é uma ferramenta eficaz não somente para coleta de dados, mas para construção de relações humanas. Vivenciar outras formas de estar no mundo, de construir a identidade, de organização social, política e econômica através da percepção dos próprios moçambicanos possibilitou obter um retrato das diferentes realidades visitadas.

Todas as experiências vivenciadas em Moçambique que compreendeu o período de 08/09/2024 a 17/12/2024 foram registradas através de fotografias, vídeos, áudios, relatos escritos em diário de campo, o que conferiu à essa investigação uma riqueza de dados. As experiências compreendem apresentação de pesquisas conduzidas no Brasil acerca dos impactos do racismo na formação da identidade de adolescentes, ministração de aulas para turmas do curso de Psicologia da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), participação como discente na disciplina de Perspectivas africanas dos fenômenos psicológicos e integração em atividades pedagógicas de iniciativa da UEM como a caminhada a favor da vida em alusão ao mês de prevenção ao suicídio. Além disso, como objetivo do projeto de pesquisa, foram realizadas as entrevistas com adolescentes (Apêndice A), alunos do curso de Psicologia (Apêndice B) e docentes do mesmo curso (Apêndice C).

É importante destacar que oportunidades não acadêmicas surgiram durante a execução do estudo e foram cruciais para que as observações obtidas fossem ampliadas e contribuíssem para novas perspectivas. Tais experiências também serão apresentadas nos resultados que foram organizados em três grupos, a saber:

(I) Afrocentricidade e africanidade: reflexões emergentes em Moçambique – Serão retratados os resultados da Inserção Ecológica com os adolescentes, estudantes de Psicologia e Docentes de Psicologia. Serão apresentadas as características de cada grupo, as atividades conduzidas e os desafios encontrados.

(II) A produção de conhecimento Brasil x Moçambique – a difusão do conhecimento produzido no Brasil e apresentados em congresso e em aulas do curso de Psicologia serão apresentados nesta seção. Além disso, as percepções da disciplina Perspectivas

africanas dos fenômenos psicológicos serão discutidas. Houve também oportunidades de assistir a duas defesas de trabalho de conclusão do curso de Psicologia. E ainda as oportunidades de conhecer profissionais que contribuem para produção de conhecimento em Moçambique.

(III) Vivências comunitárias e o fortalecimento da identidade afro-brasileira: a oportunidade de vivenciar atividades não acadêmicas, mas diretamente ligadas à cultura e identidade africana foram experienciadas com grande interesse e entusiasmo. Serão descritas as experiências junto a Associação de Capoeira Libertação e os impactos gerados a partir desse contexto.

É importante destacar que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Investigação da UEM (CEI-UEM) estando sob registro 006/CEI-UEM/2024 (Apêndice D), atendendo às exigências da instituição para execução do estudo. Todos os termos de anuência da instituição (apêndice E), assentimento (apêndice F) e consentimento livre e esclarecido dos responsáveis, acadêmicos de Psicologia e docentes (apêndice G, H e I respectivamente) foram obtidos. Além disso, o Termo de Uso de Imagem e Som (Apêndice J) também foi apresentado. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas para análise posterior, além disso, fotografias e vídeos estão armazenados em drive pessoal.

O primeiro campo de Inserção foi a Universidade Eduardo Mondlane onde fui apresentada a algumas pessoas do setor de Internacionalização e Mobilidade Acadêmica e para uma turma do curso de Psicologia, Todas as atividades práticas que estavam relacionadas aos adolescentes e aos estudantes de Psicologia, foram direcionadas diretamente através de uma aluna do último ano do curso de Psicologia, que acabou compondo esse estudo como parte integrante da pesquisa a meu convite, formando assim uma Equipe de pesquisa. O fato de ser moçambicana conferiu às análises o devido aprofundamento e aproximação com a realidade.

7.2. Africanidade e Afrocentricidade: reflexões emergentes em Moçambique.

7.2.1. A experiência com os adolescentes

O local da pesquisa foi o Centro Social Flori que foi criado em 1994, com o objetivo de realizar um trabalho de desenvolvimento comunitário integral com a população das Mahotas e dos bairros vizinhos, uma área periférica e de vulnerabilidade social da cidade de Maputo. Tendo em conta a realidade destes bairros, duas vertentes integram as ações de trabalho: a Educação e o Desenvolvimento Social. A nível da Educação existem projetos de Alfabetização;

Cursos de Corte e Costura, Informática, Beleza, Cabeleireiro e Culinária; Biblioteca; Apoio Escolar; Terapias Ocupacionais; Gabinete de Psicologia. O Centro está sob direção das Irmãs Missionárias Dominicanas do Rosário, uma Instituição Religiosa da Igreja Católica e atende crianças, adolescentes e adultos.

O Centro atende cerca de 150 pessoas entre crianças, adolescentes e adultos. Diferentes motivos podem levar o adolescente a estudar ali: devido ao avançar da idade não foi possível ingressar em escola pública regular; muitos adolescentes vieram de outras províncias (estados) seja acompanhado de suas famílias ou para morar na casa de outros familiares na cidade de Maputo em busca de melhores condições de vida, ou ainda, em alguns casos, na promessa de acessar melhores escolas mas acabaram sendo destinados para trabalhos domésticos como responsabilidades com alimentação da família e cuidados cotidianos de crianças menores, impedindo assim de frequentar a escola. Os chamados “encarregados” são os responsáveis por alguns desses adolescentes e não tem o estudo como prioridade para eles. Somado a isso, a situação de vulnerabilidade social, a pobreza e a precarização dos serviços perpetuam a violação ao direito à educação.

É relevante destacar que as idas ao local de pesquisa eram realizadas de transporte público (“chapas”) e estava há aproximadamente 15 km do centro de Maputo. Inúmeras observações puderam ser feitas em função disso tais como as condições do transporte utilizado por muitos moçambicanos, a presença de muitas crianças e adolescentes transitando em terminais rodoviários tendo o trabalho infantil como uma realidade e em muitos casos sem responsável acompanhando. Em algumas conversas informais foi possível perceber que tinham menos de 14 anos, chegavam ao terminal por volta de 4h da manhã e estavam destinados a ficar no local durante todo dia.

Para melhor organização e apresentação da Inserção no Centro Social Flori, os dados serão apresentados considerando as datas das atividades:

Atividade: Início da Inserção Ecológica Centro Social Flori

Data:01/10/2024

Primeiro dia no Centro Social Flori destinado a conhecer a equipe diretora e pedagógica bem como os adolescentes que poderiam compor o estudo. Conheci os diferentes espaços tais como salas de aula, biblioteca, área de lazer e ainda a casa das Irmãs onde elas vivem e compartilham seu cotidiano. Conversei com a diretora do Centro para apresentar os objetivos

da pesquisa e obter anuência. O diretor pedagógico também estava presente neste dia e conversamos sobre a proposta do estudo.

Figura 1- Entrada principal do Centro Social Flori – Mahotas/Maputo



Fonte: A autora,2024

Figura 2- Área de Lazer do Centro Social Flori



(A autora,2024)

Figura 3- Campo de futebol



(A autora, 2024)

Atividade: Apresentação da pesquisa aos adolescentes

Datas: 07/10/2024 e 14/10/2024

Foi selecionada uma turma indicada pelo Diretor do Centro Social a qual era composta por adolescentes. Havia 13 adolescentes presentes neste dia e conversamos sobre os objetivos do estudo, sobre minha vivência no Brasil com adolescentes e eles também puderam fazer perguntas e esclarecer dúvidas. As interações eram sempre descontraídas e buscando estabelecer vínculo, que rapidamente foi construído. O tempo de permanência no Centro era de aproximadamente 2 horas.

Figura 4- Apresentação da pesquisa aos adolescentes



(A autora, 2024)

Figura 5- Sala de aula de adolescentes e adultos



(A autora, 2024)

Ao todo, 7 adolescentes aceitaram participar do estudo. Dentre os adolescentes que não aceitaram participar, alguns relataram não ter interesse ou ainda se mostraram desconfiados quanto à presença de uma pessoa estranha e a possibilidade de exposição. Depois desse primeiro contato, houve uma mudança parcial no método de aplicação das entrevistas para um melhor aproveitamento do diálogo com os adolescentes. Juntamente com a aluna que estava compondo a pesquisa comigo, decidimos por ajustar a metodologia. A proposta inicial era realizar as entrevistas individualmente, no entanto, foi observado que eles se sentiam mais à vontade com seus pares e sendo assim, um aprofundamento maior poderia ser obtido. Conforme apontam Koller, Morais e Paludo (2016) a Inserção Ecológica oportuniza a redefinição das ações do projeto de pesquisa, pois isso ocorre a partir da vivência da realidade pesquisada.

As entrevistas mostraram que o nível de espontaneidade dos adolescentes era facilmente observado e em vários momentos alguns deles disseram que não parecia uma entrevista e sim uma conversa. Alguns ressaltaram ainda que aquela estava sendo a primeira vez que tiveram a oportunidade de falar de si com alguém que realmente demonstrava interesse em ouvir.

Atividade: Aplicação das entrevistas

Datas: 14,18 e 28/10/2024; 11/11/2024

Os adolescentes se organizaram em duplas, realizando espontaneamente a escolha do seu par. Os procedimentos para aplicação foram mantidos em todas as entrevistas tais como: apresentação do objetivo do estudo, a estrutura das perguntas que estariam divididas em dois eixos, sendo o primeiro nomeado de perspectivas desenvolvimentais que pretendiam conhecer sobre a realidade de vida encontrada por eles em Moçambique, seus sonhos e desafios. Já o segundo eixo chamado de Consciência Histórica, pretendia se aproximar das questões acerca da identidade étnico-racial, os impactos da colonização no cotidiano e o conhecimento obtido por eles sobre sua cultura. O tempo de duração das entrevistas não ultrapassou 50 minutos, apresentando variações em cada dupla em função de aspectos tais como timidez e dificuldade em organizar e externar pensamentos. Essa questão é importante ser destacada pois muitos adolescentes apresentam dificuldades no processo de aprendizagem (informações do Centro Social Flori). Para lidar com essa dificuldade, uma linguagem simples e acessível era adotada, permitindo maior clareza na aplicação. Ao término de cada entrevista, todas as observações, impressões e afetos eram realizados com a aluna que integrava a equipe de pesquisa, possibilitando compreender fatores de vulnerabilidade e de potencialidades de cada adolescente (Figura 9).

Figura 6- Pós-entrevista com adolescentes participantes do estudo



(A autora, 2024)

Figura 7- Aplicação das entrevistas



(A autora, 2024)

Figura 8- Apresentação dos objetivos da pesquisa



(A autora, 2024)

Figura 9- Percepções das adolescentes pós-entrevista



(A autora, 2024)

Figura 10- Aluna do curso de Psicologia integrante da Equipe de Pesquisa



(A autora, 2024)

Atividade desenvolvida: Tradições, ludicidade e a socialização dos adolescentes moçambicanos

Data: 19/11/2024

Após finalizada a etapa da aplicação das entrevistas, sugeri ao grupo que pudéssemos vivenciar um encontro para que eles me apresentassem algo que fosse ligado aos costumes e à cultura moçambicana. A partir da interação surgiu a ideia de fazermos um dia de brincadeiras onde eles iriam me ensinar atividades que aprenderam desde a infância. Foi um momento de muita descontração, espontaneidade e fortalecimento de vínculo. O grupo estava muito conectado e disposto a me apresentar algo de sua cultura.

Algumas brincadeiras apresentavam semelhanças com jogos conhecidos no Brasil tais como o jogo neca (Figura 10) que se assemelha ao jogo chamado “amarelinha”; o jogo lencinho caiu na mão (Figura 11) que possui as mesmas regras do jogo corre cotia; e o jogo conhecido por maflexe (Figura 12) que apresenta semelhança com o jogo de pular elástico. Apresentaram ainda o jogo chamado balelo-balelo (Figura 13) que possui algumas cantigas na língua local (Xichangana, popularmente conhecido como Changana), é competitivo e garante diversão e entrosamento.

Figura 11- Interação lúdica através do jogo neca



Fonte: A autora (2024)

Figura 12- Interação lúdica através do jogo lencinho caiu na mão



Fonte: A autora (2024)

Figura 13- Interação lúdica através do jogo maflexe



Fonte: A autora (2024)

Figura 14- Interação lúdica através do jogo balelo-balelo



Fonte: A Autora (2024)

Durante as atividades desse dia, foi possível perceber que o brincar está presente no contexto de desenvolvimento de todos os adolescentes ali presentes. Em muitos momentos refleti sobre o direito ao lazer que muitas vezes lhes é negado em função do trabalho infantil e outras circunstâncias sociais. Importante enfatizar que a construção das atividades desse dia foi realizada pelos adolescentes e que a autonomia quando estimulada, produz movimentos significativos no ambiente.

Atividade desenvolvida: Uma experiência sobre o acolhimento africano

Data: 22/11/2024

Uma das possibilidades da Inserção Ecológica é a vivência da realidade encontrada no contexto a partir daquilo que emerge da interação. Não ter uma atividade específica programada é se desafiar a compreender a vida das pessoas conforme ela acontece e aí então, buscar perceber os fatores que estruturam essa experiência. Neste dia foi possível conhecer a história de algumas famílias e bebês que são atendidos pelo Centro Social Flori. Uma das atividades desempenhadas ali é o oferecimento de apoio afetivo e nutricional às famílias acompanhadas. Itens como leite e fraldas são doados para que as necessidades básicas das crianças sejam atendidas. A vulnerabilidade social atravessa a vida dessas pessoas e a precarização do acesso à saúde

perpetua esse cenário. Em alguns casos, crianças com HIV e/ou com histórico de gestação e nascimento permeados por muita instabilidade. Esse grupo é conduzido por uma das irmãs do Centro Social e me proporcionou um caloroso acolhimento através de uma música. Com palmas e sorrisos pude me sentir integrada e pertencente àquele espaço. A música foi cantada em um idioma local (changana) e dizia:

*“Ho-yo ho-yo
Ho-yo ho-yo
Ho-yo ho-yo hinhoxela aku tlhasa kawena
Mana Sandra hitamnhika yini?
Kumbe hitamutlhakula
Kumbe hitamubeleka
Hinhoxela aku tlhasa kawena.”*

*“Bem-vinda
Bem-vinda
Estamos felizes pela tua chegada
Mana Sandra o que te daremos?
Talvez vamos te levar no colo
Talvez vamos te carregar nas costas
Estamos felizes pela tua chegada (presença).”*

Refleti o quanto está presente na cultura moçambicana a musicalidade e as muitas formas de expressão de afeto, proteção e integração. Fui recebida como irmã e como parte das famílias ali presente.

Figura 15- Grupo de atendimento aos bebês e suas famílias



Fonte: A autora (2024)

Atividade desenvolvida: Musicalidade, identidade cultural e as experiências de Moçambique e Brasil.

Data: 03/12/2024

De maneira coletiva em conversa com os adolescentes, sugeri que fizéssemos um último encontro voltado para manifestações artísticas tais como a dança. Prontamente todos concordaram e me pediram para termos também um espaço para dançar música brasileira. Eles se dividiram em grupos e fizeram apresentações da dança conhecida como marrabenta. Segundo Amosse e Subuhana (2023) a marrabenta faz parte da identidade cultural moçambicana, tendo surgido na década de 30 e se popularizando nos anos 50. Surge no bairro da Mafalala, periferia de Maputo e provém da rebenta, que significa dançar em excesso. Os autores declaram ainda que a marrabenta “é um instrumento e uma arma de resistência que conseguiu conquistar espaços públicos desde a sua fase embrionária” (p.406).

Buscando oportunizar a expansão de conhecimento da música brasileira, a minha sugestão foi que dançássemos funk, dada a sua importância como manifestação cultural popular, por ser considerado patrimônio cultural do Rio de Janeiro e por ser a expressão de muitos adolescentes no Brasil, principalmente de jovens negros e periféricos. Além disso, a minha vivência com adolescentes no Brasil em projetos sociais sempre foi acompanhada pela presença desse gênero musical, sendo fonte de expressão corporal e fortalecimento da

identidade individual e coletiva. Todos os adolescentes já conhecem algum artista brasileiro ligado ao funk dado a difusão de muitas músicas através do aplicativo Tik Tok.

Finalizando o encontro, preparei uma lembrança para cada adolescente, entregando um envelope contendo uma foto onde todos do grupo estavam reunidos, seguindo de uma mensagem de agradecimento pelos potentes encontros e relações estabelecidas ali. A decisão de revelar uma foto onde estávamos felizes e empolgados partiu do meu incômodo acerca da forma como jovens negros são retratados em fotografias no Brasil, situações as quais muitas vezes reforçam um estereótipo negativo e de vulnerabilidade. Ao abrir o envelope todos ficaram muito eufóricos e alguns, de maneira espontânea, se levantaram e fizeram um discurso de agradecimento. Me chamando de “mana Sandra” disseram que essa experiência ficaria marcada em suas vidas para sempre.

Figura 16- Experiência cultural com a dança marrabenta



Fonte: A Autora (2024)

Figura 17- Encerramento das atividades com os adolescentes



Fonte: A Autora (2024)

7.2.2 Análise bioecológica dos dados coletados: o que dizem os adolescentes?

O projeto de pesquisa previa averiguar as potencialidades e desafios de ser um adolescente negro em desenvolvimento em uma cidade onde a identidade étnico-racial predominante é negra. Conhecer sua relação com a cultura, assimilação dos valores ancestrais, possibilidades de lazer, perspectivas na construção de futuro, entre outras questões relacionadas aos impactos da colonização na construção da identidade. As questões de pesquisa investigadas seriam: como o adolescente africano se percebe nesta fase do desenvolvimento? Quais são as grandes questões para eles nesta fase da vida?

Para compor a análise de tais questões, adotou-se o método da Inserção Ecológica que está embasada no modelo bioecológico do desenvolvimento e tem em sua estrutura quatro elementos de análise, a saber: Pessoa, Processo, Contexto e Tempo - modelo PPCT (CECCONELLO E KOLLER,2003; CECCONELLO,2003; BROFENBRENNER E CECI,1994). Segundo essa abordagem teórica:

“A ênfase não está nos processos psicológicos tradicionais da percepção, motivação, pensamento e aprendizagem, mas em seu conteúdo – o que é percebido, desejado, temido, pensado ou adquirido como conhecimento, e como a natureza desse material psicológico muda e função da exposição e interação de uma pessoa com o meio ambiente” (BRONFENBRENNER,1996, p. 9)

No que concerne às características da pessoa em desenvolvimento, sabe-se que estas são consideradas produtos e produtoras do desenvolvimento e que vão ser pensadas a partir dos processos que potencializam ou fragilizam essa construção (KOLLER, MORAIS E PALUDO, 2016). Assim, fatores como idade, raça e gênero devem ser analisados para compreensão dos resultados encontrados. Em Moçambique, existem 14.261.208 pessoas com idade entre 0-17 anos, as quais aproximadamente 3,7 milhões compreendem idade entre 12 e 17 anos (UNICEF, 2020).

Foram entrevistados 7 adolescentes, com idade entre 13 e 18 anos. Quanto a identidade racial, todos os adolescentes eram negros. Quanto ao gênero, 4 se identificaram sendo do gênero masculino e 3 do gênero feminino. A religião de todos os participantes é evangélica.

Quanto ao nível de escolarização, em Moçambique de acordo com a Lei 6/92 do Sistema Nacional de Educação (REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE, 1992) o ensino estrutura-se em ensino pré-escolar, ensino escolar e ensino extra escolar. É obrigatório o ensino para criança a partir dos 6 anos de idade. O Ensino escolar está dividido em (I) Ensino Primário (1ª a 7ª classe) e (II) Ensino Secundário (8ª a 12ª classe); (III) Ensino Técnico Profissional e (IV) Ensino Superior. Os adolescentes que ali estão apresentam atraso em relação ao ensino e estão cursando diferentes etapas que corresponderiam ao Ensino Primário. São alocados em turmas que estejam cursando classes equivalentes, sendo possível cursar duas classes no mesmo ano. Dados do Unicef (2020) mostram que em Moçambique 68% das crianças com idades entre os 12 e os 17 anos não concluíram o ensino primário e 26% das crianças com idades compreendidas entre os 5 e os 12 anos nem sequer frequentam a escola.

Conforme já mencionado, esse atraso se apresenta por inúmeros fatores presentes no contexto de desenvolvimento gerados pela vulnerabilidade social, afetando a presença de processos proximais que poderiam potencializar as características pessoais dos adolescentes.

No que concerne ao contexto de desenvolvimento, o microssistema se apresenta como sendo aquele onde os processos proximais vão ser efetivados e as relações face a face acontecem. Alguns fatores como a falta de diálogo e de autonomia atravessam diretamente as perspectivas dos adolescentes, tanto no ambiente familiar quanto no ambiente escolar, mostrando-se como um desafio, conforme apresentado nos relatos abaixo:

“Aqui não nos ouvem, só por ser criança. Nossos pais, pessoas lá fora não nos ouvem. É como aquilo que nós falamos, para eles já, ainda são crianças. Nós também pensamos, também analisamos alguma coisa, mas eles também não falam isso. A gente procura ser entendido, mas eles não nos ouvem” (ADOLESCENTE 1, 2024)

“Em casa, nos pais, ou em algum sítio onde nós estamos, com algumas pessoas mais velhas. Por que a decisão sempre tem que ser do mais velho? Por que que nós também não devemos dizer isso sim, podemos fazer isso? Sempre temos que dizer, temos que esperar aquele ali votar pra dizer se é isso ou não”
(ADOLESCENTE 2, 2024)

“Você nem pode viver à vontade, porque você tem que pensar que eu tenho que ser adulto, eu tenho que ter isso, tenho que fazer aquilo. É um peso sobre ti como adolescente” (ADOLESCENTE 3, 2024)

Já quando nós queremos opinar, não dão para nos opinar” (ADOLESCENTE 5, 2024)

Que ninguém se importa porque quando eu volto pra casa não perguntaste como é que foram as minhas aulas e como é que estudaste. Eu disse que gostaria de ser modelo, mas minha tia disse que não dá pra ser modelo. És muito gorda. És baixinha. Não vai fazer nada. Melhor procurar outra coisa (ADOLESCENTE 7, 2024)

Essa percepção dos adolescentes gera reflexões acerca da importância da participação ativa que eles poderiam ter na construção de perspectivas que se relacionam ao seu desenvolvimento. A experiência construída durante a minha pesquisa de doutorado mostra que o estímulo à autonomia fortalece a relação, potencializa o vínculo, melhorar o engajamento e participação do adolescente na atividade proposta.

É importante também destacar, conforme ressalta Brofenbrenner (1996), que a relação que essa família pode ter com o adolescente está diretamente ligada a fatores como a presença de estressores ambientais, falta de rede de apoio e acesso a políticas públicas. O relatório do Unicef (2020) enfatiza que a localização rural, o baixo nível de escolaridade dos pais e o tipo de emprego que estes possuem são os principais determinantes da pobreza infantil multidimensional. Além disso, o abandono escolar é uma realidade no sistema educacional, principalmente para meninas.

Apresentaram ainda outros desafios que atravessam o contexto de desenvolvimento e que fazem parte do seu cotidiano tais como violência e uso de substâncias:

“Falamos muito sobre os ladrões que roubam, mas nós ainda não paramos para pensar o porquê de roubar. Por que que a pessoa age desse jeito? Ainda não pensamos nisso. Só pensamos que aquele ali é maluco, aquele ali é isso. Mas ainda não paramos para pensar o porquê disso.” (ADOLESCENTE 1, 2024)

“Uma das causas que muitos jovens vêm se suicidarem porque a família não dá atenção, não tem tempo de conversar com ela.” (ADOLESCENTE 1, 2024)

“Por exemplo, eu tenho uma vizinha que os filhos têm medo dela, mas eu não acho isso bonito porque você tendo medo da tua mãe, você não vai ter, tipo, não vai se abrir com ela.” (ADOLESCENTE 2, 2024)

“Tipo, a vida aqui tá muito feia. Adolescente está agora no outro mundo, não gostam de estudar. Estão a fumar drogas. Eu gostaria de que aqui mudasse”
(ADOLESCENTE 4, 2024)

“Violação sexual também deveria não existir porque muitas pessoas morrem”
(ADOLESCENTE 3, 2024)

“Hoje já tive uma ação disso, que um dos meus amigos Ele estava no vício, ele bebia e fumava. Só que depois o que aconteceu? Ele teve um trauma e depois ele cometeu suicídio.” (ADOLESCENTE 5, 2024)

A presença no ambiente de símbolos, objetos e pessoas vai gerar processos de interação recíprocos que vão direcionar os resultados gerados no desenvolvimento. Na Teoria Bioecológica são conhecidos por processos proximais e segundo Brofenbrenner, a forma, força e conteúdo desses processos vão variar a depender do ambiente onde ocorrem, da realidade social e do momento histórico vivido, podendo gerar efeitos de competência ou disfunção. Dessa forma, a presença da violência e de substâncias psicoativas podem fragilizar o potencial de desenvolvimento dos adolescentes, afetando o pleno desenvolvimento.

Além disso, a infância e adolescência em Moçambique é diretamente afetada pelos fatores sociopolíticos presentes no macrossistema que integram a realidade do país. As privações vividas são profundas e cumulativas. Quase uma em cada duas crianças moçambicanas de 0–17 anos pode ser considerada pobre em termos multidimensionais. Existe carência de acesso à saúde, água, saneamento, higiene e nutrição. Essa realidade demonstra as inúmeras violações ao atendimento básico das necessidades das crianças e adolescentes e permite perceber os graves impactos no desenvolvimento e os déficits em Políticas Públicas (UNICEF,2020).

Acerca dos fatores que podem gerar competência, ou seja, aqueles que produzem conhecimento, habilidades e a capacidade para direcionar seu próprio comportamento, foi possível observar a presença de elementos geradores de motivação quando indagados acerca de suas preferências, atividades realizadas e seus sonhos:

Eu gostaria de ser uma médica que, quando eu atendesse os meus pacientes, sentisse aquele amor, como se fossem os meus filhos cuidarem da pessoa (ADOLESCENTE 1,2024)

Eu quero ser uma cantora profissional. E internacional. Então, eu quando era criança, eu via minha mãe cantar, então eu comecei a acompanhar e comecei a gostar muito de cantar (ADOLESCENTE 2,2024)

Eu gosto de estudar, trabalhar também. Músicas também, eu gosto de dançar. Meu sonho é estudar, ser militar (ADOLESCENTE 3, 2024)

Na verdade, eu gosto de estudar, trabalhar e jogar futebol. Meus sonhos são ser mecânico, engenheiro mecânico (ADOLESCENTE 4, 2024)

O meu sonho é de ser um jogador. Jogar fora dos países (ADOLESCENTE 5, 2024)

Meu sonho é de ser contabilista (ADOLESCENTE 6, 2024)

Além de conhecer aspectos desenvolvimentais dos adolescentes, a entrevista teve por objetivo compreender o conhecimento que possuíam acerca dos impactos da colonização na construção da identidade, o conhecimento obtido por eles acerca da cultura africana e de que maneira tais valores integram o contexto de desenvolvimento. Acerca da colonização, alguns adolescentes disseram conhecer brevemente por já ter aprendido algo na escola. Outro respondeu que nunca tinham ouvido falar:

Acho que dizem que a maioria dos prédios que tem lá foram os portugueses que construíram. Eles trouxeram que é a nossa cultura de falar, o nosso dialeto. Eles chegaram aqui, nos ensinaram a falar o português, mas tipo, nós não sabemos falar perfeitamente né?(ADOLESCENTE 2, 2024)

Uma das coisas que fez com a nossa cultura, com a nossa identidade. Tira aquilo que a gente já tem e coloca o que vem deles (ADOLESCENTE 3, 2024)

A minha parte, eu me lembro que tem um livro de ciências sociais, nós já lemos ali sobre colonização, que há muito tempo nós éramos escravos, nós portugueses. Que a colonização nós geramos como macacos (ADOLESCENTE 5, 2024)

Foi possível perceber que o contexto em que aprenderam algo sobre a colonização foi na escola mas não aprofundaram acerca dos impactos gerados na cultura e nos costumes. Algo que despertou minha atenção desde o início foi a afirmação de alguns moçambicanos adultos de que não existia racismo no país, uma vez que todas as pessoas eram negras. No entanto, conforme conversava com os adolescentes em encontros informais, surgia a narrativa de que quanto mais retinta era uma pessoa maior a ocorrência de situações de discriminação em função da sua cor da pele e cabelo. Kilomba (2019, p.236) diz que “a negação, portanto, protege o sujeito da ansiedade que certas informações causam quando são admitidas ao consciente”.

No que concerne às impressões por pertencer ao grupo étnico-racial declarado, todos disseram terem orgulho da sua pele e de ser quem são. Destaque para o relato da Adolescente 1:

“Eu, por exemplo, tenho orgulho de ser moçambicana, sim. Porque eu acho que a nossa cor de pele é bonita, nós somos lindos”

Foi desafiador para alguns adolescentes o reconhecimento de alguns elementos da cultura moçambicana como integrantes da construção da identidade, mas ainda assim indicaram alguns elementos que são estruturantes no ambiente de desenvolvimento:

“Na minha família, se você sai de casa antes de, tipo, lobolar ou apresentar, isso já é um problema. Ou seja, é uma coisa da família mesmo, que ninguém pode sair antes ou do casamento. E há muito tempo, eu quando era criança, eu pessoalmente gostava de apanhar matopi, fazer bonecas de matopi mesmo. (bonecas de barro)”
(ADOLESCENTE 1,2024)

“Por exemplo, essas coisas de tem um ritual de iniciação que os Maconde chamam de Mwali. Tipo, eu como já estou nessa fase da adolescência, então eu fico um mês trancada num quarto só trazem comida e se minha mãe liberar podem pôr uma televisão e se a minha mãe liberar vão me raspar todo o cabelo mas se ela não quiser podem não me raspar então tipo você fica ali trancada naquele quarto os 31 dias ou mesmo dois meses ou três te ensinam como é que você deve se comportar no lar e tem uma parte que eu acho estranho tipo por exemplo você não pode olhar diretamente na cara dos homens. E quando sai, tipo, eles fazem uma festa, mas uma festa muito grande. Compram roupas pra ti, te dão dinheiro. Compram muitas coisas, tipo, presentes, fazem uma festa. Danças, tipo, se quiseres, podes dançar uma dança”
(ADOLESCENTE 2,2024)

Uma das expectativas do estudo era que por estar em um país no continente africano, houvesse mais movimentos a nível educacional para compreender e mitigar os efeitos da colonização. No entanto, é possível perceber que as características da pessoa em desenvolvimento ali observadas estão acontecendo em um contexto em que a colonização permanece no cotidiano e continua a apagar e silenciar a identidade do africano. No microssistema escolar, uma adolescente relatou apenas a existência de aulas de dança como uma forma de conexão com a cultura local.

Com tudo, é importante destacar, conforme afirma Brofenbrenner (1996, p. 30) “na pesquisa ecológica, os principais efeitos provavelmente serão as interações”. Para além das entrevistas, foi possível construir vínculos com os adolescentes e tornar parte integrante do microssistema de cada participante. Quando perguntados acerca da experiência dos encontros, retratavam em suas narrativas satisfação e entusiasmo. O método da Inserção Ecológica proporcionou essa construção e atendeu ao critério da validade ecológica, sendo este caracterizado por estudos que são realizados no contexto de desenvolvimento do participante e onde as análises dos resultados é construída a partir da percepção deles.

Uma investigação acerca das práticas pedagógicas aplicadas no Centro Social Flori seria necessária para compreender outros elementos presentes no microssistema dos adolescentes que influenciam diretamente no seu processo de desenvolvimento. Entrevistar os professores permitiria compreender possibilidades e desafios encontrados naquele contexto. É importante registrar que conversas informais com algumas pessoas que trabalham com os adolescentes no Centro Social aconteceram e retratavam majoritariamente os desafios de manejar os impactos da vulnerabilidade social e o que em alguns casos nomeavam por “desinteresse dos adolescentes”.

Em muitos momentos, ainda que com algumas dificuldades inerentes à estrutura social e política que atravessa a percepção de algumas pessoas ali, tentei demonstrar que o comportamento do adolescente não pode ser compreendido fora do contexto que o produz e sendo assim, não se deve individualizar um problema que é coletivo.

As entrevistas e os encontros com os adolescentes evidenciaram que conforme a interação foi crescendo em complexidade, eles iam tomando consciência de fatores culturais ligados aos costumes de suas famílias e demonstravam mais repertório nos diálogos. Conclui-se dessa forma que quando há o direcionamento para buscar conhecer a própria história, uma motivação para vivenciar questões ligadas à própria identidade torna-se uma atividade prazerosa.

7.2.2. A formação em Psicologia: resquícios da colonialidade e modos de resistência

No presente tópico serão apresentados os resultados das entrevistas realizadas com os discentes e docentes de Psicologia. Acerca das entrevistas com os discentes, pretendia-se conhecer a trajetória acadêmica no que concerne às principais epistemologias aprendidas, os desafios teóricos-metodológicos sobre os campos de atuação bem como a influência sociocultural na formação. Já com os docentes pretendia-se conhecer a prática daqueles que ministraram disciplinas relacionadas ao campo da infância e adolescência, métodos de pesquisa e intervenção, relações familiares e comunitárias e epistemologias africanas na atuação do Psicólogo.

A experiência enquanto docente do curso de Psicologia no Brasil tem sido permeada por esforços contínuos por inserir debates que questionam a produção de conhecimento eurocêntrica e possibilitam a construção de perspectivas afrocentradas na formação dos alunos.

Um desafio diário, pois, o racismo encontra estratégias de aprimoramento de sua manutenção e a colonização se atualiza no contexto pedagógico.

Em Moçambique, a Universidade Eduardo Mondlane é referência no país e foi fundada em 1962. O Curso de Licenciatura em Psicologia está ligado à Faculdade de Educação e possibilita ao aluno a escolha em três ênfases: Psicologia Escolar e de Necessidades Educativas Especiais, Psicologia Social e Comunitária ou Psicologia das Organizações, tendo duração de 4 anos.

Dentre as diferentes disciplinas ofertadas pelo curso, aquela identificada por Perspectivas Africanas dos Fenômenos Psicológicos, ofertada no 4º ano do curso era o principal alvo a ser estudado durante o semestre, tendo por hipótese que esta traria diálogos acerca da afrocentricidade como uma estratégia de compreensão do conceito de saúde mental dos moçambicanos e através dessa vivência pudesse contribuir para um olhar para questões psicológicas dos negros em diáspora.

O Plano Analítico da disciplina previa que esta é caracterizada por focalizar-se nas interpretações que os africanos fazem dos fenômenos psicológicos, conforme as suas histórias, culturas, organizações sociais e dinâmicas do desenvolvimento socioeconômico. Contudo, esse foco procura conjugá-las com as concepções ocidentais e atuais, no sentido de promover intervenções holísticas e realísticas em casos concretos.

Na construção do projeto, o interesse principal em entrevistar discentes e docentes do curso converge em direção a uma questão principal: como a afrocentricidade é trabalhada no campo da construção do conhecimento no curso de Psicologia? Havia assim uma expectativa de que em diferentes momentos da formação o curso realizasse tanto de forma teórica (através da diversidade epistemológica), quanto de forma prática atividades que estivessem ligadas à construção de uma Psicologia Afrocentrada.

Assim, foram entrevistadas 3 alunas do curso de Psicologia e os dados sociodemográficos encontram-se na Tabela 1. A seleção das alunas priorizou que estivessem cursando diferentes períodos do curso e que sua naturalidade fosse de províncias diferentes (localizadas ao norte, centro ou sul). Esse critério foi adotado após conversa com a aluna integrante da equipe de pesquisa que sugeriu essa seleção para que observássemos possíveis semelhanças e diferenças nas narrativas. A estudante 2 apesar de ter nascido em Maputo (uma província do Sul), viveu boa parte da infância e adolescência na província de Tete (centro do país) e a estudante 3 viveu na província de Nampula (ao norte).

DADOS	Estudante 1	Estudante 2	Estudante 3
Idade	19 anos	20 anos	22 anos
Raça	Negra	Negra	Negra
Sexo	Feminino	Feminino	Feminino
Naturalidade	Maputo	Maputo	Maputo
Período	2º ano	4º	3º
Ênfase do curso	Psicologia das Organizações	Psicologia Social e Comunitária	Psicologia Social e Comunitária

Tabela 1: Dados sociodemográficos dos discentes entrevistados do curso de Psicologia (A autora,2024)

No que concerne ao corpo docente, foram entrevistados dois professores conforme dados da Tabela 2. Conforme dados informados pela secretária do curso de Psicologia, hoje existe um total de 30 docentes compondo o quadro de professores (sendo 26 em tempo integral e 4 em tempo parcial).

DADOS	DOCENTE 1	DOCENTE 2
Idade	47 anos	41 anos
Raça	Negra	Negra
Formação:	Formado há 20 anos pela Universidade Pedagógica	Formada há 17 anos pela Universidade Eduardo Mondlane
Tempo de instituição:	14 anos	15 anos
Área de atuação	Psicologia Escolar / Atual coordenador do curso	Docente da disciplina de Perspectivas africanas dos fenômenos psicológicos

Tabela 2: Dados sociodemográficos dos docentes do curso de Psicologia (A autora,2024)

As discussões apresentadas integram os dados coletados tanto com os discentes, quanto com os docentes entrevistados. A análise dos dados foi construída a partir de leituras trabalhadas ao longo da disciplina de Perspectivas Africanas dos Fenômenos Psicológicos e principalmente do livro Afrocentricidade, do filósofo moçambicano Ergimino Pedro Mucale (2023), indicado pela docente da disciplina acima mencionada e que contribuiu para a construção de diálogos importantes acerca da temática estudada neste projeto de pesquisa. E ainda, considerando o modelo bioecológico do desenvolvimento, serão enfatizados os núcleos

do contexto e quais os reflexos são gerados nas características da pessoa (BROFENBRENNER E CECI,1994).

A partir das entrevistas e da Inserção em diferentes contextos com conversas informais com alunos do curso de Psicologia, buscou-se refletir sobre os efeitos da colonização na formação dos psicólogos e os desafios metodológicos a nível acadêmico que contribuem para o apagamento epistemológico afrocentrado.

7.2.3. Opressão colonial, identidade e os desafios para preservação do ser africano

O percurso em busca do estabelecimento de uma compreensão acerca do conceito de identidade é demasiadamente complexo quando a pessoa negra está sob foco de análise. Sendo a Psicologia uma produtora de conhecimento acerca da subjetividade humana, é crucial compreender de que forma esta contempla as mais diversas identidades existentes ou ao contrário, contribui para a manutenção de dispositivos sociais racistas. Nobles (2009, p.278) afirma que “a razão de ser da psicologia ocidental como disciplina se resume, em grande medida, a alimentar e sancionar o regime político imperialista e racista que a inventou”. Assim, o autor critica de forma veemente a importação de uma visão eurocêntrica para explicar os fenômenos vivenciados em África e as lacunas existentes na compreensão da identidade do africano.

Mucale (2023) retrata em sua trajetória acadêmica enquanto africano moçambicano, que seu maior empreendimento é debater sobre o conceito de afrocentricidade como um paradigma libertador e crítico do paradigma eurocêntrico. Ressalta a urgência da retomada da centralidade africana como campo de estudos e principalmente no currículo de formação acadêmica do ensino superior em Moçambique.

Apresenta que o conceito de afrocentricidade surge em meados da década de 60 através dos estudos de Molefi Kete Asante, renomado professor da América Negra. Em definição, afrocentridade significa “colocar os ideais africanos no centro de toda e qualquer análise que envolva a cultura e o comportamento africanos” (MUCALE, 2023, P.28).

Essa ação necessita de um importante exercício: diferenciar a afrocentricidade de africanidade. A africanidade “transmite identidade e ser; refere-se na sua generalidade a todos os costumes, tradições e traços de caráter do povo africano, tanto no Continente como na diáspora” (p.29). Isso significa que a africanidade irá transmitir as características da identidade africana. No entanto, como adverte Mucale (2023,p.30) “A Africanidade não implica

necessariamente a Afrocentricidade. Isto é, um fato é ter nascido em África ou descende de africanos, outra é centrar em África e no seu povo todas as formas de existência, teoria e ação”.

Assim, ao entrevistar as discentes, foi possível perceber algumas nuances acerca de que maneira a colonização contribui para o apagamento da afrocentricidade e consequentemente a não compreensão da africanidade e seus desdobramentos no contexto de atuação:

“Não consigo falar nada mesmo, se for pra escola, eu pergunto, fala alguma coisa de África para aqueles estudantes que não vão te dizer nada, mas pergunta sobre a Segunda Guerra Mundial. Nós sabemos que teve colonialismo, colonialismo fez isso, fez aquilo, mas no que afetou a nossa identidade. Mas nós sabemos da colonização num aspecto superficial. Não do que isso afetou na identidade, do africano, do moçambicano. Então, eu achei interessante você falar essa relação do impacto da colonização na identidade.” (ESTUDANTE 1,2024)

“Estudarmos perspectivas africanas dos fenômenos psicológicos, como disciplina, e foi necessariamente ali que começamos a ver. Aí que comecei a estudar a psicologia africana como propriedade. Porque antes nunca fui necessariamente a estudar psicologia africana. Tem o fato de mulheres usarem frequentemente a perucas ou usarem roupas muito ocidentais e não abraçarem muito mais a nossa cultura africana em si. Mas ao decorrer da disciplina fui compreendendo novas maneiras de ver esse fenômeno. Porque a disciplina nos obriga a olhar um bocadinho mais para nós. E agora eu acho que eu acabo ao tomar algumas decisões tendo sempre olhado para esse lado. Será que vai de acordo com a minha cultura?” (ESTUDANTE 2,2024)

“Ah, os impactos na saúde mental e na identidade das pessoas. Ainda não, não.” (ESTUDANTE 3,2024)

O discurso das alunas entrevistadas e ainda de conversas informais com outros estudantes era de que pouco se sabia acerca dos efeitos da colonização na identidade. Os alunos vão ter contato com a disciplina de Perspectivas Africanas dos Fenômenos Psicológicos no último ano de formação e evidentemente possuem pouca articulação acerca dos impactos do desenraizamento provocado pelo apagamento histórico. Retratavam com isso que em muitos momentos, ao realizar alguma atividade prática em seus contextos, diziam que as teorias aprendidas não explicavam situações vivenciadas pela população.

Um dos docentes entrevistados oferece uma reflexão profunda sobre o colonialismo, os impactos da escravização dos africanos, mas principalmente sobre a urgência de uma revisão acerca da descentralização da afrocentricidade na formação acadêmica vivenciada na realidade atual:

Fomos obrigados, fomos ensinados a nos negarmos para sermos pessoas. Que tudo que nós éramos, toda a nossa essência não era de pessoas. E para sermos pessoas, tínhamos que nos negar e vestir a capa da cultura do outro, sermos o outro para sermos pessoas.
É que, quando falamos das perspectivas africanas dos fenómenos psicológicos, nós falamos do contexto, quais são as significações da realidade que os povos africanos e moçambicanos dão e que movem os seus comportamentos, que movem o seu ser-estar e que esse mover pode criar essas significações, essas interpretações podem criar sofrimento, assim como podem ser bons aliados para promover o bem-estar. A disciplina tem um desafio muito grande dentro da própria faculdade, do próprio departamento, do próprio curso.
 (DOCENTE 2,2024)

Ao compartilhar os desafios da manutenção da disciplina que, inclusive, passa nesse momento por mudanças estruturais significativamente negativas tais como redução da carga horária, a docente ratifica os desafios encontrados na realidade brasileira acerca da inserção e manutenção dos estudos afrocentrados. Mucale (2023, p.22) condena esse movimento advertindo que “muitos povos outrora colonizados política, econômica, ideológica, cultural e socialmente pelo Ocidente sofreram hoje, uma neocolonização, principalmente, da mente e das mais distintas áreas da sua manifestação”.

Uma declaração do docente 1 permite diferentes análises a partir do exposto acima:

Não sinto a existência tanto desse fator como limitante da abordagem de qualquer teoria da psicologia. Agora, o processo histórico do país como um dado, não podemos dispensarmos dele. E isso é grandemente abordado em outros livros, em outros cursos. Nós apenas pegamos isso simplesmente para contextualizar. Os clássicos de psicologia mexem com tudo lá, mas não temos de forma muito profunda a abordagem das identidades. A verdade é que são regiões, no Norte, Sul e Centro. Essas pessoas convivem naturalmente. Há diferenças, sim, mas não são diferenças que até costumam um problema científico, um problema científico ao ponto de perturbar a funcionalidade da sociedade como está. Mas não são problemas que se traduzem grandemente em algo que perturba a funcionalidade de uma sociedade. Não temos tantos relatos de transição, de afastamento, por conta de pertencer a esta ou aquela etnia.
 (DOCENTE 1,2024)

No relato acima, uma reflexão acerca da não identificação dos efeitos do colonialismo na identidade e logo, dá pouca ênfase dada durante a formação do discente sobre essa temática possibilita refletir sobre as marcas ainda presentes do paradigma eurocêntrico na academia. Fanon (2020, p.26) manifesta que “somente haverá desalienação genuína na medida em que as coisas, no sentido mais materialista possível, tiverem voltado ao seu lugar”.

Mas para que voltem ao seu lugar, é fundamental o reconhecimento de que algo está errado e nesse caso, na minha percepção, foi assustador e revelador não perceber durante o

período de inserção o paradigma afrocentrado como campo de estudos na formação em Psicologia. Acerca desse impacto, a docente 2 discorre que:

“Então, não se fala assim em palavras, em palavras nós estamos libertos, nós nos libertamos do colono, mas se tu for já ver o nosso dia a dia, tu vais perceber essas dinâmicas, o que é nosso nós não valorizamos”

Essa invisibilidade pode ser compreendida através de diferentes lentes de análise e como Kilomba (2019) assegura “o colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada”. Sem os cuidados intensos que suas marcas demandam, corre-se o risco de manutenção e atualização de sua existência.

Na narrativa das estudantes e da docente entrevistada, impactos tais como a negação do ser africano, não reconhecimento de sua cultura e discriminação racial se fazem presentes:

“Então foi na escola, acho que era no tempo de Covid, tinha que passar daquela mesa dos professores para desinfetar e tudo mais. Primeiro havia passado uma outra colega que estava afro também, só que o cabelo dela era ideal nesse caso, né? O cabelo dela tinha cachos, então ela também não penteou, eu também não penteei nesse dia, só desmanchei. Então ela já havia passado. Depois, quando a minha vez, ele disse, já esse cabelo não prendeste por quê? Ei, professor, por que que não falou com aquela pessoa? Qual é a diferença do meu cabelo e o cabelo daquela colega que acaba de passar? E ele acabou por não falar nada. Sim, vim desse lugar, que é tudo aquilo, quanto mais parecido com o branco, mais bonito é.” (ESTUDANTE 1, 2024)

E também teve a questão do bullying. Eu sofri bullying porque eu vinha de uma outra região.

Como eu vivi muitos anos na Zona Centro. Tinha um sotaque diferente. Então as pessoas não olhavam para mim como olhavam para os colegas normais. Faziam piadas com a minha voz, o meu sotaque, e com a minha aparência. Porque normalmente, sei lá, uma coisa que eu percebia, é que as meninas aí ganham uma puta, punham mechas e tal. Mas eu ficava de cabelo, traçava cabelo. Mas eu não achei que fosse uma coisa estranha. Eu acho que eles estavam sempre procurando motivos para me fazer sentir mal comigo mesma (ESTUDANTE 2, 2024)

“Até em questões do fenótipo nosso. Acredita que tem pessoas que mensalmente vão a África do Sul pra ir aplicar uma injeção pra ter uma cor clara. Tem umas pomadas por aqui, são tantas, que aplicam para topear a pele. Só que as pomadas têm uma coisa, elas não clareiam toda a pele. Há umas que você encontra com uma cor bem clara, mas as mãos são super escuras. Então, isso fez com que as tecnologias para isso evoluíssem”(DOCENTE 2, 2024)

Essa violência sofrida e tão presente na memória das estudantes revela o quão perverso é o projeto colonial que tem em sua arquitetura o ódio pelo negro e consequentemente a incontestável negação de sua existência e assim “ a civilização branca e a cultura europeia impuseram ao negro um desvio existencial” (FANON, 2020, P.27). Um desvio profundo que o

leva a recorrer a estratégias como a mudança do seu fenótipo e acerca disso Fanon já denunciava desde a década de 50: “já faz alguns anos que laboratórios tentam descobrir uma poção de desnegritização”.

Nobles (2009) compara esse processo vivido pelo negro ao movimento de um trem que ao sair dos trilhos, ainda continua se deslocando, sem rumo e ele denomina esse processo de *descarrilhamento* e enfatiza que o “descarrilhamento cultural do povo africano é difícil de detectar porque a vida e a experiência continuam e as pessoas acham difícil perceber que estão fora de sua trajetória de desenvolvimento” (p.284). Alguns relatos das entrevistadas mostram esse processo de maneira contundente:

“Eu cresci dizendo que no princípio não podia falar a minha língua. Em todas as nossas culturas, falar a língua local, você levava umas palmadas. Tinha que falar português, que é a língua oficial, mas o português é a língua oficial, é a língua do colono. Mas sim, você tinha que fazer isso porque isso é que era ser gente, ser importante” (DOCENTE 2, 2024)

“Tem pais que tem agora de dizer que eu não vou ensinar os meus filhos o changana, que é a nossa língua local daqui, porque changana é coisa de malandro, é coisa de pessoas que não têm escolarização. Já associada ao marginal?” (ESTUDANTE 1,2024)

As consequências psicológicas segundo Nobles (2009, p288) causam desordens na personalidade do africano e ele menciona a primeira “seria a desordem do ego alienado, comportando-se contrário a própria natureza; a segunda a desordem do ser contra si mesmo onde o indivíduo expressa hostilidade aberta contra si ou contra o grupo; e a terceira desordem seria a autodestrutiva onde as pessoas se envolvem em fugas destrutivas da realidade como uso abusivo de substâncias”.

E quais seriam então as perspectivas possíveis? Como a Psicologia poderia contribuir para que a realidade moçambicana tenha novas possibilidades? Nas narrativas das três estudantes surge uma percepção de que é fundamental que o psicólogo esteja na escola para que possa dar suporte aos alunos e compreender suas necessidades desde cedo e isso corrobora com a fala dos adolescentes que dizem ter necessidade de serem escutados e terem esse espaço. E é importante destacar conforme a discente declara:

“Eu sou da opinião que um grupo ou um indivíduo, eu sozinha não posso fazer nada. Porque eu sou de opinião que tem que ser uma política pública. Tem que vir do ministério, como eu já havia dito, nós não aprendemos nada daqui. E não começa na universidade, começa lá atrás” (ESTUDANTE 1,2024)

Investir no processo de descolonização da educação é um caminho pois “um dos males da educação colonial é o de ter eliminado o diálogo entre educador e educandos, de ter

objetivado os educandos ora tornados recipientes onde se depositava conhecimento” (MUCALE,2023, P.192). Assim seria possível uma modificação na estrutura para tratar as marcas intelectuais, culturais e psicológicas do paradigma eurocêntrico pois como diz o autor, a afrocentricidade nasce com um propósito libertador.

As entrevistas realizadas com os docentes e com as discentes contribuíram para reconhecer qual o (não) lugar da afrocentricidade na formação acadêmica, os desafios epistemológicos com o apagamento histórico que acompanha todo o processo educacional ainda nas séries iniciais. Acredito que o maior desafio agora é conduzir a produção do conhecimento visando maior oportunidade de inserção de perspectivas que retratam o africano como o foco dos estudos e a compreensão de suas necessidades socioemocionais. Lutar contra o embranquecimento da população africana em África e dos negros em diáspora é uma tentativa de devolução de algo fundamental na existência humana: sua identidade.

Através desses diálogos, foi possível perceber o quanto o paradigma da afrocentricidade está longe da centralidade vivencial e acadêmica dos alunos e que, assim como no Brasil, muitos avanços são necessários. Tais avanços seriam possíveis através de maior investimento em pesquisa e estímulo aos docentes para desenvolver projetos de extensão, no entanto, hoje na universidade essa prática não acontece e por questões sociopolíticas há muita dificuldade em executar um projeto nessa direção.

E quanto aos futuros psicólogos, é importante prepará-los para tratar os danos sociais, psíquicos e estruturais decorrentes desse processo tendo por “objetivo a reprodução e o refinamento do que há de melhor na africanidade” (NOBLES, 2009, P.291).

Importante salientar que Moçambique é um país com diferentes instituições de ensino superior públicas e privadas. As discussões apresentadas aqui retratam a percepção dos participantes e referem-se ao contexto da Universidade Eduardo Mondlane. Para pesquisas futuras seria interessante ampliar o escopo de estudo para universidades em diferentes regiões do país e realizar assim um comparativo no que concerne à visibilidade dada a afrocentricidade.

7.3. A produção de conhecimento Brasil x Moçambique

Participação em Evento Científico: Entre os dias 18,19 e 20 de setembro de 2024 pude participar do IV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação, III Encontro Nacional de Pesquisa em Psicologia e II Simpósio em Desenvolvimento e Educação de Infância. Com o lema “**Educação, Psicologia e Primeira Infância: Resiliência às Mudanças Climáticas e**

Conflito Político-militares”, o evento reuniu profissionais de diferentes áreas de atuação com interesse ligado ao desenvolvimento científico do conhecimento em Moçambique e em outros países. Foi realizado de forma presencial mas contou também com a participação híbrida de alguns pesquisadores.

Apresentei três trabalhos que fazem parte dos estudos de mestrado e doutorado, contemplando o período de 2018 a 2024:

- (I) **O racismo como fator de risco para saúde mental de crianças negras no Brasil:** este estudo é um recorte da pesquisa de campo de mestrado da que apresentava como objetivo a elaboração de um Programa de Intervenção para crianças em vulnerabilidade social
- (II) **Métodos de avaliação para intervenção em contextos socialmente vulneráveis:** objetivou-se apresentar o método da Inserção Ecológica como proposta para investigação e intervenção para crianças e adolescentes que vivem em situação de vulnerabilidade social.
- (III) **Programa Ginga- a extensão universitária como enfrentamento a invisibilidade epistemológica afrocentrada no ensino superior:** O presente trabalho descreveu a minha experiência didático-pedagógica enquanto docente no curso de Psicologia do Centro Universitário Geraldo Di Biase/Volta Redonda/RJ. Foi elaborado um projeto de extensão denominado Ginga, que teve por objetivo desenvolver ações de combate ao racismo nas escolas e apoio à diversidade étnico-racial na adolescência.

Figura 18- Apresentação das pesquisas desenvolvidas no Brasil



Fonte: A autora (2024)

Figura 19- Encerramento do evento com recebimento de certificado



Fonte: A autora (2024)

Foi enriquecedor poder participar desse evento, compartilhando das experiências adquiridas no Brasil. Além da experiência acadêmica, apresentações culturais com artistas locais fizeram parte do roteiro de atividades contribuindo para uma maior integração entre os participantes. Foi possível realizar network e ampliar a rede de contatos em Moçambique.

7.3.1. Contribuições para formação dos discentes em Psicologia da Universidade Eduardo Mondlane

No dia 11/09/2024 a convite do coordenador do curso de Psicologia, ministrei uma apresentação sobre minha trajetória acadêmica e as pesquisas desenvolvidas no Brasil até o presente momento. A apresentação foi para as duas turmas do último ano do curso de Psicologia e foi possível divulgar sobre Métodos de pesquisa em contextos naturais, enfatizando a importância da vivência do contexto pelo pesquisador e a relevância dessa metodologia para criação e fortalecimento de vínculo com a comunidade.

Além disso, ressalttei sobre o desenvolvimento de adolescentes negros no Brasil, destacando os impactos do racismo e os efeitos do racismo estrutural na saúde mental. Enfatizei

ainda que a partir dessa relação foi possível construir um Programa de combate ao racismo para adolescentes chamado Ginga, tendo sido esse o principal produto da minha tese. Compartilhei sobre a oportunidade de ter sido contemplada com uma bolsa de estudos do Ministério de Igualdade racial e CNPq no primeiro edital Atlânticas destinado a mulheres negras, quilombolas e ciganas. Pude transmitir a importância dessa Política Pública no país, o que despertou o interesse e curiosidade de muitos estudantes.

A partir desse encontro, os estudantes se organizaram e de maneira coletiva solicitaram que eu pudesse retornar em outro momento e realizar uma formação em Terapia Cognitivo Comportamental, que é minha área de especialização clínica). Na formação acadêmica da UEM os estudantes não possuem aprofundamento teórico/prático sobre o manejo clínico de pacientes. Dessa forma, no dia 19/11/2024 realizei uma aula sobre aspectos históricos da Terapia Cognitivo Comportamental, a importância da relação terapêutica, avaliação e planejamento do tratamento e técnicas para manejo da clínica. Compartilhei alguns materiais para uso posterior pelos alunos e recebi excelentes feedbacks sobre essa atividade. Foi gratificante poder contribuir com a formação acadêmica dos alunos e fortalecer relações com eles.

Figura 20- Discentes do 4º ano de Psicologia da UEM –Turma 1



Fonte: A autora (2024)

Figura 21- Discentes do 4º ano de Psicologia da UEM – Turma 2



Fonte: A autora (2024)

7.3.2. Percepções sobre a Disciplina Perspectivas Africanas dos Fenômenos Psicológicos

Iniciei a participação como aluna ouvinte na disciplina de Perspectivas africanas dos fenômenos psicológicos em 23/09/2024. As aulas aconteciam Terças e Quintas das 18:00 às 19:30 de forma presencial e online. A dinâmica proposta pela docente era de que as temáticas seriam apresentadas pelos alunos que divididos em grupos, fariam a explanação da temática sugerida para o dia.

Os temas contemplados foram diversos, entre eles: Medicina tradicional, biodiversidade e conhecimentos rivais em Moçambique; O Tratamento de Traumatismo de Crianças Soldados em Moçambique; Medicina tradicional em Moçambique e Brasil; Interpretação dos Sonhos, Violência doméstica e o papel das crenças culturais na ocorrência e persistência na perspectiva das vítimas e agressões: um estudo fenômeno; a formação dos *Tinyangas*, sua Tipologia e Missão no contexto Africano.

Além de artigos científicos, foi proposta a leitura do livro “Na mão de Deus” de Paulina Chiziane, que trouxe inúmeras reflexões acerca da importância do contexto cultural no tratamento das psicopatologias e a atuação interdisciplinar visando o melhor cuidado com a saúde mental. O livro possibilita uma discussão entre o conhecimento científico e o mundo espiritual, reconhecendo as perspectivas envolvidas no relato de uma paciente que transita entre os mais diversos serviços de saúde em busca de respostas para identificar sintomas de

esquizofrenia ou manifestações mediúnicas a partir do seu contexto cultural e religioso (CHIZIANE,2016).

A primeira reflexão a ser feita acerca da disciplina é a importância para construção da Psicologia a existência de perspectivas afrocentradas para compreensão da pessoa negra. Nessa perspectiva, ter boa saúde é sinônimo de harmonia dos seres humanos com meio ambiente, com seus antepassados, com seus familiares, vizinhos e das relações comunitárias estabelecidas.

O conhecimento ancestral que através da oralidade encontra na medicina tradicional formas de cuidado com o povo africano (e que ainda hoje cerca de 60% das pessoas são tratadas com medicina tradicional). Os inúmeros rituais que fundem autocuidado com preservação histórica e cultural como por exemplo o ritual conhecido por kuphalha, que é a evocação dos antepassados familiares para decisões importantes tais como dar o nome a criança recém-nascida, busca por um novo emprego ou ainda para questões de saúde e proteção (DE ASSIS ET AL.,2018)

Na perspectiva africana, as pessoas que morrem continuam no local em que viveram com suas famílias e devem proteger e orientar os vivos. Assim, a morte não cessa a existência nem tampouco a remete para qualquer outro mundo. Dessa maneira, o conceito de cura é compreendido através da interação entre cultura, e espiritualidade e está ligado a rituais, danças e cantos.

Um dos mais danosos impactos da colonização na saúde mental da pessoa negra foi a demonização de todas as práticas de cuidado que esse povo já vivencia e a imposição de uma visão ocidental/ individualizante de cuidado, resultando na tentativa de apagamento histórico do africano e que ainda está presente tanto em Moçambique quanto na realidade brasileira.

A noção de que passado, presente e futuro são conectados e que uma pessoa necessita de outras para manutenção da sua sobrevivência é uma perspectiva africana apagada pelo colonialismo e pelo paradigma eurocêntrico. Sem dúvidas uma tática de dominação que surte efeitos na contemporaneidade.

Outro ponto a ser destacado é que a disciplina vem sofrendo modificações significativas em sua estrutura e questionamentos acerca da sua continuidade tem gerado debates importantes no corpo docente da universidade. A docente relata que é um desafio manter essa pauta e que o processo de descolonização é solitário e por muitas vezes árduo.

Tomar conhecimento dessa realidade foi impactante e frustrante para mim como pesquisadora pois uma das expectativas da pesquisa era vivenciar o processo decolonial em território africano e no entanto, a possibilidade de tratar as feridas coloniais no território acadêmico é escassa.

Contudo foi muito satisfatória a experiência e os conhecimentos adquiridos. Ter participado das aulas tendo a afrocentricidade como ponto central das discussões me permitiu experimentar outras formas de fazer Psicologia e me impulsionou a auxiliar na continuidade desse movimento no contexto brasileiro.

7.3.3. Outras vivências acadêmicas no contexto moçambicano

Através da rede de contatos criada em Moçambique, pude participar de outras atividades acadêmicas que foram de muito aprendizado e enriquecimento, com temas ligados à pesquisa e aos estudos da Psicologia de maneira geral.

Estive presente em duas apresentações de monografia de estudantes do curso de Psicologia: (I) Análise dos Fatores Psicossocial que influenciam a denúncia tardia dos casos de violência sexual contra crianças na Cidade de Maputo-Autora: Zandia Majope (Figura 21) e (II) Autoestima e sintomatologia psicopatológica em adolescentes pré-universitários utilizadores de redes sociais- Autor: Matias Armando Guizale (Figura 22). A autora do primeiro trabalho é integrante da equipe de pesquisa deste estudo.

Figura 22- Apresentação de Monografia aluna Zandia Majope



Fonte: A autora (2024)

Figura 23- Apresentação de Monografia aluno Matia Armando



Fonte: A autora (2024)

Também foi possível participar de um evento organizado pelo curso de Psicologia em alusão ao mês de prevenção ao suicídio com o lema: “mente sã, corpo são, vida sã. Eu importo!” e contou com a participação de diversos estudantes e profissionais da área da saúde mental. Algumas rodas de conversa foram realizadas e pude auxiliar na realização de um diálogo sobre os desafios para manejo da saúde mental dos estudantes.

Figura 24- Evento sobre saúde mental e prevenção ao suicídio



Fomte: A autora (2024)

7.4. Vivências comunitárias e o fortalecimento da identidade afro-brasileira

A busca por atividades que envolvessem a cultura africana estava no meu radar de buscas e interesse desde a chegada em Moçambique. Durante a apresentação da minha pesquisa para a turma do último ano de Psicologia, mencionei que tive a oportunidade de conhecer a capoeira Angola no Brasil e que gostaria de vivenciar uma roda de capoeira em Moçambique. O aluno Amilson prontamente se colocou à disposição me convidando para conhecer a escola de capoeira a qual fazia parte.

Assim conheci o mestre Pintinhas e a Associação de Capoeira Libertação que vem desenvolvendo um trabalho de resistência e fortalecimento da identidade africana e diaspórica. Segundo o mestre trata-se de “uma organização comprometida com a preservação e o desenvolvimento da capoeira como expressão cultural, arte marcial e veículo de transformação social”. A associação nasceu da união de mestres, professores e praticantes apaixonados pela capoeira, que juntos acreditam no poder transformador desta arte ancestral. Dedicam-se não apenas ao ensino da capoeira, mas também à valorização de suas raízes afro-brasileiras e ao fortalecimento dos valores de respeito, disciplina e liberdade que ela representa. Os objetivos são: preservação da tradição, desenvolvimento cultural e impacto comunitário”. A escola de capoeira vem desenvolvendo um trabalho junto a crianças, adolescentes e jovens com um espaço de fortalecimento comunitário, da autoestima e possibilitando o enfrentamento aos efeitos da vulnerabilidade social.

No dia 24/11/2024 a convite do mestre Pintinhas, participei de uma roda de conversa com os alunos da escola em um evento pensado para refletirmos sobre o Dia da Consciência Negra comemorado em 20/11/2024 no Brasil. O evento integrou uma semana de atividades propostas pela escola que buscou promover o conhecimento, a resistência e o fortalecimento da identidade negra no Brasil. Foi um momento de muito aprendizado e uma excelente oportunidade para difundir minha experiência e vivenciar a cultura africana.

Figura 25- Vivência na Associação de Capoeira Libertação



Fonte: A Autora (2024)

Figura 26- Membros da Associação de Capoeira Libertação



Fonte: A autora (2024)

Figura 27 Encerramento da atividade com os alunos da Associação de Capoeira Libertação



Fonte: A autora (2024)

Ainda à convite do mestre Pintinhas, fui recebida na casa de sua sogra para experimentar um prato típico da região Sul de Moçambique e que segundo ele, eu não poderia deixar de conhecer. O referido prato foi chima (uma pasta preparada à base de farinha de milho), cacana (uma erva cozida com amendoim) e um peixe chamado magumba. Fui recebida com muito acolhimento e pude ouvir algumas histórias sobre a cultura e costumes dos membros da Igreja Zione, conhecida por ser uma religião africana com raízes históricas de resistência até os dias atuais.

Figura 28- Experiência comunitária e resgate da história e costumes africano



Fonte: A autora (2024)

Em conversas informais, pedi ao mestre que respondesse algumas questões para que pudesse inserir posteriormente no presente relatório. As questões apresentadas foram criadas por mim após essa vivência comunitária. Com sua autorização, segue abaixo seu relato:

1. O que significa para você ser africano?

“Ser africano é carregar no corpo e na alma a força dos nossos ancestrais. É viver e sentir a história que nossos antepassados escreveram com suor, lágrimas e luta. É dançar, cantar e lutar, mantendo viva a herança que nos foi passada. Na capoeira, eu sinto essa conexão com a África, com a resistência dos que vieram antes de nós, e é minha missão transmitir isso às próximas gerações.”

2. Como a capoeira pode auxiliar no fortalecimento da identidade?

“Capoeira fortalece a identidade porque nos conecta com nossas raízes, nossa história e nossa ancestralidade. É resistência, é pertencimento, é aprender quem somos por meio da música, do corpo e da comunidade. Ela ensina a ter orgulho das nossas origens e a usar isso como força para enfrentar o mundo

3. Qual a importância da capoeira na sua percepção

“A capoeira é tudo. É história, cultura, resistência e transformação. Ela nos ensina a lutar sem perder a alegria, a respeitar nossas raízes e a enxergar o mundo com malícia e sabedoria. Mais que uma arte, é um caminho de autoconhecimento e conexão com a nossa ancestralidade.”

4. Como a Igreja Zione surgiu e qual a sua importância para o povo africano?

“A Igreja Zione surgiu no final do século XIX e início do século XX como parte das Igrejas Independentes Africanas, adaptando o cristianismo às culturas africanas. Foi criada em resposta à imposição das igrejas missionárias europeias, integrando práticas africanas como danças, música e curas espirituais. Sua importância está no resgate da identidade cultural, resistência ao colonialismo, fortalecimento comunitário, promoção de espiritualidade e cura, e afirmação da autonomia africana. É um símbolo de resistência e autenticidade cultural para o povo africano”

Foi extremamente importante as vivências desses encontros e contribuiu para compreender mais sobre a história do povo africano e vivenciar na prática grupos que encontraram na capoeira uma forma de preservar a identidade africana e lutar pela emancipação das marcas deixadas pelo colonialismo.

7.5. Demonstração e comparativo específico das metas com os resultados alcançados

Os objetivos específicos propostos foram:

- a. Caracterizar os impactos psicossociais decorrentes do processo de colonização e as práticas utilizadas para promoção da saúde mental da população negra em Moçambique.**

Os resultados foram alcançados e apresentados nas seções (I) Afrocentricidade e africanidade: reflexões emergentes em Moçambique e (II) A produção de conhecimento Brasil x Moçambique

- b. Conhecer projetos pedagógicos de pesquisa ligados, ensino e extensão que tenham como objeto de estudo o desenvolvimento infantojuvenil no curso de Psicologia da Universidade Eduardo Mondlane.**

De acordo com os resultados apresentados obtidos através de entrevista e inserção ecológica no contexto universitário, não existem projetos de pesquisa, ensino e extensão ligados ao curso de Psicologia e, portanto, não foi possível cumprir este objetivo.

- c. Aprender sobre práticas coletivas de cuidado com a saúde mental que objetivem a convivência familiar e comunitária a partir da realidade sociocultural local com profissionais da Psicologia.**

Considero a capoeira como uma prática de cuidado comunitária e que constroio estratégias de saúde mental através das experiências coletivas de resgate da história e cultura africana.

- d. Fazer inserção ecológica em ambientes de convívio social de adolescentes Moçambicanos.**

Além das atividades desenvolvidas e descritas nesse relatório, de maneira informal pude conviver com crianças e adolescentes que moram no bairro T3 na cidade da Matola (vizinha a Maputo). Em encontros e conversas informais pude criar vínculos,

conversar sobre as curiosidades apresentadas por elas acerca da cultura brasileira, aprender sobre danças e músicas moçambicanas e de países vizinhos. Foram momentos de muita diversão e criação de laços.

e. Contribuir para o desenvolvimento de práticas de combate ao racismo através de estratégias de letramento racial direcionadas para adolescentes brasileiros.

Ao retornar ao Brasil, acredito que o aprimoramento da minha pesquisa de Doutorado poderá ser realizado ampliando principalmente o Programa Ginga para que possa oferecer mais atividades que contemplem a vivência teórica e prática da cultura moçambicana, principalmente no que concerne ao conhecimento da cultura e raízes africanas.

Uma análise acerca das discrepâncias observadas na condução da pesquisa foi possível ao finalizar a experiência do Doutorado sanduíche. Diferentes questões atravessaram a pesquisa e afetaram um melhor aproveitamento dessa vivência, a saber:

a. Realidade política em Moçambique

Em 09 de Outubro o povo moçambicano exerceu seu direito ao voto, indo às urnas para escolha do novo presidente. A tensão política vivida em Moçambique, pós eleitoral, veio a se agravar devido a falta de transparência nas divulgações de resultados eleitorais, que favorecia o partido que está no poder desde a independência. O povo moçambicano se levantou contra os resultados alegando fraude nas eleições e juntamente com o candidato que teria sido verdadeiramente eleito, Venâncio Mondlane, organizaram-se em diferentes manifestações pelo país.

Isso resultou em muitos conflitos e mortes principalmente na região sul do país, principalmente na província de Maputo. O povo resistia e o governo respondia com violência na tentativa de silenciar as ações. Com isso, semanalmente convivíamos com a expectativa de comunicado do candidato eleito pelo povo para que novas ações fossem organizadas. As manifestações envolviam panelaço, entoar o hino nacional em vias públicas e interdição delas, paralisação de serviços gerais entre outras ações.

No período de Outubro a Dezembro precisei readequar por várias vezes o cronograma proposto em decorrência dessa situação. Com isso, a visita a instituições que trabalham com crianças e adolescentes não foi realizada, bem como a expansão de uma rede de contatos de profissionais que trabalham com práticas de cuidado em saúde coletiva.

Mas ter visto de perto o povo se organizar, se indignar e lutar por seus direitos foi uma experiência importante e no relato de vários moçambicanos essa foi uma ação histórica, nunca vivenciada no país em quase 50 anos do pós-independência.

Figura 29- Ato de manifestação ocorrido na Avenida 24 de Julho em Maputo



Fonte: A autora (2024)

b. Tempo de pesquisa

O estabelecimento dos objetivos de pesquisa foi pensado sem conhecimento aprofundado da realidade moçambicana e portanto, algumas questões dificultaram a condução do estudo. Não havia uma instituição específica para realizar o estudo com os adolescentes e isso despendia um tempo até a criação de vínculo com o local de pesquisa. Enquanto aluna estrangeira não seria simples efetivar a minha inserção em locais de estudo sem uma vinculação prévia e não havia tanto tempo hábil para tal ação. Para estudos posteriores, a experiência me mostrou que realizar esse contato ainda no Brasil é essencial para agilizar o processo de vivência no território de pesquisa, bem como obter maior suporte de uma responsável do país de destino.

c. Equipe de pesquisa

O projeto não previa o suporte de uma equipe de pesquisa, o que se mostrou essencial ao chegar em Moçambique. No entanto, por uma casualidade conheci a aluna Zandia Majope, discente do último ano do curso de Psicologia, que teve papel primordial durante toda a minha pesquisa. O aprendizado a partir dessa experiência foi de que para

conduzir pesquisas no exterior, é essencial contar com o suporte de pessoas naturalizadas no país de destino. Isso irá oferecer maior suporte técnico e pessoal durante a vivência, além de segurança e amparo.

d. Orçamento

O orçamento previsto foi realizado sem uma pesquisa sobre a realidade econômica de Moçambique. A previsão inicial era que minha moradia seria na residência da Universidade, no entanto, não havia condições estruturais e de segurança para minha permanência. Enquanto mulher e estrangeira, eram requisitos necessários para minha permanência no país. Com isso, gastos não previstos com aluguel foram realizados. Além disso, um custo com transporte para me deslocar para o Centro Social Flori foi despendido inclusive para a aluna que integrava a pesquisa, determinando assim novas configurações com o orçamento disponível.

7.6. Conclusão do doutorado sanduíche

Através do método da Inserção Ecológica foi possível construir perspectivas a partir da realidade dos participantes e considerá-los como protagonistas da pesquisa. Nos diferentes contextos analisados, foi possível construir uma análise dos dados considerando que as pessoas já conhecem esse território e sabem muito mais sobre ele do que qualquer pesquisador que ali se apresente.

Acredito que uma das principais expectativas era encontrar em Moçambique caminhos que me indicassem um percurso que auxiliasse no encontro com a afrocentricidade. No entanto uma das constatações que esse estudo trouxe é que o colonialismo ganha novas roupagens para perpetuar o apagamento da história do povo negro.

Compreender as contribuições das perspectivas africanas dos fenômenos psicológicos para reafirmação da negritude na adolescência foi o principal norteador da construção desse projeto de pesquisa e em muitos momentos inserida em Moçambique ecoava uma pergunta: onde estão essas contribuições?

Afirmo que as duas principais fontes de obtenção dessa informação foi a oportunidade de cursar a disciplina de Perspectivas africanas dos fenômenos psicológicos e as vivências comunitárias fora da academia. Na disciplina, pude compreender que na perspectiva africana, o conceito de saúde é experienciado de maneira coletiva onde o bem-estar envolve uma boa relação consigo, com a comunidade e com os antepassados. Rituais, danças e cantos estão envolvidos nos processos de cura que unem cultura e espiritualidade em busca de vitalidade. E

nas experiências comunitárias pude observar na prática a força que esse conceito de saúde tem quando a afrocentricidade está presente. Isso se deu através da construção das relações sociais, me inserindo na realidade das pessoas e considerando a narrativa já existente naquele território.

Considero que esse movimento contribuiu para o fortalecimento da minha identidade enquanto uma mulher negra que busca através da educação, questionar a lógica racista que rege a nossa sociedade. Importante destacar que a experiência vivida em Moçambique provocou uma série de indagações acerca da importância da representatividade pois é indescritível a sensação de estar cercada de pessoas negras por todos os lados. Não me sentia uma mulher negra e sim uma mulher. Refletir sobre a necessidade de lutarmos por políticas afirmativas no Brasil e pela ampliação de pessoas negras nos espaços onde a branquitude ainda se faz hegemônica.

Acerca das questões de pesquisa levantadas, não foi possível compreender com profundidade como acontece a atuação de psicólogos no contexto Moçambicano por escassez de tempo, pois a disponibilidade do cronograma permitiu investigar e vivenciar o contexto dos adolescentes e a realidade no curso de Psicologia dentro da universidade.

Compreender de que forma a identidade étnico-racial é abordada na graduação em Psicologia foi outro objetivo estabelecido e que no decorrer das entrevistas e na aproximação com a universidade foi possível perceber que esta temática é pouco estudada e que ainda que a disciplina de Perspectivas africanas dos fenômenos psicológicos tenha por finalidade compreender a identidade do africano, vem sofrendo modificações significativas em sua estrutura.

Importante destacar que as percepções aqui descritas retratam o território onde me inseri, considerando as percepções dos participantes da pesquisa. Estudos mais robustos acerca da identidade do adolescente moçambicano e da formação em Psicologia, incluindo diferentes contextos de análise, poderão complementar essa pesquisa e responder de forma mais aprofundada às lacunas aqui apresentadas. Moçambique é um país com vasta diversidade étnico-racial e é fundamental dar visibilidade a essa pluralidade de modos de existência.

Retornei ao Brasil consciente de que a busca por epistemologias que abarque as discussões acerca da identidade do africano e de africanos em diáspora é uma via que necessita ser construída de forma ininterrupta pois o colonialismo se modifica e permanece no cotidiano de pessoas negras.

Considero a oportunidade de desenvolver essa pesquisa uma ação de reparação histórica e foi muito significativo ser em território africano pois para mim foi a possibilidade de compartilhar com meus irmãos caminhos para uma liberdade psíquica, cultural e social pois

como afirma Mucale (2023, p.23) “ quando uma parte do todo não está livre, o sistema inteiro está privado de liberdade”.

7.7. Referências

AMOSSE, A. C.; SUBUHANA, C. A dança marrabenta como um dos símbolos da identidade cultural do povo shona e bitonga no Sul de Moçambique: **NJINGA e SEPÉ: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras (ISSN: 2764-1244)**, [S. l.], v. 3, n. Especial II, p. 396–409, 2023. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape/article/view/1497>. Acesso em: 5 jan. 2025.

BRONFENBRENNER, Urie; CECI, Stephen J. Nature-nuture reconceptualized in developmental perspective: A bioecological model. *Psychological review*, v. 101, n. 4, p. 568, 1994

BRONFENBRENNER, Urie. A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CECCONELLO, Alessandra Marques; KOLLER, Sílvia Helena. Inserção ecológica na comunidade: uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. **Psicologia: Reflexão e crítica**, v. 16, p. 515-524, 2003.

CHIZIANE, Paulina; SILVA, Maria do Carmo da. Na mão de Deus. 2016.

CECCONELLO, A. M. **Resiliência e vulnerabilidade em famílias em situação de risco**. 317f. (Tese de doutorado não publicada). Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

DE ASSIS, Jaqueline Tavares et al. Medicina tradicional no Brasil e em Moçambique: definições, apropriações e debates em saúde pública. **O Público e o Privado**, v. 16, n. 31 jan. jun, p. 13-30, 2018.

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Editora Ubu, 2020. 320p.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2019, 248p.

MUCALE, Ergimino Pedro. **Afrocentricidade-Complexidade e Liberdade**. Maputo: Editora Paulinas, 2023, 285p.

NOBLES, Wade. Sakhu Sheti: Retomando e reapropriando um foco psicológico afrocêntricos. In: NASCIMENTO, Elisa (org.). **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009

UNICEF. **Pobreza Infantil Multidimensional em Moçambique**, UNICEF. Moçambique, Maputo, 2020.

APÊNDICES

Apêndice A- Entrevista para adolescentes

(elaborada pela autora)

Nome	
Idade	
Raça	
Religião	
Sexo	
Gênero	

EXO 1 - PERSPECTIVAS DESENVOLVIMENTAIS

1. Como é ser adolescente para você?
2. Você se sente protegido em sua comunidade? E em seu país?
3. Quais são hoje seus maiores desafios na vida?
4. Escreva coisas que você mais gosta (incluindo costumes e preferências)
5. Seus sonhos na vida, me fale sobre eles
6. Se pudesse mudar alguma coisa no mundo, o que seria? E ao seu redor?
7. Conhece algo sobre políticas de proteção aos adolescentes?

EIXO 2- CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

1. Você sabe o que é identidade étnico-racial? Já estudou sobre esse tema antes? Explique um pouco
2. Quais são atividades que estimulam você a conhecer sua identidade cultural? Você acha isso importante? Por quê?
3. A escola trabalha algo que te conecta a sua identidade cultural?
4. O que significa para você pertencer a esse grupo étnico-racial?
5. O que você sabe sobre o racismo?
6. Você já estudou sobre a colonização na escola? Explique sua resposta.
7. Você observa desvantagens sofridas pelo povo negro na sociedade?
8. Poderia dar uma sugestão sobre como podemos estimular nossa cultura nas escolas e em nossa comunidade?

Apêndice B – Entrevista para estudantes de Psicologia

(elaborada pela autora)

Nome	
Idade	
Raça	
Sexo	
Gênero	
Período	

1. Como foi seu processo educacional até a entrada na Universidade?
2. Fale sobre sua escolha pela Psicologia
3. Quais são suas principais expectativas sobre sua formação?
4. Você conhece e/ou participa de projetos de extensão oferecidos pelo curso?
5. Conhece Psicologia Africana? O que sabe sobre....
6. Estudo/estuda sobre as relações étnico-raciais? O que você sabe sobre os impactos da colonização e do racismo na saúde mental de pessoas negras?
7. Em qual área pretende atuar após finalizar o curso?
8. Como a Psicologia pode contribuir para o desenvolvimento de crianças e adolescentes moçambicanos?

Apêndice C – Entrevista para docentes do curso de Psicologia

(elaborada pela autora)

1. Quais são os principais desafios encontrados para lecionar sua disciplina?

Nome	
Idade	
Raça	
Sexo	
Gênero	
Disciplina que ministra	
Formação:	
Tempo de instituição:	
Local de formação	
Ano de formação:	
Áreas de concentração dos seus estudos	

2. Existem articulações entre a teoria e prática ofertadas aos alunos?
3. De que forma os impactos da colonização e do racismo articulam-se com sua disciplina e de que maneira são trabalhados em sala de aula?
4. Quais as potencialidades do curso de Psicologia da UEM?
5. Conhece psicologia Africana? O que sabe? Faz parte do currículo?

Apêndice D - Aprovação Comitê de Ética UEM

Comitê de Ética em Investigação da UEM (CEI-UEM)

Exma. Sra^a. Doutoranda Sandra Duarte
Antão Faculdade de Educação
Universidade Eduardo Mondlane

Ref.006/CEI-UEM/2024

28 de Outubro de 2024

Assunto: Avaliação do Comité de Ética do Protocolo de estudo intitulado: “*Contribuições da perspectiva africana dos fenómenos psicológicos para reafirmação da negritude na adolescência*”.

O Comité de Ética em Investigação da UEM (CEI-UEM) avaliou o protocolo do estudo supracitado após a validação de todos os documentos submetidos. De referir que se encontra registado no CEI-UEM com o número 006/CEI-UEM/2024. O protocolo do estudo submetido tem como objectivo geral “*conhecer epistemologias aplicadas no desenvolvimento da identidade étnico-racial para valorização da história, cultura e ancestralidade africana no contexto Moçambicano*”. A população de estudo inclui grupo de adolescentes e estudantes e docentes de Psicologia. Os procedimentos éticos a serem observados durante a implementação da pesquisa, depois de revistos e a versão actualizada re-submetida pela requerente, foram considerados adequados aos propósitos do estudo e ao grupo-alvo.

Assim, após a reavaliação da versão revista, o CEI-UEM **aprova o protocolo de pesquisa supracitado**, de acordo com as atribuições definidas na Deliberação No: 10/CUN/2021 relativa ao Regulamento do Comité em Investigação da Universidade Eduardo Mondlane, datada de 11 de Junho de 2021.

De referir que esta aprovação tem a validade de 12 meses, a contar a partir da data acima indicada. Recomenda-se ainda que, no final do projecto, seja partilhado o Relatório para fins administrativos do CEI-UEM. Eventuais dúvidas ou esclarecimentos que considere necessários, contacte o Gabinete do CEI-UEM.

O Presidente do CEI-UEM,



Prof. Doutor Mohsin Sidat

(Professor Associado)

Av. Julius Nyerere, nº 3453, Gabinete 1, 3º Piso, Campus Principal, C. Postal 257, Email: comité.etica@uem.mz ; Maputo - Moçambique

Apêndice E - Carta de Anuência

Solicitamos autorização institucional para realização da pesquisa intitulada **Contribuições da perspectiva africana dos fenômenos psicológicos para reafirmação da negritude na adolescência**” a ser realizada no Centro Social Flori – Missionárias Dominicanas do Rosário localizado no Bairro do Romão-Mahotas, Quarteirão 16, Rua da Linha Maputo, Moçambique. O referido projeto tem por objetivo **conhecer epistemologias aplicadas no desenvolvimento da identidade étnico-racial para valorização da história, cultura e ancestralidade africana no contexto Moçambicano**. Estará sob responsabilidade de Sandra Duarte Antão, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPGSI da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/Brasil, sob orientação do Prof. Dr. Ana Claudia de Azevedo Peixoto e sob orientação do Prof. Doutor Augusto Joaquim Guambe da Universidade Eduardo Mondlane. Para atingir o objetivo proposto serão selecionados 10 adolescentes com idade entre 12 e 18 anos que irão responder perguntas previamente elaboradas com conteúdo referente a perspectivas do ser adolescente moçambicano.

Para iniciar o estudo, será apresentado aos adolescentes o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) no qual serão explicados os objetivos da pesquisa, bem como serão informados os possíveis riscos: sentir algum desconforto ao falar algo de cunho pessoal. O adolescente também deverá obter autorização de um responsável através do TCLE (Termo de consentimento livre e esclarecido). Para minimizar os possíveis riscos oriundos dessa proposta de intervenção, poderá ser oferecido ao participante acolhimento e escuta psicológica bem como direcionamento individualizado caso se faça necessário. Serão orientados sobre os seguintes benefícios: fortalecimento da identidade étnico-racial, acesso à história e a cultura que envolvem o povo negro, conhecimento sobre a importância da diversidade étnico-racial.

Será informado aos participantes que a qualquer momento o mesmo poderá desistir da pesquisa sem prejuízo maior, sendo apenas informado de que não alcançará os possíveis benefícios que poderiam ser atingidos ao finalizar o processo. Caso haja alguma despesa relacionada ao deslocamento, a pesquisadora se compromete fazer o ressarcimento dos valores utilizados. Garantimos a todos os participantes a oportunidade de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa. Não haverá nenhuma despesa para esta instituição que seja decorrente da participação. No caso do não cumprimento dos itens acima, a instituição terá a liberdade de retirar a anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma.

Ressaltamos que os dados coletados serão tratados de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) 466/12 que versa sobre a Pesquisa envolvendo Seres Humanos. Salientamos ainda que tais dados sejam utilizados tão somente para realização deste estudo. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e endereço da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o estudo e a sua participação, agora ou a qualquer momento. Eu, pesquisadora, estou compromissada com o Código de Ética Profissional do Psicólogo e com a Resolução CNS 466/12 sobre Pesquisas com seres Humanos, assegurando total sigilo quanto aos dados obtidos durante a

pesquisa. Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho desta Diretoria, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Ana Cláudia Peixoto – SIAPE: 1808252
(Professora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRRJ).
Tel.: 21999417759.
E-mail: claudiaaapeixoto@gmail.com

Sandra Duarte Antão
Doutoranda do PPGPSI - UFRRJ
Tel (24) 999052179
E-mail: psisandra.anta@gmail.com

Mafalda de Jesus Carreiro Moniz
Coordenadora do Centro Social Flori
Passaporte: **CE704714**

Tel: (+351) 961835099
E-mail: mafaldamoniz@gmail.com

<input type="checkbox"/> Concordamos com a solicitação	<input type="checkbox"/> Não concordamos com a solicitação
--	--

Maputo, 01 de outubro de 2024

APÊNDICE F - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Assinado pelos responsáveis)

1) Você está sendo convidado(a), como voluntário(a) a autorizar a participação de seu filho (a) na pesquisa intitulada : **Contribuições da perspectiva africana dos fenômenos psicológicos para reafirmação da negritude na adolescência** Esta é vinculada ao Projeto de Tese de Doutorado apresentado ao programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRJ em parceria com a Universidade Eduardo Mondlane. 2) Nesta pesquisa pretendemos **Conhecer epistemologias aplicadas no desenvolvimento da identidade étnico-racial para valorização da história, cultura e ancestralidade africana no contexto Moçambicano**. O motivo que nos leva a estudar esse assunto é poder contribuir para o desenvolvimento da identidade étnico-racial na adolescência, incentivar práticas antirracistas e apoiar a diversidade racial no Brasil. 3) O adolescente será convidado a responder algumas perguntas sobre o processo de formação de sua identidade enquanto adolescente negro na realidade de Moçambique. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. As perguntas terão duração aproximada de 01(uma) hora de duração.) Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. Poderá retirar o consentimento ou interromper a participação do adolescente a qualquer momento. A participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pela pesquisadora que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em riscos mínimos, como por exemplo, o adolescente sentir algum desconforto ao falar algo de cunho pessoal. Para minimizar os possíveis riscos oriundos dessa proposta de intervenção, poderá ser oferecido ao participante acolhimento e escuta psicológica bem como direcionamento individualizado caso se faça necessário. Como benefícios contribuição para fortalecimento da identidade étnico-racial de jovens afrodescendentes e para produção de conhecimento para luta antirracista. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizado o estudo. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Eu, _____, declaro que fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar dessa pesquisa.

Maputo, _____ de _____ de 20 ____.

Nome completo/Assinatura do responsável

Pesquisadora responsável: Sandra Duarte Antão (Doutoranda do PPGPSI – UFRJ)

Tel (24) 999052179 E-mail: psisandra.anta@gmail.com

APÊNDICE G - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Assinado pelos adolescentes)

1) Você está sendo convidado(a), como voluntário(a) a participar da pesquisa intitulada: **Contribuições da perspectiva africana dos fenômenos psicológicos para reafirmação da negritude na adolescência** Esta é vinculada ao Projeto de Tese de Doutorado apresentado ao programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRJ em parceria com a Universidade Eduardo Mondlane. 2) Nesta pesquisa pretendemos **Conhecer epistemologias aplicadas no desenvolvimento da identidade étnico-racial para valorização da história, cultura e ancestralidade africana no contexto Moçambicano**. O motivo que nos leva a estudar esse assunto é poder contribuir para o desenvolvimento da identidade étnico-racial na adolescência, incentivar práticas antirracistas e apoiar a diversidade racial no Brasil. 3) Você será convidado a responder algumas perguntas que pretende averiguar as potencialidades e desafios de ser um jovem negro em desenvolvimento em uma cidade onde a identidade étnico-racial predominante é a negra. Conhecer sua relação com a cultura, assimilação dos valores ancestrais, possibilidades de lazer, perspectivas na construção de futuro, entre outras questões. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. As perguntas terão duração aproximada de 01(uma) hora de duração. 4) Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. Poderá retirar o consentimento ou interromper a participação do adolescente a qualquer momento. A participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pela pesquisadora que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em riscos mínimos, como por exemplo, o adolescente sentir algum desconforto ao falar algo de cunho pessoal. Para minimizar os possíveis riscos oriundos dessa proposta de intervenção, poderá ser oferecido ao participante acolhimento e escuta psicológica bem como direcionamento individualizado caso se faça necessário. Como benefícios contribuição para fortalecimento da identidade étnico-racial de jovens afrodiáspóricos e para produção de conhecimento para luta antirracista. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizado o estudo. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Eu, _____, declaro que fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar dessa pesquisa.

Maputo, ____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do adolescente

Pesquisadora responsável: Sandra Duarte Antão (Doutoranda do PPGPSI – UFRJ) (24) 999052179 E-mail: psisandra.antao@gmail.com

APÊNDICE H - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- Assinado pelos acadêmicos de Psicologia

1) Você está sendo convidado(a), como voluntário(a) a participar da pesquisa intitulada: **Contribuições da perspectiva africana dos fenômenos psicológicos para reafirmação da negritude na adolescência** Esta é vinculada ao Projeto de Tese de Doutorado apresentado ao programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRRJ em parceria com a Universidade Eduardo Mondlane.

2) Nesta pesquisa pretendemos **Conhecer epistemologias aplicadas no desenvolvimento da identidade étnico-racial para valorização da história, cultura e ancestralidade africana no contexto Moçambicano**. O motivo que nos leva a estudar esse assunto é poder contribuir para o desenvolvimento da identidade étnico-racial na adolescência, incentivar práticas antirracistas e apoiar a diversidade racial no Brasil.

3) Você será convidado a responder algumas perguntas que terão como objetivo conhecer a trajetória acadêmica no que concerne às principais epistemologias aprendidas, desafios teóricos-metodológicos sobre os campos de atuação bem como a influência sociocultural na formação.

4) Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. A participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pela pesquisadora que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em riscos mínimos, como por exemplo, sentir algum desconforto ao falar algo de cunho pessoal. Para minimizar os possíveis riscos oriundos dessa proposta de intervenção, poderá ser oferecido ao participante acolhimento e escuta psicológica bem como direcionamento individualizado caso se faça necessário. Como benefícios contribuição para fortalecimento da identidade étnico-racial de jovens afrodiáspóricos e para produção de conhecimento para luta antirracista. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizado o estudo. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você.

Eu, _____, declaro que fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar dessa pesquisa.

Maputo, ____ de _____ de 20 ____.

Nome completo/Assinatura

Pesquisadora responsável: Sandra Duarte Antão (Doutoranda do PPGPSI – UFRRJ)

Tel (24) 999052179 E-mail: psisandra.antao@gmail.com

APÊNDICE I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos profissionais

1) Você está sendo convidado(a), como voluntário(a) a participar da pesquisa intitulada : **Contribuições da perspectiva africana dos fenômenos psicológicos para reafirmação da negritude na adolescência** Esta é vinculada ao Projeto de Tese de Doutorado apresentado ao programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRRJ em parceria com a Universidade Eduardo Mondlane. 2) Nesta pesquisa pretendemos **Conhecer epistemologias aplicadas no desenvolvimento da identidade étnico-racial para valorização da história, cultura e ancestralidade africana no contexto Moçambicano**. O motivo que nos leva a estudar esse assunto é poder contribuir para o desenvolvimento da identidade étnico-racial na adolescência, incentivar práticas antirracistas e apoiar a diversidade racial no Brasil. 3) Você será convidado a responder algumas perguntas sobre a prática docente em disciplinas relacionadas ao campo da infância e adolescência, com temáticas que envolvam: perspectivas do desenvolvimento humano, métodos de pesquisa e intervenção, relações familiares e comunitárias e epistemologias africanas na atuação do Psicólogo. Além de procurar conhecer o Plano de Ensino e atividades pedagógicas existentes, será convidado a contribuir com sugestões e indagações para a construção de uma formação em Psicologia mais plural e diversa. 4) Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. A participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pela pesquisadora que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em riscos mínimos, como por exemplo, sentir algum desconforto ao falar algo de cunho pessoal. Para minimizar os possíveis riscos oriundos dessa proposta de intervenção, poderá ser oferecido ao participante acolhimento e escuta psicológica bem como direcionamento individualizado caso se faça necessário. Como benefícios contribuição para fortalecimento da identidade étnico-racial de jovens afrodescendentes e para produção de conhecimento para luta antirracista. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizado o estudo. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Eu, _____, declaro que fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar dessa pesquisa.

Maputo, _____ de _____ de 20 ____.

Nome completo/Assinatura do participante

Pesquisadora responsável: Sandra Duarte Antão (Doutoranda do PPGPSI – UFRRJ)

Tel (24) 999052179 E-mail: psisandra.antao@gmail.com

APÊNDICE J – Termo de autorização de uso de imagem e som

Eu, _____
_____, nacionalidade _____, portador do documento de identificação
nº. _____, residente à Av./Rua _____, nº.
_____, município de _____/RJ, Tels: _____;
E-mail: _____. Autorizo o uso de minha imagem
em todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para ser utilizada pelo
Laboratório de Estudos sobre Violência contra Crianças e Adolescentes (LEVICA), da
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRRJ), e também nas peças de comunicação que
será veiculada nos canais do laboratório. A presente autorização é concedida a título gratuito,
abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e internacional,
das seguintes formas: (I) home page; (II) mídia eletrônica (vídeo-tapes, televisão, cinema, entre
outros).

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão
de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito
sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer
outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

_____ (local), dia _____ de _____ de

(Assinatura)

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS DA TESE

Construir uma pesquisa onde um dos principais objetivos é lutar contra uma estrutura de poder exigiu persistência, coragem, ações coletivas e a busca por saberes que não se limitavam aos muros da academia. Compreender a construção da identidade da pessoa negra é uma tarefa complexa, que perpassa muitos labirintos que objetivam cotidianamente o apagamento histórico que constitui sua subjetividade.

Para reconhecer outras estratégias, o acesso ao conhecimento pode se mostrar como uma saída. No entanto, mais uma vez a trave do racismo insiste em impedir que o alvo da negritude seja atingido. É uma realidade no cenário brasileiro o apagamento epistemológico que a Psicologia apresenta e, portanto, graves reflexos são observados através das lacunas para o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento à desigualdade racial no país.

Através da vivência na comunidade com os adolescentes, as questões pesquisa foram revelando-se: quais os efeitos do racismo no processo de desenvolvimento da identidade? Como a construção da identidade étnico-racial de adolescentes é investigada na literatura nacional? A diversidade étnico-racial tem sido avaliada como fator protetivo ao desenvolvimento? Como os adolescentes participantes deste estudo percebem o processo de formação de sua identidade étnico-racial? Quais estratégias podem colaborar para o desenvolvimento da identidade étnico-racial de adolescentes? Quais seriam os efeitos observados nos adolescentes?

A construção do Programa Ginga sobretudo buscou ser uma resposta para todo o processo de invisibilização que o adolescente negro sofre em seu desenvolvimento, para que pudessem ser instrumentalizados através do conhecimento político, social e cultural para fortalecimento de sua identidade e para os adolescentes não negros, um caminho para reflexões acerca da importância da diversidade étnico-racial para uma sociedade mais democrática e justa.

O percurso teórico metodológico, foi possível através da Inserção Ecológica, para efetivar a construção do programa estudar os processos de construção da identidade do adolescente negro no contexto periférico brasileiro. O método de investigação da Inserção utilizado na construção dessa pesquisa foi crucial para uma análise da complexidade de fatores envolvidos na intersecção entre raça e classe social. A construção do vínculo e o reconhecimento do protagonismo dos participantes possibilitou estruturar os principais conceitos a serem trabalhados e de que forma a busca na literatura poderia auxiliar no delineamento do programa.

A literatura apontou que a identidade da pessoa negra é estudada sob dois principais aspectos: efeitos de uma cultura da exclusão e do embranquecimento causados pelo racismo e indicou ainda algumas pesquisas apontando para a importância da reafirmação da negritude para fortalecimento a nível individual e coletivo.

O Programa Ginga viabilizou o acesso ao conhecimento e, portanto, se tornou uma estratégia de resistência nos espaços onde foi aplicado. Um estudo de abordagem qualitativa possibilitou destacar a narrativa dos participantes, evidenciando sua realidade e contribuindo para discursos emancipatórios.

Ao ser inserido no contexto escolar, o Programa apresentou uma série de adaptações necessárias e que somente no campo foi possível perceber. A primeira foi adaptar a própria estrutura de aplicação dos encontros bem como as atividades desenvolvidas, pois a diversidade de realidades encontradas em sala exigiu flexibilidade e mudança metodológica para que alunos com Transtorno do espectro autista, Mutismo Seletivo e outras condições pudessem ser incluídos. Mas também se mostrou como uma importante ferramenta pedagógica aos alunos que puderam adquirir conhecimentos acerca da identidade afro-brasileira e fortalecer a importância do povo negro no país. Além disso, a aplicação no contexto escolar indicou a importância da realização de discussões a nível das Políticas Públicas relacionadas a luta antirracista no contexto escolar.

Tanto no contexto comunitário quanto escolar, inserir atividades lúdicas na metodologia tornou o processo de aprendizagem mais dinâmico e facilitou a adesão dos adolescentes para que pudessem compreender temas complexos. As atividades vivências permitiram maior integração do grupo e facilidade para estruturar os debates. Propor atividades em que o conhecimento não é transmitido de maneira vertical possibilita perspectivas diversas foi um dos compromissos do programa.

A vivência das atividades voltadas para cultura afro-brasileira e o turismo afrocêntrico foram uma oportunidade para reconhecer a luta e a importância de pessoas que estão no caminho resistindo e abrindo trilhas para que hoje programas como o Ginga, estivessem sendo produzidos na academia, questionando a lógica elitista de produção de conhecimento no país.

Os efeitos observados em todos os adolescentes foram a aquisição de ferramentas para o combate ao racismo nos diferentes contextos em que se encontram e para os adolescentes negros o Ginga se mostrou como uma estratégia de empoderamento e reconhecimento de sua negritude, com orgulho de pertencer a esse grupo racial. Para todos os participantes ter acesso a história que muitas vezes não é contada possibilitou maior compreensão sobre a importância do negro na história do Brasil e o reconhecimento dos privilégios que a branquitude mantém

vivos cotidianamente. Percebeu-se assim que o Ginga pode ser compreendido como um Programa que tem potencial para gerar proteção ao desenvolvimento de adolescentes pois estimulou a autoestima, favoreceu habilidades socioemocionais e impulsionou a empatia.

A avaliação da aquisição dessas habilidades se deu através da percepção dos membros da equipe de pesquisa, nos relatos dos participantes e nas atitudes observadas durante os encontros. No entanto, para estudos futuros indica-se uma avaliação mais robusta acerca dos impactos do Ginga nessas habilidades e uma análise longitudinal desses resultados. No contexto escolar é fundamental que a inserção do Ginga esteja alinhada com toda a equipe pedagógica e portanto, recomenda-se um treinamento para os professores para que possam contribuir com as ações desenvolvidas na escola. Além disso, um estudo detalhado sobre o regimento escolar é primordial pois alguns alunos apresentaram situações em que sofreram racismo na escola mas ao procurar ajuda, não recebiam devido acolhimento e a pessoa racista ficava impune, gerando assim sensação de frustração.

Destaque no delineamento dessa tese deve ser direcionado a presença das equipes de pesquisa ao longo da construção, aplicação e ajustes do programa pois foi essencial para que o trabalho pudesse ser conduzido de maneira ética, com muito empenho e dedicação. A cada encontro poder compartilhar as principais percepções colhidas por cada membro, auxiliou a perceber potencialidades e fragilidades do programa. Construir uma equipe com pessoas engajadas na luta antirracista fez desse trabalho um projeto coletivo que voltou para comunidade com muito significado.

Por fim, ser contemplada com uma Bolsa de Doutorado Sanduíche, escolher ir para Moçambique e estar em território africano foi uma das formas mais significativas de finalizar essa etapa. Sou mulher, preta, nascida na periferia da cidade de Volta Redonda, sem nenhuma experiência fora do Brasil e vivenciei na prática a importância da ginga nos contextos por onde passei. Ser aprovada em um edital que leva o nome de Beatriz Nascimento, uma mulher negra que teve grande relevância na luta pela justiça racial e valorização da história do povo negro me deu a dimensão da oportunidade que estava em minhas mãos. Saber que o processo eletivo recebeu 546 propostas, que 86 pesquisadoras foram aprovadas e eu fui uma delas foi a certeza de que não era somente a minha realização que estava acontecendo, mas a de muitas pessoas negras que vieram antes e daquelas que ainda virão. Sou atlântica e seguirei aprendendo a lutar, recuar e sempre resistir. Isso é Ginga!